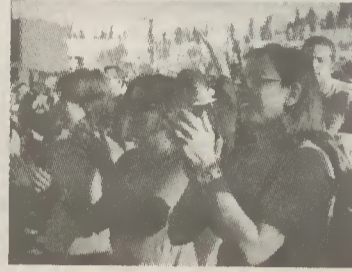


Avante!

26.ª festa do Avante!



A festa



que a juventude



fez sua



«Com as nossas convicções, com os nossos valores, com o nosso património de luta, aqui estamos na Atalaia, nesta bela Festa do Avante!, nestes três dias de festa que a juventude fez sua.»

Do discurso de Carlos Carvalhas no comício de encerramento

Págs. 4 a 11

Música e outras artes

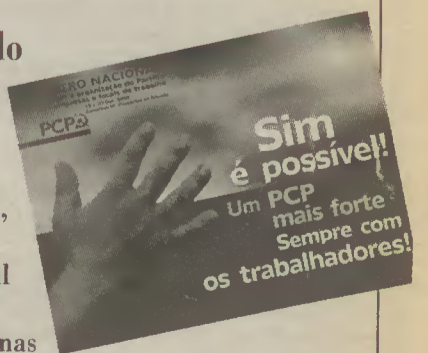
O Concerto de Abertura da Festa foi, mais uma vez, um grande sucesso musical e de público. À Orquestra Metropolitana de Lisboa juntaram-se Sérgio Godinho e o pianista português Artur Pizarro, que interpretou o Concerto para Piano e Orquestra n.º 2, de Serge Rachmaninoff. E houve outros espectáculos. E desporto. E teatro. E livros. E a fraternidade do convívio. **Págs. 12 e seguintes**



Encontro Nacional do PCP

Sobre a acção e organização do Partido nas empresas e locais de trabalho
19 e 20 de Outubro 2002

Publicamos hoje um projecto de documento que, reflectindo decisões e orientações do Partido aprovadas no XVI Congresso, no Comité Central e mais recentemente na Conferência Nacional, é uma base que contém também claramente lacunas e deficiências que devem constituir um estímulo à sua superação e à reflexão, contribuição e aprofundamento dos militantes e organizações do Partido e necessitará de possíveis actualizações tendo em conta a evolução da situação política e social até à realização do Encontro Nacional. **Págs. 19 a 22**



Avante!
Proletários de todos os países
UNI-VOS!

PROPRIEDADE
Partido Comunista Português
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 38 00

ADMINISTRAÇÃO
Editorial «Avante!», SA
Av. Gago Coutinho
121/1700 Lisboa
Capital social:
€ 125 000.
CRC matrícula: 47058.
NIF — 500 090 440

DIREÇÃO E REDACÇÃO
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 71 90/91
Fax: 21 781 71 93
E-mail:
avante.pcp@mail.telepac.pt
Web:
http://www.pcp.pt

Director
José Casanova

Chefe de Redacção
Leandro Martins

Chefe Adjunto
Anabela Fino

Redactores
Carlos Nabais
Domingos Mealha
Gustavo Carneiro
Henrique Custódio
Isabel Araújo Branco
João Chasqueira
Margarida Folque
Miguel Inácio

Grafismo
José Araújo

Fotografia
Jorge Caria
Jorge Cabral

Secretaria da Redacção
Ivone Dias Lourenço
Noémia Presúncia

DISTRIBUIÇÃO
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial Avante!
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

Alterações de remessa
Até às 17 horas
de cada sexta-feira:
Tel. 218 429 836

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTA PRESS
Delegação Lisboa:
Tapada Nova - Capa Rota
Linhó - 2710 Sintra
Tel. 21 923 99 21
Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia
Tel. 22 941 76 70

ASSINATURAS
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

TABELA DE ASSINATURAS*
(IVA e portes incluídos)

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)	50 números: 9 000\$00 44,90 euros
25 números:	4 600\$00 23,00 euros
EUROPA	50 números: 23 000\$00 114,75 euros
EXTRA-EUROPA	50 números: 33 000\$00 164,60 euros

*Enviar para
Editorial «Avante!»
nome, morada
com código Postal
e telefone
a acompanhar cheque
ou vale de correio.

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
Campo Raso
2710 - 139 Sintra
Depósito legal n.º 205/85



Festa do Avante!, XXVI edição

Resumo

4 Quarta-feira

O Tribunal de Contas recusa conceder o visto a contratos de empréstimo bancário de oito câmaras municipais do país (quatro da CDU, três do PS e uma da PSD), invocando a entrada em vigor da Lei de 5 de Junho que «fixa» os limites de endividamento das autarquias ● Termina em Joanesburgo, na África do Sul, a Cimeira Mundial Sobre Desenvolvimento Sustentável, com resultados muito abaixo das expectativas e necessidades sobre um ambiente sustentável ● Os países árabes e a União Europeia (UE) reafirmam a sua oposição a um ataque americano ao Iraque sem um mandato da ONU.

5 Quinta-feira

Segundo o Diário de Notícias, verificou-se uma queda significativa na previsão das receitas fiscais obtidas até agora, com a «colheita» de IRC a diminuir abruptamente em relação ao ano passado e o IVA, apesar do aumento de 17 para 19%, a crescer apenas 6%, quando o Governo esperava um aumento de 9,7% ● O presidente interino do Afeganistão, Hamid Karzai, sobrevive ileso a uma tentativa de assassinio a tiro na cidade de Kandahar, antigo bastião do regime talibã, horas depois de um atentado bombista ter provocado 30 mortos civis em Cabul. Ambos os atentados são atribuídos à Al-Qaeda.

6 Sexta-feira

Abre na Quinta da Atalaia, no Seixal, a XXVI edição da Festa do Avante! registando uma imensa multidão de visitantes ● A Entidade Reguladora dos Serviços Energéticos anuncia, já para 1 de Outubro, um abaixamento de 7,3% nos preços da electricidade para as pequenas e médias empresas ● Os EUA e a Grã-Bretanha efectuem bombardeamentos maciços no Sul do Iraque, na chamada zona de «exclusão aérea», enquanto o presidente dos EUA George W. Bush contacta os dirigentes da Rússia, China e França para obter o seu assentimento a uma guerra norte-americana contra o Iraque, obtendo uma inequívoca recusa de todos eles.

7 Sábado

O arquitecto português Siza Vieira é distinguido com o Leão de Ouro da Bienal de Arquitectura de Veneza, actualmente na sua 8.ª edição. Foi premiado um trabalho do artista realizado no Brasil, o projecto da Fundação Iberê Camargo, de Porto Alegre

● Abre, com grande sucesso, em Salamanca a exposição de obras do pintor português Grão Vasco, no âmbito de Salamanca Capital Europeia da Cultura 2002 ● Morre aos 98 anos o grande pianista Vlado Perlemuter, genial intérprete particularmente de Maurice Ravel (que conheceu pessoalmente). Era lituano de nascimento e naturalizado francês desde os quatro anos ● George W. Bush e Tony Blair, após um encontro de três horas, ficam sozinhos na sua «firme decisão» de fazer guerra ao Iraque.

8 Domingo

Termina a XXVI Festa do Avante!, este ano também «visitada» pela chuva durante algumas horas de domingo, o que não afastou a imensa multidão que a visitou ● O mercado automóvel português caiu 9,2% nos primeiros oito meses e não há qualquer perspectiva de recuperação ● Num primeiro balanço feito pela fundação alemã de monumentos históricos, as inundações que atingiram a Alemanha em Agosto danificaram pelo menos 115 monumentos, muitos deles em risco de não serem recuperáveis. Entretanto, na China o tufão Sinlaku já fez 20 mortos e está a colocar 300 mil pessoas em risco.

9 Segunda-feira

O Presidente da República, Jorge Sampaio, promulga a chamada «lei dos supranumerários», que permite ao Governo transferir a seu bel-prazer os 10 mil trabalhadores cujos organismos foram extintos ou reestruturados ● A Comissão Europeia aceita a desagregação da região de Lisboa e Vale do Tejo para melhorar a distribuição dos fundos comunitários a partir de 2007 ● A televisão árabe Al-Jazeera difunde uma gravação sonora atribuída a Ben Laden, onde este reivindica explicitamente os atentados de 11 de Setembro ● Cai o governo de coligação na Áustria, por pressão do líder de extrema-direita Joerg Haider.

10 Terça-feira

Ministério Público esclarece não existir qualquer dado adicional ao caso Moderna que justifique instauração de novo processo ao actual ministro da Defesa, Paulo Portas ● Proximidade do 11 de Setembro gera medidas de segurança máxima nos EUA e em várias zonas do mundo ● Durão Barroso encontra-se com George Bush, a quem manifesta apoio a um eventual ataque dos EUA ao Iraque ● Ariel Sharon ameaça de guerra o Líbano caso este país desvie águas do rio Hasbani.

Aconteceu

Menos 20 mil alunos

A população escolar está a sofrer um abaixamento significativo no nosso país nos últimos três anos, em particular no ensino básico. A maior quebra verificou-se no primeiro ciclo, com menos 12 mil alunos, seguido do terceiro ciclo, que registou menos sete mil alunos, o que dá um total de 20 mil alunos a menos. Segundo dados do Ministério da Educação existem, neste momento, mais de 29 mil professores

sem colocação, a quem resta a candidatura ao miniconcurso que, neste momento, contempla apenas sete mil vagas, menos duas mil que no ano passado. O desemprego entre os professores é uma ameaça bem real, agravada pelas medidas do actual Governo nomeadamente a dispensar professores nas salas de estudo (reduzindo-os de dois para um) e a manter turmas concentradas e gigantescas.



Corretoras de bolsa em vias de desaparecer

É noticiado que as receitas de grande parte das intermediárias de bolsa portuguesas terão caído 50 por cento este ano, deixando a maioria com as contas no «vermelho» e à beira da falência. Tudo porque houve uma quebra violenta no volume de negócios da bolsa de Lisboa, com consequências que estão à vista: o quadro de cola-

boradores está a reduzir-se na generalidade das corretoras, a caminho de um corte que, em média, deverá rondar os 30 por cento. Os gestores do sector admitem mesmo que, a prazo, metade destas sociedades irão falir e desaparecer, augurando apenas futuro para as que detêm sólidas situações financeiras.



Bruxelas quer acabar com imposto automóvel

Substituir o imposto automóvel cobrado no acto de matrícula dos veículos por uma taxa anual calculada em função das emissões de gases poluentes é a proposta que a Comissão Europeia vai fazer aos países da União Europeia (UE), no quadro de uma comunicação destinada a abrir um processo de consulta entre todos os interessados sobre a melhor forma de

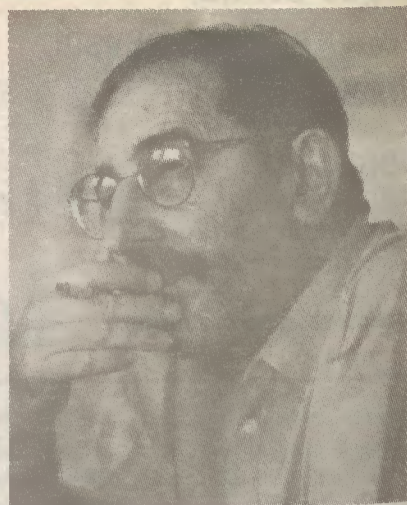
acabar com a verdadeira manta de retalhos que constitui a fiscalidade automóvel na UE. Em função dos

resultados desta consulta, Bruxelas poderá apresentar uma proposta legislativa que necessita da unanimidade

dos Quinze para ser aprovada. Para a Comissão, o cenário ideal assenta na eliminação, a prazo, do imposto automóvel



(que, em Portugal, é uma das grandes fontes de receita do Estado) calculado em função da potência do motor, substituindo-o pela aplicação das tais taxas anuais calculadas na base das emissões de CO₂ (dióxido de carbono), como já acontece no Reino Unido, que não tributa a aquisição de veículos mas que aplica os impostos mais altos da UE sobre o consumo de combustíveis.



Leão de Ouro para Siza

O arquitecto Álvaro Siza Vieira foi distinguido com o Leão de Ouro da Bienal de Arquitectura de Veneza, actualmente na sua 8.ª edição. Foi premiado o projecto do autor para a Fundação Iberê Camargo, de Porto Alegre, no Brasil. O edifício premiado «é emblemático da prática da arquitectura como profissão ética», afirmou o júri presidido por Terence Riley, conservador do Departamento de Arquitectura e Design do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque. Acompanhado pelo ministro da Cultura, Pedro Roseta, Siza Vieira manifestou-se «particularmente orgulhoso», tendo-se deslocado de propósito a Veneza para receber o Leão de Ouro, que partilhou *ex aequo* com o japonês Toyo Ito e o autor do pavilhão holandês, Hermann Herzberger.

Receitas fiscais em queda

Regista-se um descalabro na cobrança prevista de receitas fiscais, com quebras generalizadas nos diversos impostos. Em relação ao IVA — o imposto «cego» que o Governo aumentou de 17% para 19% para, segundo ele, tapar o buraco da quebra de receitas — registou-se apenas um aumento de 6% até ao final de Agosto, quando o Governo esperava um aumento de 9,7%, aumento, aliás, previsto e exigido pelo Orçamento Rectificativo e tendo como referência o IVA

cobrado no período homólogo de 2001. No IRC, imposto sobre os lucros, os mapas da receita reflectem um decaimento na previsão: a colheita está no «vermelho», enquanto a receita de IRS está em linha com o orçamentado, mas faltam descontar qualquer coisa como 350 milhões de euros (pelo menos) em reembolsos devidos aos contribuintes e a devolver em Setembro, o que poderá colocar a cobrança deste imposto também no «vermelho».

Crónica Internacional

• Jorge Cadima

Atenção aos Vampiros

Quando muitos proclamavam que a derrocada do socialismo a Leste teria inaugurado a «era das democracias», o «poder dos cidadãos», o reino universal dos direitos humanos, e outros floreios verbais (que tinham tanto de real como a contabilidade da Enron e da WorldCom), o PCP alertava que «com o desaparecimento do socialismo como sistema mundial, o enfraquecimento das forças progressistas e o desenvolvimento do poder dos monopólios, as forças do grande capital sentem-se de mãos mais livres para desenvolver e acentuar uma poderosa ofensiva que visa limitar a participação dos povos e dos cidadãos na vida política» (Resolução Política do XV Congresso, 1996). Logo após o atentado terrorista de 11 de Setembro, o PCP chamou a «atenção para o aproveitamento da crise internacional para objectivos que nada têm a ver com a segurança dos cidadãos» no plano militar, no plano económico e «no plano policial e judicial, com a aprovação de leis e medidas, nomeadamente no espaço da U.E., que representam graves atentados a liberdades, direitos e garantias fundamentais dos cidadãos» (Reunião do Comité Central, 29.10.01). A vida veio dar razão ao PCP.

Enquanto se prepara uma nova guerra imperialista, «em quase toda a parte, os governos utilizaram o 11 de Setembro como uma ocasião para restringir as liberdades dos seus cidadãos» (Economist, 31.8.02). As medidas de excepção introduzidas nos EUA pelo Patriot Act são acompanhadas por um clima maccartista. As denúncias começam a surgir do interior do próprio sistema. O chefe do grupo democrata no Senado dos EUA, Daschle, referiu-se ao novo «Programa de Segurança da Pátria» de Bush dizendo que o Parlamento «não deve atribuir a este, ou qualquer outro presidente, poderes ditatoriais» (Associated Press, no site Internet da Yahoo News, 15.8.02). O ex-presidente Carter escreve no jornal

Washington Post (5.9.02) um artigo com o título «A nova e perturbadora face da América», falando em desenvolvimentos «semelhantes aos de regimes abusivos», que «tornaram o nosso país o alvo prioritário de reputadas organizações internacionais preocupadas com os princípios básicos da vida democrática» e acusando «um núcleo de conservadores que procuram concretizar ambições desde há muito escondidas, a coberto duma proclamada guerra contra o terrorismo».

Mas a questão é mais geral. A brutal violência policial de Gotemburgo ou Génova antecedeu o 11 de Setembro. Esta mesma União Europeia classifica agora de «terroristas» organizações com forte enraizamento popular e décadas de luta por direitos nacionais, sociais e políticos, como as FARC colombianas e a Frente Popular para a Libertação da Palestina. Na vizinha Espanha, está em curso o processo de ilegalização do Batasuna. E se é certo que o Batasuna não se tem demarcado das acções terroristas da ETA, não é menos certo que o Estado espanhol tem utilizado práticas terroristas e quer agora aproveitar-se daquele pretexto para enfrentar o problema político do nacionalismo basco e para uma perigosa escalada antidemocrática.

É destes dias a notícia da prisão do dirigente do Movimento dos Sem Terra, José Rainha, acusado de «formação de quadrilha». Muitas centenas de camponeses e activistas do MST foram assassinados no Brasil nos últimos anos. Mas, em vez de reprimir o terrorismo dos latifundiários, as autoridades brasileiras reprimem (em vésperas de eleições presidenciais) os trabalhadores sem terra. E em Portugal há já quem se atreva a sugerir a utilização da via judicial e legislativa para decretar que tipo de PCP pode existir.

Que ninguém se iluda sobre o real significado e os perigos inerentes a estes processos. As forças do grande capital e do imperialismo procuram impor, na nova correlação de forças mundial, os mecanismos autoritários de repressão das lutas sociais e políticas que a sua ofensiva global está a gerar. Como dizia Zeca Afonso nos «Vampiros»: «se alguém se engana com seu ar sisudo, e lhes franqueia as portas à chegada, eles comem tudo e não deixam nada». O tempo é de desenganos, de resistência e de unidade na luta em defesa da democracia.

Editorial

A FESTA DO PARTIDO

Como sabe quem quer saber, a Festa do «Avante!» é o acontecimento maior da vida político-partidária nacional; é um espaço único de convívio fraterno partilhado por uma multidão de pessoas – o local onde, como já se disse, existe o maior índice de fraternidade por metro quadrado, em todo o País; é a mais expressiva e a mais participada manifestação cultural realizada em Portugal; é o maior e mais forte pólo de atracção de homens, mulheres e jovens das mais diversas opções políticas e ideológicas; é tudo isto e muito mais – e tudo isto constitui uma demonstração concreta da capacidade de realização, da determinação, da sensibilidade e da criatividade dos comunistas portugueses e do seu partido – o PCP.

É natural que tudo isto não agrade (e desagrada, mesmo, profundamente) a quem, por razões várias, não queria que assim fosse. É obvio que uma festa com a dimensão e a importância da Festa do «Avante!» - dimensão e importância impossíveis de ocultar – destroça as teses, velhas de décadas, dos que garantem a pés juntos que o PCP está morto e enterrado. Como conciliar a vitalidade, a força, a capacidade interventiva e de atracção, a avalanche

“Um colectivo partidário à altura das responsabilidades históricas do Partido Comunista Português”

de gente, e especialmente de gente jovem, que enche durante três dias a Quinta da Atalaia, com a imagem, amplamente difundida, de um partido «velho», «decrépito», «sem militância»? Na verdade, não há conciliação possível entre a imagem real do PCP e a imagem fabricada à medida dos sonhos e dos desejos dos seus adversários e inimigos.

A Festa do «Avante!» é a festa do PCP e, repita-se, só um partido com as características do PCP tem condições para erguer tal realização.

Sendo assim todos os anos – e já lá vão muitos desde a primeira festa na FIL – foi ainda mais assim este ano. A 26.ª edição da Festa do «Avante!» foi antecedida por uma das mais fortes campanhas anticomunistas de sempre (campanha que prossegue e prosseguirá, anote-se). Não houve poupança de esforços nem pruridos no recurso a métodos visando o enfraquecimento do PCP e, portanto, o fracasso da Festa. E não pode deixar de sublinhar-se que nessa campanha participaram activamente alguns membros ou ex-membros do PCP que, porque passaram a pensar o contrário do que antes pensavam, passaram a combater o que antes defendiam e a defender o que antes combatiam.

A esta campanha respondeu o colectivo partidário da forma que era de esperar: o número de participantes nas jornadas de trabalho aumentou; a vontade e a determinação militantes impuseram-se; a imaginação criadora assentou arraiais na Atalaia... e a Festa do «Avante!»/2002 cresceu mais depressa e ficou ainda mais bonita do que as dos anos anteriores.

E como os visitantes não foram nas cantigas que lhes quiseram impingir e compareceram em massa – ao contrário dos desejos de alguns e dos esforços feitos por esses e por outros – a 26.ª edição da Festa do «Avante!» foi o que os comunistas esperavam que fosse: um êxito – um êxito memorável e com profundo significado político e partidário.

Assim, falar da Festa deste ano é dizer tudo o que se disse das suas vinte e cinco anteriores edições acrescentando e valorizando devidamente esse significado político e partidário, as suas implicações profundas no sucesso que foi a Festa, as suas implicações profundas no fortalecimento do Partido, na sua capacidade de intervenção, no aumento da sua influência social, eleitoral e política. Falar da Festa deste ano é, ainda e inevitavelmente, falar da presença dos jovens que, a cada ano que passa, são mais – quer enquanto construtores, quer enquanto visitantes, quer enquanto jovens comunistas. Falar da Festa deste ano é, ainda e inevitavelmente, recordar os momentos mágicos que foram a prestação da Orquestra Metropolitana de Lisboa, dirigida pelo Maestro Miguel Graça-Moura; a qualidade dos espectáculos com músicos e intérpretes nacionais e estrangeiros; as notáveis representações teatrais; as manifestações desportivas; as exposições e os debates; a recordação, plena de sensibilidade e de força revolucionária, da luta vitoriosa pelas oito horas de trabalho; a gastronomia, diversificada e com cada vez maior qualidade; a solidariedade internacionalista presente na Cidade Internacional e no monumento à Palestina, concebido por Rogério Ribeiro; a presença da poesia – de Manuel da Fonseca a Bertolt Brecht, de José Gomes Ferreira a Vinicius de Moraes, de José Carlos Ary dos Santos a Pablo Neruda, de Sidónio Muralha a Nazim Hikmet...

Da Festa saímos, como era previsível (pelo menos para quem conhece os comunistas e o seu partido), mais fortalecidos e em melhores condições para travarmos as batalhas que temos pela frente enunciadas pelo Secretário-Geral do Partido, Carlos Carvalhas, no decorrer da sua intervenção de encerramento do comício de domingo, designadamente: o combate diversificado «à política de direita do Governo, quer no campo das medidas alternativas quer no campo da denúncia, da resistência e do combate», «a jornada nacional de esclarecimento e mobilização em torno da revisão das leis laborais» que, no dia 26 terá expressão concreta através da publicação de um número especial do «Avante!» dedicado a essa matéria; o Encontro Nacional sobre a acção e organização do Partido nas empresas, o 7.º Congresso da JCP. Porque a Festa foi, de facto, uma manifestação ineludível das potencialidades de reforço do Partido; um colectivo recargar de baterias, de forças, de entusiasmos, de energias; uma concludente manifestação de como os comunistas sentem e vivem o seu Partido; uma demonstração cabal de vontade comunista e de determinação revolucionária, expressas por um colectivo partidário à altura das responsabilidades históricas do Partido Comunista Português.

Assim se vê a força do PC!

Ninguém diria que, este ano, a Festa ia passar pelos altos e baixos da pressão atmosférica, pelo seco do primeiro dia, o húmido do segundo, o molhado do terceiro. Apenas quem estivesse no segredo dos deuses ou da meteorologia. E, embora sinais houvesse de que as coisas iriam dar para a chuva, ninguém duvidou de que iam correr com a mesma alegria e confiança que a Festa, uma vez mais, mostrou e que os redactores e fotógrafos do «Avante!», a que se juntaram os nossos amigos colaboradores, procuram dar nestas páginas, sempre com a sensação de que muito fica por dizer e por mostrar.

Logo na abertura, às 18 e 30 de sexta-feira, nós, que já lá nos encontrávamos como todos os anos, aguardando a multidão que invade o recinto da Atalaia, demos conta da grande novidade - este ano tudo estava muito adiantado, a maior parte dos construtores já havia guardado as ferramentas e vestido roupa lavada por cima do duche tomado nas calmas e nem sequer se ouviam os sons de últimos retoques. Era de esperar, por quem acompanhou o decorrer das jornadas de trabalho. E o Secretário-geral do PCP não deixou de se referir ao «fenómeno» como «significativa resposta» dada pelos militantes, com destaque para milhares de jovens, que contribuíram ao longo das últimas semanas para a construção da Festa.

Assim, à hora marcada, centenas de pessoas aglomeravam-se junto das portas, folheando o «Avante!» que ali se podia adquirir - tal como o programa - e invadiram as avenidas, convergindo para a Praça da Paz, onde, já milhares, saudaram a chegada de Carlos Carvalhas, acompanhado de outros dirigentes do Partido, da Juventude Comunista e da Direcção da Festa. «Assim se vê a força do PC!», gritou-se a plenos pulmões, aos últimos acordes da Internacional, enquanto drapejavam as bandeiras vermelhas.

Depois foi a Festa. E, como toda a gente sabe, um domingo que ficou a saber a pouco, com muitos debates interrompidos, com espectáculos cancelados, com restaurantes e bares a meio gás, durante as horas em que a chuva desabou sobre a Atalaia. A Festa, porém, isto é, os muitos milhares de visitantes, não vergaram ao peso da carga de água. Vimo-los a escorrer e a pingar, recolhidos e juntos sob a diáfana protecção dos toldos de ráfia, encolhidos debaixo de mesas, encostados às paredes. E, se demos conta da saída de centenas de pessoas que abandonaram a Festa sob a pressão duradoura da chuva, constatámos a entrada de milhares que, finda a carga de água, acorreram ao terreno para as últimas horas de convívio.

O Palco 25 de Abril não podia, à hora do comício, ser o ponto de encontro dos muitos milhares de visitantes. Alertados pelos altifalantes, multidões empunhando bandeiras, dirigiram-se para o Auditório 1.º de Maio. Que os não comportou a todos, evidentemente. Apinhados no interior e espalhando-se pelos declives que descem para o lago, muitos milhares assistiram ao comício, em que tomaram a palavra Carlos Carvalhas, Secretário-geral do Partido, José Casanova, Director do «Avante!», e Paulo Marques, dirigente da JCP, cujas intervenções publicamos na íntegra. Marcado pelo entusiasmo de todos e muito especialmente pela presença da juventude, o comício foi, simultaneamente, ponto de partida para as batalhas políticas que aguardam os comunistas e momento de arranque para mais umas horas de Festa. Para o ano há mais!

LM



Carlos Carvalhas, na abertura da 26.ª Festa do Avante! Uma significativa resposta

Hoje é para todos nós um dia de grande alegria e de grande emoção. Damos início formalmente à grande festa do povo e da juventude, a Festa do Avante!.

Já houve anos em que a poucos dias da abertura estávamos com o coração nas mãos com os atrasos que ainda se verificavam mas que sempre acabavam por ser superados.

Este ano, no penúltimo fim-de-semana antes da abertura da nossa Festa, os trabalhos preparatórios já estavam adiantados e muito mais adiantados do que, por exemplo, no ano passado. Isto tem significado. A participação que se verificou é uma resposta aos que gostariam que o PCP estivesse apático, desmotivado e desmobilizado e é um sinal importante e demonstrativo do empenhamento, da generosidade, do trabalho militante, da consciência política, da forma como os comunistas sentem e vivem o seu Partido, da presença crescente da juventude e da JCP, que daqui saudamos, bem como a todos os jovens que no comboio especial partiram do Norte e do Centro do País.

Mas a nossa Festa é também um testemunho marcante

de das raízes do nosso Partido, das suas características, da sua determinação e da confiança com que encara o futuro.

Por isso, nesta abertura da Festa do Avante! permitam-me que, saudando os construtores da Festa, saúde também todos os militantes do nosso Partido, os militantes anónimos que sem o palco e o estrelato difundem o Avante!, organizam a resistência, levam a voz do Partido aos locais de trabalho, desmascaram a política de direita, estão na primeira fila da luta nos sindicatos e nos diversos movimentos sociais e de cidadania, dinamizam a iniciativa política e contribuem com a sua reflexão e proposta para o acerto da linha política do Partido.

Para os construtores da Festa, para os homens, mulheres e jovens que ergueram e deram forma a este belo espaço da Atalaia e a todos os militantes que dão vida a este Partido vão as nossas palavras de saudação e de gratidão.

Esta Festa, que é a maior realização político-cultural do nosso país, só é possível pelo trabalho militante, pelas muitas horas de trabalho voluntário aqui contabilizadas e pelo

entusiasmo e a fraternidade com que os diversos trabalhos são executados, com a assinalável e sempre peculiar participação da juventude e dos membros da JCP.

A Festa é local de convívio, espaço de lazer e de cultura mas é também espaço de solidariedade internacionalista - e permitam-me que aqui sublinhe este ano, o monumento à Palestina -, de debate e de intervenção política num quadro de uma grande ofensiva contra direitos e valores consagrados com o 25 de Abril.

A direita está arrogante e quer avançar rapidamente com a contra-reforma da segurança social, com a desvalorização dos serviços públicos e da escola pública, com a alteração da legislação laboral no sentido de liquidar direitos e intensificar a exploração. Quer passar a factura de uma política errada e injusta para os mesmos de sempre, ao mesmo tempo que vai concedendo benesses ao capital financeiro. E tudo isto com doses maciças de demagogia, de palavras doces para encobrir uma política retrógrada e socialmente injusta. Mas é também uma política que no plano económico vai agravar as dificulda-

des do País e acentuar os factores recessivos com graves repercussões no aparelho produtivo e no domínio do capital estrangeiro.

É necessário desmascarar e dar combate a estas políticas que não servem nem o povo nem o País.

Os trabalhadores, o povo e a juventude podem contar com este partido, o Partido Comunista Português, partido de luta e de proposta, que não se resigna, que não se conforma, que não vira as costas às dificuldades.

Nesta nossa Festa, em que o principal traço é de um grande e tocante encontro humano, cheio de emoção e de afectos, sublinha-se o papel do trabalho, da criação, da generosidade e da solidariedade, da beleza, da arte e da cultura, onde a juventude se afirma com uma significativa presença, como uma força insubmissa de renovação, de esperança e de futuro e onde se afirmam as raízes populares do PCP e a actualidade e vitalidade dos nossos valores e do nosso projecto.

Que a Festa seja uma grande Festa!

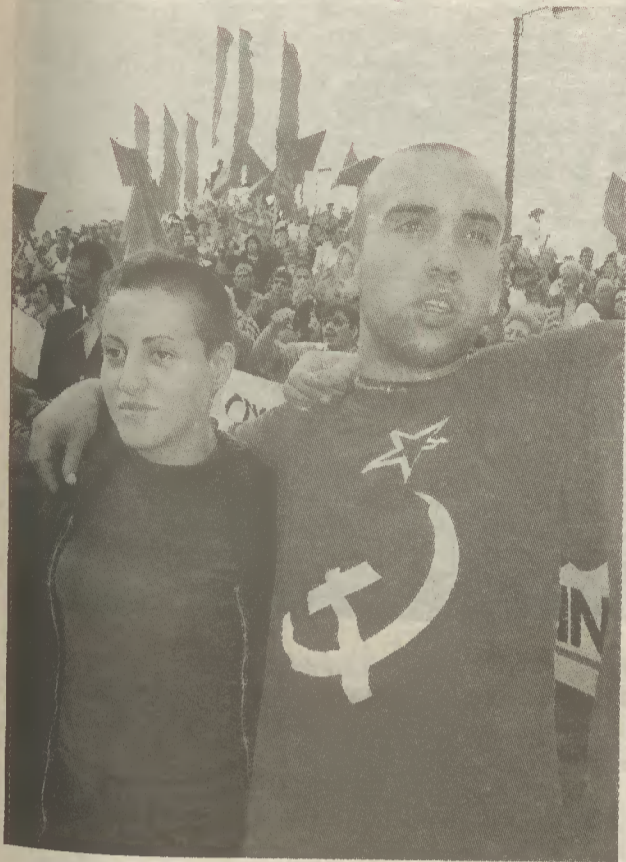
Sairemos dela com mais energia voltados para a vida e para o futuro certos de que a luta continua.

Os fotógrafos da Festa!



Carlos Nabais
Catarina Alves
João Aboim
Jorge Cabral
Jorge Caria
José Frade
José Lourido
Marina Vieira da Silva
Nuno Lopes
Rogério Feitor
Rogério Pedro
Sérgio Morais
Teresa Lacerda





Intervenção de Carlos Carvalhas

A Festa que a Juventude fez sua

Com as nossas convicções, com os nossos valores, com o nosso património de luta aqui estamos na Atalaia, nesta bela Festa do Avante!, nestes três dias de festa que a juventude fez sua.

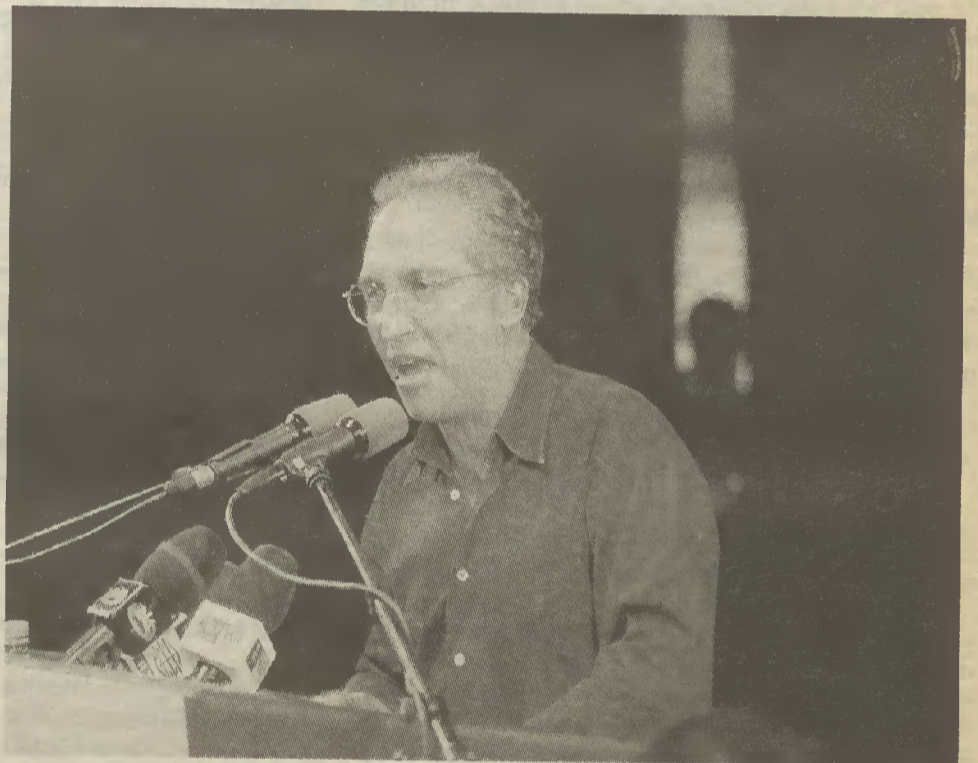
Alguns interrogam-se por que razão houve este ano maior participação de construtores e maior presença da juventude.

Para aqueles que tomam os seus desejos pela realidade, que tomam as suas caricaturas por verdade, têm muita dificuldade em encontrar resposta cabal.

Mas para os que conhecem este Partido, para os que conhecem a força das convicções, a justiça da sua luta, a importância desta força de resistência, de proposta e de combate não têm grande dificuldade em compreender – num quadro de ofensiva anti-PCP – a resposta de milhares de camaradas marcando presença empenhada e determinada na sua construção e nas tarefas destes três dias.

Quem quiser compreender a emoção, a alegria, o empenhamento, o humanismo deste tocante acontecimento, quem se despir dos preconceitos, dos clichés, das verdades feitas e quiser entender a generosidade, os compromissos de vida e de luta, a entrega que une todos aqueles que fazem esta Festa magnífica terá, honestamente, de concluir que a Festa do Avante! é, simultaneamente, um impressionante desmentido de velhas e prolongadas falsificações e calúnias sobre o PCP e um símbolo incontornável do que verdadeiramente são, querem e defendem os comunistas portugueses e o seu Partido.

Queremos daqui, da Festa do Avante!, saudar os militantes e simpatizantes do PCP, o seu humanismo e dedicação ao seu Partido e dizer aos portugueses e às portuguesas, aos trabalhadores e às trabalhadoras que estão justamente preocupados, insatisfeitos e indignados com a política deste Governo, que este Partido tudo fará para derrotar esta ofensiva, que tudo fará para que o país venha a ter uma nova política, uma alternativa de esquerda, que respeite quem trabalha, responda aos problemas do povo e do país, que aprofunde a democracia nas suas diversas vertentes, que defenda a soberania e a independência nacional.



A agudização dos problemas

Para os que se iludiram ou quiseram iludir não foi preciso muito tempo para ficar claro ao serviço de quem está este Governo e quais os interesses que serve, no essencial.

Não foi preciso muito tempo para que o Governo mostrasse o que o PSD e o PP, andaram a esconder na campanha eleitoral. Com os votos no bolso e sentados no governo meteram na gaveta as promessas, carregaram nas tintas negras da crise para criar o ambiente psicológico ao “aperto do cinto”, aumentaram impostos e serviços públicos, esqueceram os aumentos das pensões e reformas (Portas nunca mais falou nos “velhinhos”), acabaram com o crédito bonificado à compra de casa própria, concederam novas benesses aos interesses privados em prejuízo do interesse público, ignoraram o encerramento e as deslocalizações de empresas e os salários em atraso, anunciaram novos passos no sentido da privatização de importantes empresas e desencadearam uma grande ofensiva de retrocesso na segurança social, na saúde, no ensino, na legislação do trabalho, na Administração Pública e na Televisão pública.

E tudo isto acompanhado de uma alta significativa dos preços em bens e serviços essenciais, que também foram inflacionados a pretexto da introdução do Euro e pelo clima político criado pelas declarações do Governo.

Uma tal política desencadeou uma grande desestabilização social, o protesto e uma grande indignação.

E é também uma evidência que, a continuação no essencial da política económica que vinha a ser prosseguida pelo anterior governo e a acentuação da política neoliberal designadamente na saúde, no ensino e na segurança social vai agravar os problemas do País e agravar a situação social.

A submissão e o cego cumprimento do Pacto de Estabilidade com o corte drástico de despesas reprodutivas e do investimento produtivo, em vez de contrariar alimenta os factores recessivos que se verificam na economia portuguesa, com o consequente aumento do desemprego.

Não se afirma que não se tem de ter em conta o défice orçamental. Mas ninguém demonstra ou sustenta em bases científicas que o défice deve ficar, independentemente da conjuntura económica e das necessidades do País, em 2%, 3% ou 4% do PIB. Do mesmo modo se pode afirmar que é tecnicamente indefensável e politicamente errado fazer do chamado défice zero o alfa e o omega da política orçamental e financeira. A Alemanha, a França, a Itália e outros países vão fazer a leitura que lhes interessa em relação ao cumprimento do Pacto de Estabilidade. Mas o governo português entende que deve ser campeão da ortodoxia monetária, que deve ter uma posição seguidista e de submissão até porque a dramatização do défice lhe serve para justificar a contra-reforma legislativa e a política de “aperto do cinto” aos mesmos de sempre designadamente, aos trabalhadores da Administração Pública e aos trabalhadores por conta de outrem, deixando praticamente intocáveis interesses, privilégios e lucros do capital financeiro.

Como é sabido e ao contrário de promessas eleitorais o Governo aumentou o IVA em dois pontos percentuais, que é um imposto socialmente injusto e que, aliás, não está a ter grandes resultados em termos de receita, mas ao mesmo tempo mantém os benefícios fiscais ao capital financeiro e os privilégios fiscais às seguradoras e aos bancos.

Uma banca que tem tido das mais altas taxas de rentabilidade

de da União Europeia e que, segundo uma revista do meio, tem vivido “anos de ouro”, “com uma fórmula muito eficaz” que inclui – diz a revista – “as relações promíscuas com o Governo e governantes”. Tem sido a política do compadrio com os grandes interesses expressa com toda a clareza.

E quando se fala em sacrifícios e se procede a despedimentos é também particularmente chocante que o Governo tenha eliminado de vez a tributação dos ganhos bolsistas. Quem trabalha paga de IRS, conforme os casos, 15%, 20% ou 30%, mas quem ganhar milhares de contos na bolsa não paga nada.

É assim a justiça fiscal do Governo PSD/PP. É a política do funil.

O PCP considera esta situação inaceitável e vai bater-se pela sua reversão. E isto passa-se num país em que, segundo dados recentemente divulgados, as dívidas fiscais acumuladas e a evasão fiscal ultrapassam os três mil milhões de contos!

O Primeiro-Ministro disse na Póvoa de Varzim que vai combater a grande evasão fiscal. Cavaco e Guterres em vários discursos da chamada *rentrée* e praticamente em todos os debates orçamentais fizeram a mesma jura. É uma promessa recorrente.

Para combater a grande evasão fiscal é necessário enfrentar o capital financeiro, o *offshore* da Madeira e Alberto João Jardim, os grandes especuladores e os grandes interesses e estes, é sabido, estão bem representados no Executivo. Aliás, o que já se viu em matéria fiscal com os clubes de futebol bem como com os casos da Polícia Judiciária, cuja directora-adjunta apontou como razões para a sua demissão a «perda progressiva de apoio no combate ao crime económico e à corrupção», não concede grande crédito ao Governo. Recorde-se que só



depois do escândalo ter estalado com as demissões é que o Governo veio dizer que vai dar poderes excepcionais à Polícia Judiciária! O “mexilhão que se ponha a pau...” porque os grandes vão continuar a sorrir, tal como acontece com a política fiscal.

Em resposta ao crescente descontentamento e protesto, em relação à política seguida e às alterações da legislação do trabalho, primeiro Paulo Portas em Aveiro (talvez inspirado na biografia de Mussolini que levou para férias) e depois o Primeiro-Ministro na Póvoa de Varzim, afirmaram que o País precisa de trabalho e não de greves.

Nós, daqui, da Festa do Avante!, dizemos ao Primeiro-Ministro que de facto o País precisa de trabalho, mas de trabalho com direitos, justamente remunerado e não de mais desregulamentação, de novas praças de jorna ou de novo trabalho escravo!

De facto, o País precisa de trabalho e “trabalho geral”. Mas não de salários em atraso, ou do regabofe das deslocalizações e do encerramento de empresas numa esquina para abrirem com outro nome na esquina seguinte, deixando trabalhadores no desemprego, sem salários e sem direitos.

De facto, o País precisa de trabalho e de “trabalho geral” e de compensar o mérito, mas não com uns a ganharem num dia e que outros não ganham num ano. **Lembram-se daquele ministro do PSD que dizia que o seu vencimento de ministro não dava para os pequenos-almoços? Para o**

PCP a democracia, os direitos do homem e a justiça social não podem ficar à porta da empresa. Não há trabalho geral, com baixos salários, com desemprego nem com mais precariedade e liquidação de direitos. Nem há combate à pobreza com pensões de miséria, vergonhosas prestações a deficientes e com uma política de concentração da riqueza!

As dificuldades orçamentais devem combater-se cortando a sério nas despesas supérfluas, acabando com a política de substituição dos *boys* rosa pelos *boys* laranja; com a diminuição dos benefícios fiscais às actividades financeiras e especulativas. Combate-se aumentando também as receitas designadamente, através da tributação das grandes fortunas, da tributação efectiva do capital financeiro e de um sério combate à fuga e à evasão fiscais e não apertando violentamente o cinto a quem trabalha.

O PCP não se tem limitado a denunciar e a protestar em relação a esta injusta política. O PCP tem apresentado diversas medidas e projectos de lei na Assembleia da República, defendendo a reposição da tributação dos ganhos em bolsa; a aceleração da cobrança das dívidas à segurança social e das dívidas fiscais; a compensação dos trabalhadores da Administração Pública pela diminuição dos seus vencimentos reais e a protecção dos direitos dos trabalhadores ameaçados pela extinção dos organismos públicos; o combate à deslocalização das empresas e às engenharias e fraudes contabilísticas para efeitos bolsistas; o combate ao branqueamento de capitais e ao tráfico de droga, a defesa do aparelho pro-

ductivo nacional. O PCP não dará tréguas à política de direita do Governo, quer no campo das medidas alternativas quer no campo da denúncia, da resistência e do combate.

Também consideramos inaceitável que o Governo tenha acabado com o **crédito bonificado** para a compra de casa própria pelos jovens e pessoas de menores rendimentos a pretexto das fraudes, penalizando muitos jovens que estavam a perspectivar o seu futuro.

A JCP, que vai realizar o 7.º Congresso com o lema “Transformar é possível” e que daqui saudamos, lançou de imediato uma iniciativa de recolha de assinaturas, que em poucas semanas angariou largos milhares, dando uma importante contribuição para a mobilização da juventude. E tem continuado a levantar esta bandeira, que agora também é reivindicação de outras juventudes partidárias.

O PCP entende que é possível combater as fraudes e tornar a concessão de crédito rigorosa e justa.

A solução não pode ser a de criar ainda mais dificuldades a quem, não vislumbrando casas para arrendar a preços acessíveis, é empurrado para a compra de casa própria.

Por isso, o PCP vai apresentar na Assembleia da República uma proposta para que se reponha o crédito bonificado à compra de casa própria para quem de facto necessita. E creio que vós estais de acordo com esta nossa decisão.

Regressão na democracia social

A grande ofensiva de direita não se limita ao clássico “aperto do cinto” aos trabalhadores perante dificuldades económicas conjunturais. O que está em marcha é a desregulamentação quase sem limites do mercado do trabalho; a concepção do desemprego como uma realidade estrutural e inelutável, o ataque e a fragilização dos sindicatos, a eliminação de direitos laborais essenciais em conjugação **com uma redução dos sistemas públicos de saúde, do ensino e da segurança social e esta, com a sua descaracterização e privatiza-**

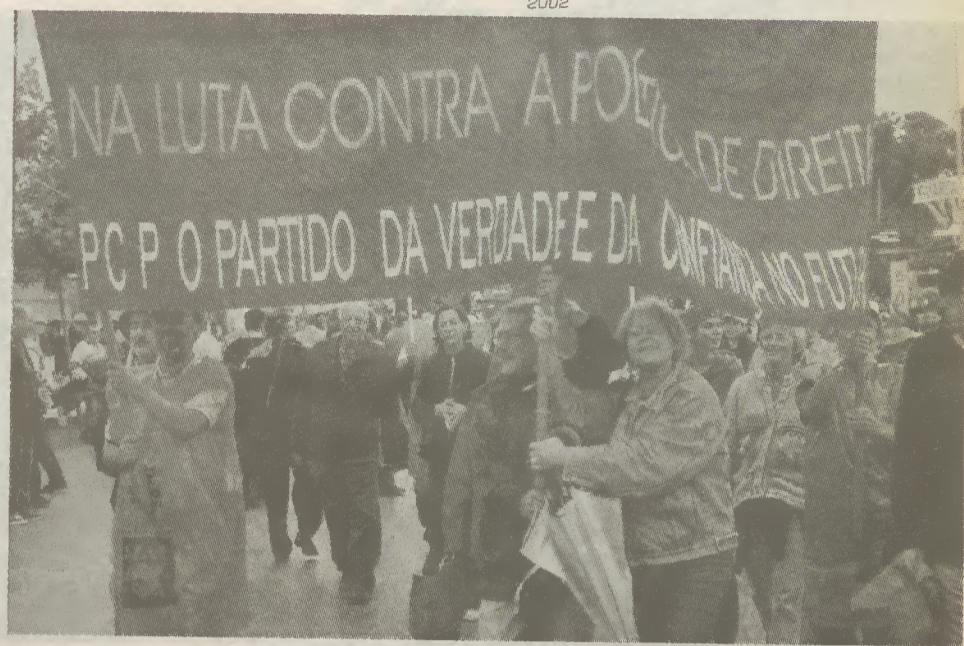
ção, indo ao encontro das reivindicações e interesses das seguradoras privadas.

Acenando com uma ou outra medida e sobretudo com um aumento de pensões cuja progressão para os níveis do salário mínimo já estava inscrita na Lei de Bases, o Governo pretende sustentar o protesto contra a eliminação do sistema público universal e solidário para facilitar a intervenção e o lucro dos privados.

E, por isso, a questão fundamental para estes é o plafona-

mento, os tectos contributivos e os milhões dos descontos dos trabalhadores para alimentarem os Fundos de Pensões a serem lançados na especulação bolsista. **Os recentes casos de falências e escândalos que atingiram grandes empresas nos países que utilizaram tal esquema, levaram à ruína de milhares de reformados que ficaram de um dia para o outro sem qualquer protecção... Reformas certas só são garantidas pelo sistema público da segurança social.**





A primeira ameaça é para as jovens gerações, mas o que está em causa é uma lei estruturante da nossa democracia social e económica no sentido do retrocesso.

O sistema público da segurança social é um direito fundamental conquistado no 25 de Abril, que necessita de ser defendido e consolidado e não destruído.

Também na esteira de velhas reivindicações e indo de imediato ao encontro da chantagem de algumas multinacionais, como se o País fosse uma república das bananas, o Governo quer avançar com uma retrógrada e brutal ofensiva contra o edifício jurídico laboral, juntando-lhe alguns rebuçados para disfarçar o essencial.

É preciso que os trabalhadores saibam que o Governo quer franquear a porta aos despedimentos sem justa causa, alargar e eternizar a precariedade e o período experimental, permitir a gestão e organização discricionária do tempo de trabalho, impor a «deslocalização» forçada de trabalhadores, tanto no plano funcional como geográfico, liquidar de forma efectiva o direito de negociação e dos contratos colectivos, restringir o direito à greve e à luta reivindicativa entre negociação das convenções colectivas.

Tudo isto embrulhado com a necessidade de aumentar a produtividade escondendo, como aliás revelam vários estudos da União Europeia, que esta aumenta sim **com a estabilidade de emprego, com empregos de qualidade, com a observância de direitos fundamentais dos trabalhadores e não com a desregulação, não com o trabalho precário, não com o trabalho sem direitos e com os baixos salários. Estes são factores que não estimulam o aumento da produtividade e que aumentam também a sinistralidade no trabalho.**

E nós devíamos ter razões acrescidas de preocupação nesta matéria.

Portugal é o país com a taxa de acidentes de trabalho mais elevadas da União Europeia e com as mais baixas indemnizações.

Reafirmamos:

O PCP não aceita que o nosso país se transforme paulatinamente numa região periférica na União Europeia, lugar de sol, de mão-de-obra barata, de imigração clandestina. Este é o modelo de fracasso e de retrocesso.

O PCP não aceita que este Governo vá ao baú das velharias do consulado cavaquista e reapresente uma retocada proposta de lei dos disponíveis, titulada lei dos supranumerários, pondo em causa não só os trabalhadores com vínculo precário mas também milhares de professores e trabalhadores da Função Pública.

Mal vai o País quando mais de 36 mil professores não são colocados no ensino secundário, ficando no desemprego. Mal vai o País quando educadoras de infância são subalternizadas e se procura à sua custa resolver carências transformando o pré-escolar de fase inicial do sistema educativo numa forma de guarda de crianças.

Mal vai o País com novos cortes orçamentais no ensino superior, que põem em causa a cobertura das despesas correntes essenciais e dão consistência aos receios de maior precarização de funções docentes, de perda de qualidade do ensino e de investigação, da crescente desvalorização da escola pública.

Mal vai o País quando as insuficiências e os **problemas do Serviço Nacional de Saúde**, que na maior parte dos casos mais não são do que o resultado da política de saúde dos governos do PSD e do PS, designadamente nos últimos consulados, sejam agora invocados como justificação para a privatização da gestão dos hospitais e das áreas potencialmente mais lucrativas da prestação de cuidados de saúde, dando aos grupos económicos privados mais dinheiro por conta e risco do erário público.

A gestão do Hospital Amadora/Sintra e a situação de falência em que se encontram várias unidades de saúde privadas falam por si.

O PCP também não aceita o caminho do retrocesso não só no campo dos salários e das pensões e reformas, mas também na matriz política e ideológica expressa, por exemplo, na Lei de Bases da Família ou no campo de importantes valores e direitos conquistados pelas mulheres com o 25 de Abril e consagrados na Constituição da República.

Na verdade, este Governo tem em curso uma das mais graves ofensivas, no plano político e ideológico, aos direitos das mulheres, aos direitos sexuais e reprodutivos, ao conceito de família e aos vários instrumentos existentes no domínio da

igualdade de direitos e de oportunidades cujo prosseguimento criará um profundo retrocesso nos valores e nos direitos das mulheres e novos obstáculos ao efectivo exercício dos direitos e à concretização da participação em igualdade.

Refugiando-se na suposta defesa da família e da mãe trabalhadora, o que está de facto em causa é o prosseguimento de um caminho que visa tornar a mão-de-obra feminina ainda mais maleável e ajustável às necessidades do mercado e a total transferência para as mulheres e para as famílias dos custos sociais que ao Estado e às empresas deveria competir no que se refere à maternidade, ao apoio à infância, bem como aos idosos. É a defesa da família patriarcal com a mulher em casa (ou trabalhando a tempo parcial) a tomar conta dos filhos, dos idosos, dos doentes e assegurando o trabalho doméstico.

Este Governo retoma velhas e «rançosas» teses reaccionárias que, visam fomentar o regresso das trabalhadoras a casa a pretexto muitas vezes das enormes dificuldades que a grande maioria das mulheres sentem em compatibilizar a vida profissional com as exigências de apoio à família e aos filhos, alimentando a sua exclusiva responsabilidade pelo insucesso escolar dos filhos, por deixar sós e sem cuidados os idosos – para assim garantir uma maior desinvestimento do Estado na criação de uma rede pública de apoio à infância e aos idosos e reduzir as obrigações nas empresas quanto ao cumprimento de direitos, os direitos das trabalhadoras-mães.

Na ordem do dia está, pois, o reforço da luta organizada das mulheres em defesa dos seus direitos travando um caminho de retrocesso nos valores, nos direitos conquistados e nas garantias de uma participação em igualdade em todas as esferas da vida colectiva.

Certamente que estais de acordo que o PCP intervenha empenhadamente, visando não só a mobilização e luta das mulheres e das organizações de defesa dos seus direitos específicos contra os aspectos mais graves destas políticas nos seus vários domínios, como não abdique de promover as iniciativas legislativas que visem o reforço dos direitos da maternidade-paternidade e o combate ao aborto clandestino em Portugal.

Descaracterização do regime democrático



Este Governo tem, também, vindo a avançar paulatinamente na colocação do seu pessoal político e clientelar no aparelho de Estado e nas empresas com capitais públicos mas, aprendendo com os «erros de imagem» do PS, tem-no feito pela «surra» e à socapa, e sempre com pretextos ditos «de natureza técnica», de eficácia, competência, reestruturação, articulação, reforço de meios e redução de gastos.

Está hoje em marcha, procurando não dar nas vistas, um verdadeiro assalto ao aparelho de Estado pelos *boys e girls* do PSD e do CDS-PP e está em concretização um plano de concentração de poderes e de controlo autoritário dos diversos aparelhos e serviços pelo Governo, numa perspectiva estritamente partidária.

Ao mesmo tempo, com recurso a expedientes ditos «de gestão», são afastados não só os *boys* do PS mas também muitos profissionais competentes e sérios, cujo «crime» é não serem servis face ao poder e aos seus comportamentos autoritários.

Este assalto é particularmente grave em áreas sensíveis dos aparelhos de informações, de segurança e de polícia, onde os sectores mais conservadores estão empenhados em dominar os meios de contra-informação e repressão, que não hesitarão em instrumentalizar partidariamente, como fizeram no «cavaquismo», contra a resistência legítima dos trabalhadores e do povo.

Neste quadro, as alterações no topo da Polícia Judiciária têm de ser seguidas com toda a atenção e com preocupação, porque mexem profundamente no instrumento operativo da Justiça na luta contra a criminalidade organizada, violenta e altamente sofisticada,



contra o crime económico, a corrupção e os criminosos de «colarinho branco». Por isso exigimos que sejam cabalmente explicadas as razões das demissões e nomeações recém-acontecidas.

É que não se pode esquecer que os programas eleitorais dos partidos de direita propunham a governamentalização da investigação criminal e a sua sujeição ao «princípio da oportunidade», controlada pela Ministério da Justiça. Nem se podem esquecer as dificuldades que o combate à corrupção atravessou no Governo de Cavaco.

É fundamental para a credibilidade do Estado democrático de direito, e para o PCP é uma exigência elementar, que não fiquem por concretizar, com celeridade e eficácia, todas as investigações das grandes fraudes fiscais, envolvendo os grandes interesses e os respectivos mandantes, e que sejam concluídas as investigações e acertadas as contas da Justiça com o incontornável caso da «Universidade Moderna», em que, como já foi observado, o Director de ontem do jornal «Independente» já tinha pedido, sem apelo nem agravo, a demissão do ministro da Defesa de hoje aduzindo ainda que qualquer cidadão com uma réstia de respeito, mesmo formal, pela democracia tomaria a decisão de se demitir até que toda a verdade fosse apurada! Como dizia o «seu amigo» Marcelo Rebelo de Sousa: «há fantasmas que têm razão de ser...».

Mas os perigos de descaracterização e empobrecimento do regime democrático não se situam somente na segurança social, nas leis laborais, na governamentalização de áreas sensíveis dos aparelhos de informações, segurança e repressão, mas também em mais uma revisão constitucional que está na forja, bem assim como nas ambições de alterar as leis eleitorais, de organização e financiamento dos partidos...

A ofensiva do Governo nestas diversas áreas é de grande envergadura e não pode ser subestimada. Vai ao encontro de interesses poderosos, conta com uma maioria na Assembleia da República e será apresentada com grande demagogia e com todo o marketing político...

Mas também não podemos subestimar as possibilidades de lhe fazer frente, com a luta deste Partido insubmisso, com a luta dos trabalhadores, dos sindicatos e da CGTP-IN, a grande central sindical que daqui saudamos.



A convergência e a unidade

A par da afirmação da sua própria iniciativa e propostas, o PCP dará passos e está disponível para, em conjunto com todas as forças democráticas, encontrar formas comuns ou convergentes de acção no plano político e institucional que derrotem esta ofensiva e designadamente o sério retrocesso histórico nos direitos do trabalho, alicerçando as condições para uma política de esquerda ao serviço do povo e do País.

Mas é necessário que se diga algo mais pois no último mês, nem sempre com alguma memória e quase sempre com alguma amnésia, nem sempre para esclarecer e algumas vezes para confundir, muitos têm falado nas relações entre partidos de oposição, das questões relativas ao seu entendimento ou convergência, seja com efeitos imediatos seja na perspectiva de uma futura alternativa.

Porque, pelos vistos, a memória de alguns é especialmente curta, daqui queremos relembrar algumas coisas essenciais a este respeito.

A primeira é, desde logo, que o PCP não precisou de esperar pelo estival mês de Agosto para descobrir a importância destas questões.

Na verdade, logo na noite das eleições de 17 Março, enquanto outros partidos se ocupavam sobretudo ou a valorizar o seu resultado ou a maquilhá-lo, o PCP foi o único partido oponente da direita que sublinhou perante o país as suas graves preocupações com a vitória da direita e com as suas

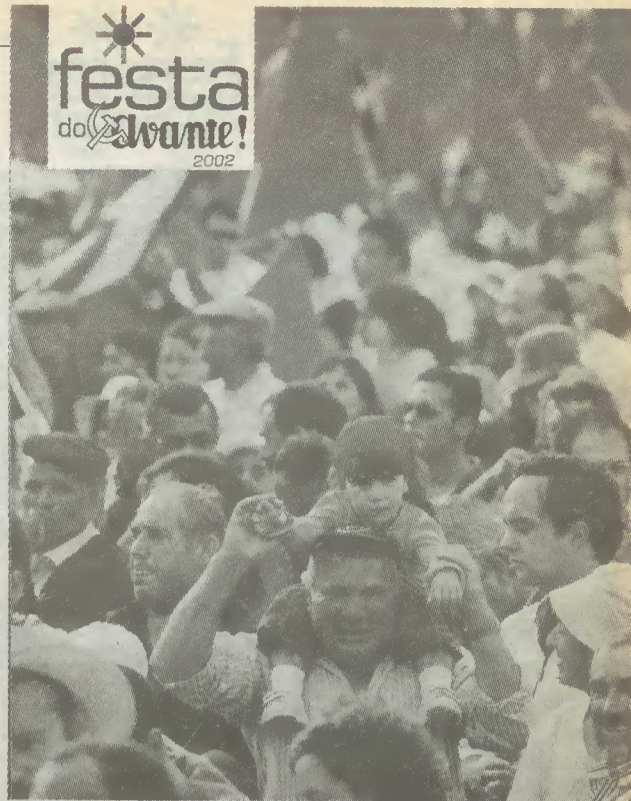
consequências e logo deu um claro sinal de que viriam aí tempos difíceis que exigiriam uma forte cooperação dos partidos da oposição.

Depois, na reunião do Comité Central em 20 de Março, o PCP afirmou com toda a clareza que a situação criada pelos resultados eleitorais impunha a necessidade de se vir a construir uma forte convergência das forças democráticas que, sem prejuízo da sua autonomia e diferenciação, permitisse fazer frente aos perigos que se perfilavam. E a Conferência Nacional do PCP, realizada em 22 de Junho, consagrou que, para fazer face aos sérios desafios e graves ameaças criados pelo regresso da direita ao Governo, é necessário e indispensável que se desenvolvam nos mais diversos planos os processos de diálogo, cooperação, acção comum ou convergência entre forças e sectores democráticos, seja para resistir à ofensiva da política governamental seja para afirmar, sempre que possível, políticas alternativas comuns.

Ao longo destes meses, pela nossa parte, temos agido de acordo com esta orientação e daqui para a frente assim continuaremos a agir, fortemente empenhados em que se juntem forças, energias, influências sociais e políticas para barrar o caminho aos desastrosos retrocessos que o Governo de direita quer impor ao País.

Mas seria animar um caminho de ilusões, enganos e graves abdições se, como alguns fazem, ignorássemos os problemas e dificuldades que pesam sobre este processo e que derivam em grande medida de reais e por vezes substanciais





divergências de orientação política entre as forças democráticas, a maior parte das quais esteve particularmente patente nos últimos seis anos de governação do PS.

Nós não propomos nem queremos que, agora, com a direita no Governo a ameaçar tantas conquistas e direitos, o PCP e o PS passem o tempo a "lamber as feridas" deixadas pelas negativas opções e orientações que, em questões fundamentais, o PS assumiu quando tinha o governo do País e a metade dos deputados e a que o PCP justamente se opôs.

Mas também não propomos nem acreditamos que tenha alguma utilidade ou vantagem o voluntarismo de pôr simplesmente uma pedra sobre o passado recente e de imaginar que todas as dificuldades se resolvem com umas palavras doces, uns acenos de simpatia ou uns interlocutores mais "jeitosos".

Exactamente porque boa parte dos problemas e dificuldades que podem pesar e condicionar a amplitude da convergência de hoje e de amanhã entre as forças da oposição resultariam da conservação, designadamente pelo PS, de orientações em algumas matérias que nem com a melhor das boas vontades podem ser consideradas de oposição ao Governo do PSD e do CDS-PP.

E é por isso que, ao mesmo tempo que aqui na nossa Festa do Avante! confirmamos perante todos os democratas e perante o País o nosso sólido compromisso de, na máxima medida possível, favorecer a cooperação e a convergência em todos os planos com as outras forças à esquerda, aqui queremos deixar-lhes **alguns apelos**.

O apelo às outras forças de oposição, e designadamente ao PS, para que, independentemente do que tenha defendido recentemente no governo, **compreenda que a introdução dos "tectos contributivos" na Segurança Social é um deliberado caminho de descapitalização do sistema público e um autêntico "cavalo de Tróia" destinado a criar aqueles "factos consumados" na base dos quais a direita e o grande capital exigiria depois outros "factos consumados"**.

O apelo às outras forças e designadamente ao PS, para que, independentemente de ideias e projectos que tenha tido recentemente no governo, **compreenda que contemporizações com agravamentos da precariedade dos vínculos laborais e do reforço dos arbítrios patronais são o contrário do que é mais necessário e urgente em relação ao mundo do trabalho**.

O apelo às outras forças e designadamente ao PS, para que, independentemente do que tenha posto em marcha no seu governo, **compreenda que, entre outras linhas de privatização, a entrega da construção e gestão de hospitais públicos a grupos privados será um passo gravíssimo de ataque ao Serviço Nacional de Saúde carregado de consequências negativas para os cidadãos**.

O apelo às outras forças e designadamente ao Bloco de Esquerda, para que reflita no alcance dos seus entusiasmos e o seu anunciado empenho na abertura de novo processo de revisão da Constituição e **que compreenda que as revisões constitucionais até podem iniciar-se com magníficas intenções de alguns, mas que sempre tem acabado com péssimos resultados**.

O apelo às outras forças e designadamente ao PS, para que compreenda que se continuasse a chamar a si o papel de grande campeão das alterações **ao sistema eleitoral para a Assembleia da República isso criaria um enorme e sério conflito entre as diversas forças da oposição e traduziria uma tão grave aproximação entre o PS e o PSD em matéria gravemente lesiva da democracia que, só por si, reduziriam a pó todas as boas palavras de abertura à sua esquerda que o PS entretanto tivesse proclamado**.

Como muitas vezes dissemos, mas é necessário repetir a pensar nos que nunca ouvem o que não lhes convém, o PCP não intervém na vida e na luta política e no debate de ideias com o culto das fórmulas, das etiquetas e dos rótulos. Antes coloca no centro do seu posicionamento, da sua acção e da sua intervenção as causas em que acredita e porque se bate e as convicções profundas que o animam, que configuram a sua distinta identidade política e que sustentam a generosa acção dos seus militantes e simpatizantes.

E até podemos acrescentar que o debate político em Portugal só teria a ganhar em seriedade e em eficácia se muitos, em vez de se ocuparem a esgrimir contra os fantasmas que agitam sobre o PCP, a atacar uma suposta política e supostas propostas do PCP que só são filhas das suas deturpações, se ocupassem a argumentar e a discordar fundamentadamente da política realmente defendida pelo PCP e das propostas e orientações realmente por si sustentadas..

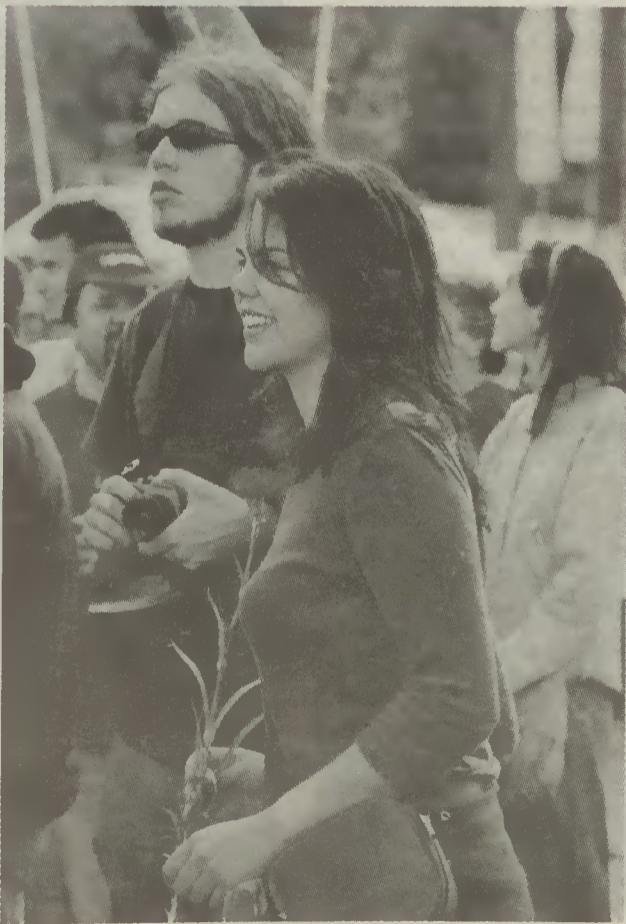
É contra esta torrente de desfigurações, caricaturas e deturpações que, aqui na nossa Festa, queremos dizer para reflexão de todos os portugueses que não desistem de pensar

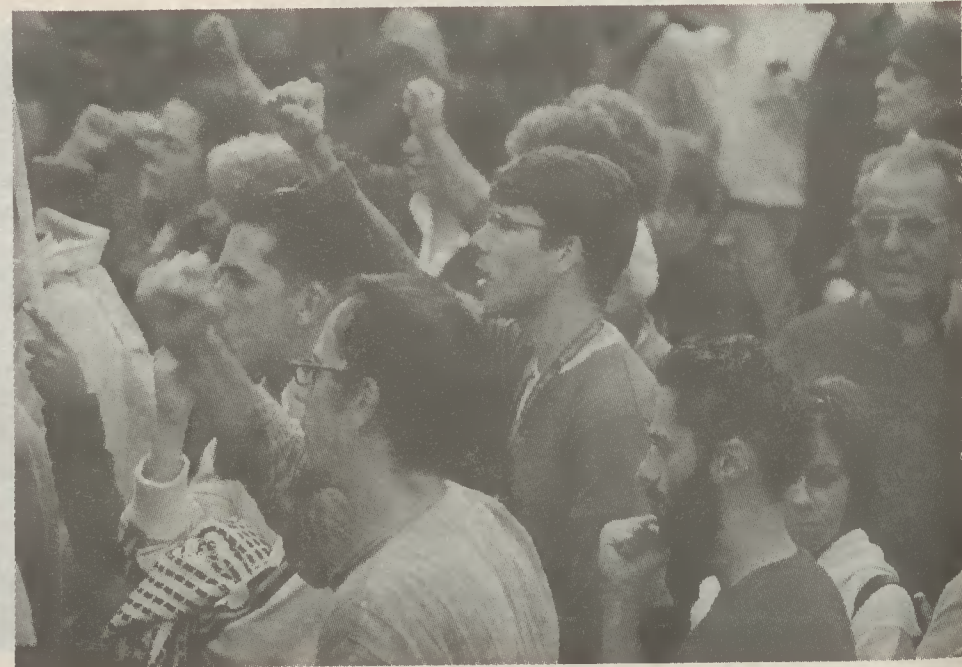
pela sua própria cabeça **que sim, é verdade que o PCP se bate pela revalorização do trabalho e dos trabalhadores, que vê os seus direitos não apenas como uma exigência de justiça social mas como uma condição e alavanca para o progresso do País e que o PCP tem muita honra em pensar assim e que não tenciona render-se aos interesses do grande capital, que sim, é verdade que o PCP se bate para que o interesse público e o interesse nacional prevaleçam na organização económica e que, a par da existência de sectores e empresas privadas, é essencial um forte e modernizado sector público e serviços públicos e que o PCP tem muita honra em pensar assim e que não tenciona render-se a uma prolongada política de privatizações que continuamos a considerar um escandaloso assalto e roubo dos dinheiros e ao património público**.

Sim, é verdade que o PCP se bate pelo **reforço, ampliação e aprofundamento dos direitos sociais do povo português (na saúde, na educação, na segurança social, no trabalho, no acesso à justiça), que os vê como componentes inalienáveis de uma democracia à altura das necessidades e exigências do nosso tempo e que tem muita honra em pensar assim e que não tenciona ajoelhar perante uma prolongada ofensiva para amputar, limitar ou liquidar esses direitos**.

Sim, é verdade que o PCP se bate por **políticas de justiça, humanismo e progresso social que permitam enfrentar as raízes de dilacerantes problemas de desintegração social, de violência e insegurança na vida colectiva, de desprotecção dos imigrantes, de grave dimensão da toxicod dependência e das suas sequelas e que tem muita honra em pensar assim e que, defendendo as medidas necessárias ao combate ao crime e à protecção dos cidadãos, não tenciona ceder à demagogia populista e à exploração fácil das emoções**.

Sim, é verdade que lutamos por **um novo rumo para a integração europeia tanto em nome dos interesses do progresso e do desenvolvimento nacionais como em nome de uma Europa mais solidária e menos desigual assente na cooperação entre Estados soberanos e iguais em direitos e que temos muita honra em pensar assim e não tencionamos render-nos nem à deriva federalista que, além do mais, só promete agravar o fosso entre os**





cidadãos e as instituições, nem aos ditames dos países mais poderosos.

Sim, é verdade que nos batemos por uma ordem internacional mais justa, pela mobilização de recursos para enfrentar os problemas ambientais e os problemas da fome, da doença e da miséria que atingem dramaticamente grande parte da humanidade, por um mundo de paz e de cooperação e que temos muita honra em pensar assim e que não tencionamos temporizar com a agressividade e arrogância do imperialismo norte-americano que aí está de novo ateando os ventos da agressão e da guerra com as devastadoras consequências sociais, económicas e políticas da globalização capitalista.

Estas são algumas das causas e convicções com que enfrentamos a realidade para a mudar e transformar, tendo no horizonte o nosso valioso projecto de uma democracia avançada e tendo também no horizonte a perspectiva que mantemos de que o capitalismo não é o fim da história e que, pela luta dos povos, será possível abrir a estrada para o socialismo.

Estas são algumas das causas e convicções que integram a política de esquerda que defendemos e que consideramos indispensáveis para dar consistência e a uma futura alternativa de esquerda à política e ao governo do PSD e do CDS.

Estas são algumas das causas e convicções para as quais trabalhamos para encontrar mais eco e mais apoio na opinião e na iniciativa dos cidadãos porque é esse apoio, essa mais lúcida consciência e essa mais intensa iniciativa, convergindo com o indispensável reforço da influência do PCP, que mais podem determinar um rumo de esperança em direcção à alternativa de esquerda de que Portugal precisa.



Hoje, mais do que em momentos anteriores, a situação criada com esta nova ofensiva da direita, reclama a acção e a intervenção do PCP e confirmam o seu papel determinante para a defesa consequente dos interesses dos trabalhadores e das massas populares. Um papel que assumirá com a determinação, coerência e decisão de sempre, na primeira linha do combate à política de direita, com os trabalhadores e as suas lutas. Um papel e uma presença que hoje como ontem, a exemplo de sempre, os trabalhadores e o povo sabem poder contar.

Inserido na resposta do Partido à ofensiva neoliberal e de retrocesso arranca dia 26 uma grande jornada nacional de esclarecimento e mobilização em torno da revisão das leis laborais, com um número especial do Avante! também no quadro da sua difusão — onde se identifica o que está em causa e o que o Governo pretende — jornada que, pela sua grande importância, desde já chamamos atenção a todo o colectivo partidário.

E no sentido de tratarmos das nossas raízes e de reforçarmos a influência deste Partido insubstituível, no seio dos trabalhadores, vamos realizar em Outubro um importante Encontro Nacional.

Estamos empenhados e convictos que é possível e necessário termos um PCP mais forte.

Sim, é possível! Com o estímulo e a valorização da militância, com a iniciativa própria de cada organização, com a ideia clara de que o Partido não é uma entidade abstracta, com o alargamento do núcleo activo, a renovação e o rejuvenescimento de organismos e com o aprofundamento e exercício da democracia interna como característica essencial do funcionamento do Partido.

Mas também, como a Conferência Nacional do PCP sublinhou, impõe-se dar continuidade e reforçar a iniciativa própria do Partido, demonstrando o valor do seu projecto, divulgando e afirmando as propostas, reforçando a ligação às realidades concretas, aos trabalhadores e à população em geral.

Uma intervenção política própria que é condição para o reforço e alargamento da sua influência e da afirmação do PCP como força indispensável à concretização de uma política alternativa.

Sim, é possível um PCP mais forte

Ganha, por isso, um importante significado e importância o lançamento e concretização até ao final do próximo ano da acção “Em movimento, por um Portugal com futuro” integrando diversificadas iniciativas de esclarecimento, debate e mobilização sobre diferentes problemas e questões da realidade nacional. Uma acção que, pelo seu desenvolvimento, permita pela intervenção do PCP sobre importantes questões da vida política nacional não só constituir-se como um elemento de resistência à política de direita, mas também de demonstração de que os problemas que o país enfrenta podem ter solução, que é possível um país mais desenvolvido e mais justo. Uma iniciativa que contribua para uma ainda maior proximidade e intervenção das organizações do Partido aos problemas e que possibilite o aprofundamento da reflexão e conhecimento, e cujo êxito e resultados são inseparáveis do envolvimento e mobilização de cada organização e militante.

“Em movimento, por um Portugal com futuro” é em si um importante sinal de confiança no futuro: confiança em que o País não está condenado às mesmas e requeitadas políticas que avolumam e agravam os problemas e as condições de vida do povo; confiança em que não só uma outra política é possível como se afirmar mais cedo ou mais tarde como indispensável; confiança em si próprio e nos trabalhadores, nas suas lutas e na acção da participação popular para a construção de uma política alternativa.



O casino planetário e a tragédia de milhões de seres humanos

A nossa festa é também uma grande manifestação de solidariedade internacionalista num mundo em que continuam a acentuar-se as desigualdades com a economia mundial transformada num casino planetário em que a globalização neoliberal continua a condenar milhões de seres humanos à indignidade humana mesmo no seio dos países mais ricos e desenvolvidos.

O relatório da ONU tornado público na Conferência internacional sobre a Sida realizada em Julho, em Barcelona, a Conferência de Joanesburgo rebatizada de Cimeira da Terra e o recente “Relatório Sobre o Desenvolvimento da Humanidade” dão-nos uma nova fotografia das terríveis desigualdades e um quadro da iníqua, cruel e bárbara ordem mundial que atinge milhões de seres humanos. E são só por si um libelo acusatório às políticas dominantes e a um sistema fundado na exploração e na apropriação privada de mais-valia. E são particularmente chocantes quando confrontados com os avanços da ciência e da técnica, com a fantástica capacidade de produção de bens e serviços, com os fabulosos gastos em armamentos e com a infinita concentração da riqueza, em que como se sabe os activos de três multimilionários é superior ao PIB somado dos 48 países mais pobres do planeta!

Quando a busca do máximo lucro se sobrepõe ao Homem e à medida de todas as coisas o que é que há que esperar?

Não é verdade, por exemplo, que a desigualdade perante a epidemia da Sida ultrapassa os limites do suportável? E não é verdade que trinta e nove das maiores companhias farmacêuticas se uniram contra o governo da África do Sul por este querer produzir medicamentos genéricos para fazer face à situação dramática da Sida e que também os Estados Unidos apresentaram na OMC uma acusação contra o Brasil por não respeitar as patentes? Foi a denúncia, a luta desses povos e a mobilização da opinião pública internacional que os fez recuar! Mas as pressões das multinacionais mantêm-se.

Noutro plano é também chocante e intolerável que para fazerem subir as suas cotações na bolsa grandes empresas anunciem, com grandes parangonas, o despedimento de milhares de trabalhadores, para darem a entender aos accionistas que assim irão ter taxas de lucro superiores.

A vida de milhões de seres humanos está hoje cada vez mais dependente dos resultados da especulação a nível planetário.

As quedas bolsistas deitando por terra as ilusões semeadas pelos propagandistas da “nova economia” e as falsificações das contas em grandes empresas que estavam falidas ou com grandes prejuízos, arruinaram milhares de pequenos accionistas e de reformados cujos fundos de pensões foram jogados na roleta das bolsas e acentuaram os factores de depressão económica.

E isto quando ainda muito recentemente douts teorias previam para os Estados Unidos um forte e continuado crescimento económico graças ao seu “modelo” e ao modo de financiamento da sua economia. E o que se vê. As dificuldades em relançar a actividade económica e os receios de uma mais profunda queda bolsista com os seus efeitos de bola de neve são fundados. É por isso que se afirma que, no projecto imperial da invasão do Iraque e por detrás da retórica antiterrorista e da defesa dos direitos do homem, estão dois objectivos muito concretos: dinamizar o complexo militar industrial e controlar o petróleo iraquiano dando um novo balão de oxigénio à especulação bolsista. E esta é uma questão em que exigimos uma posição clara do Governo português, como fizeram Jacques Chirac e Schröder, quer quanto ao apoio político quer quanto ao uso da Base das Lajes.

A dominação, a troca desigual, a pilhagem de recursos, a intensificação da exploração e a liquidação de direitos aos trabalhadores, a “financiarização” da economia, bem como a corrida aos armamentos que continua neste século XXI, mesmo depois do fim da chamada “guerra fria” não são uma fatalidade.

Nós, comunistas, continuamos a pensar que há alternativa à globalização capitalista, que um outro mundo é possível, que um mundo melhor é necessário e urgente para bem da humanidade.

Um Partido firme e confiante

Este é um Partido que, também nesta Festa do Avante!, exprime uma firme confiança no valor e no futuro dos nossos ideais e convicções comunistas, a inquebrantável vontade de lutar e de transformar a vida, a coerência, a seriedade e a verticalidade, as propostas e o projecto revolucionário de uma grande força da liberdade, da democracia, do socialismo, o Partido Comunista Português.

Um Partido que, como nenhum outro em Portugal, assume os seus problemas, insucessos, dificuldades e insuficiências e mobiliza energias e capacidades para os atenuar ou vencer mas que não está disposto em deixar de ter orgulho no seu incomparável passado e presente de luta e em deixar de ter confiança no seu futuro.

Um Partido que respeita e não teme nem a diferença de opiniões entre os seus membros, nem o debate político e ideológico feito com verdade, seriedade e rigor, e antes os vê como naturais e susceptíveis de promover avanços de reflexão, mas em que, naturalmente, não se aceita a sobreposição da vontade e opinião individuais à vontade e opinião colectivamente formadas. Em que, naturalmente, não se aceita um sistema em que cada um só respeitaria o que correspondesse à sua opinião, às suas exigências e daria combate público a tudo o que correspondesse à vontade maioritária do colectivo partidário e às decisões legítimas dos diversos órgãos do Partido.

Um Partido que sabe que há muita reflexão e debate para fazer no seu seio, muitas interrogações, inquietações e insatisfações de militantes que reclamam resposta, mas que valoriza o debate democrático e a reflexão feita na preparação da sua recente Conferência Nacional — processo em que nenhum membro do Partido foi impedido de defender o que entendesse, em que nenhum membro do Partido foi impedido de se candidatar a delegado e em que nenhum delegado eleito foi impedido de votar na Conferência como quisesse — e que valoriza as conclu-

sões dessa importante instância democrática de decisão nacional do Partido, como contendo orientações e linhas de trabalho úteis e necessárias para o reforço da organização e intervenção do PCP.

Um Partido que não é, nem quer ser, nem uma igreja nem um exército, mas que é e quer continuar a ser uma associação livre e voluntária de mulheres e homens unidos por um generoso compromisso forjado em torno de ideais e de um projecto político, assente em regras de relacionamento fraternal e funcionamento solidário que todos se comprometeram a aceitar. Em que todos sabiam e sabem que essas regras significam que, em benefício da eficácia da sua acção e da sua comunidade de ideais, cada um prescinde de se comportar publicamente com se fosse independente ou como se fosse membro de outro partido. Em que todos sabiam e sabem que se essas regras eram boas quando exerciam responsabilidades de direcção não podem ter passado a ser péssimas quando deixam de ter essas responsabilidades.

Um Partido que não cede e não quer ceder às pressões para que escolha entre as certezas inabaláveis e as dúvidas infinitas e sistemáticas, porque há muito escolheu um outro caminho: o caminho inspirado pelas causas, convicções e ideais que fazem a sua razão de ser.

Um partido que enfrenta as sentenças de divisão, crise e morte iminente que sobre ele todos os dias outros despejam e os falsos dilemas em que o pretendem aprisionar com uma profunda confiança de que, pelo trabalho, pela reflexão, pela luta, por uma mais forte ligação ao povo, pela unidade, coesão e solidariedade do seu colectivo partidário é e será uma força com futuro, porque têm futuro os ideais por que se bate, porque têm futuro os valores de que se reclama, porque tem futuro o generoso empreendimento humano que representa. Porque a dignidade e a felicidade humanas e o seu projecto humanista de transformação social têm futuro.



Intervenção de José Casanova

«Avante!» lança campanha de difusão

Camaradas,

Todos os anos dizemos que Festa mais bonita do que esta, só a do próximo ano. E assim podemos dizer uma vez mais: a Festa deste ano é melhor e mais bonita do que a do ano passado e, mais bonita do que esta, só a do próximo ano.

Na Festa deste ano há, no entanto, um aspecto que é necessário sublinhar: o do aumento do número dos construtores da Festa – mais de 7 mil participações nas jornadas de trabalho voluntário, com uma crescente intervenção da juventude e com destaque assinalável para a JCP – que daqui saudamos fraternalmente, envolvendo nesta saudação os muitos milhares de camaradas que, nas suas organizações, levaram a cabo as muitas outras tarefas necessárias ao êxito da Festa e, igualmente, todos os camaradas e amigos que durante estes três dias, nas mais diversas tarefas, à custa de muitos esforços e muita dedicação, asseguraram o funcionamento da Festa. Daqui saudamos, também, o apoio solidário prestado por diversas entidades públicas e privadas, que muito agradecemos. Finalmente, uma saudação fraterna e efusiva para os muitos milhares de visitantes da Festa.

Este aumento de participação na construção e funcionamento da Festa do Avante tem um significado inequívoco, já sublinhado pelo camarada Carlos Carvalhas na intervenção de abertura da Festa – desta Festa que é construída e visitada por quem a quer construir e visitar, num acto voluntário de militância constante ou na simples adesão passageira, e todos têm lugar neste processo exaltante, todos, sem excepção, comunistas e não comunistas que aqui convivem e confraternizam. E ainda bem que são muitos milhares os que querem viver, aqui na Atalaia, estes três dias de convívio fraterno e solidário. A nossa Festa é a resposta da militância comunista com toda a sua carga de dedicação consciente, de empenho generoso, de espírito revolucionário; é a demonstração clara de que o Partido está vivo, actuante e, hoje, como no passado, assume as suas responsabilidades de Partido comunista e português.

Na Festa deste ano, procedemos ao lançamento de uma campanha de difusão do nosso «Avante!», que prosseguirá até ao



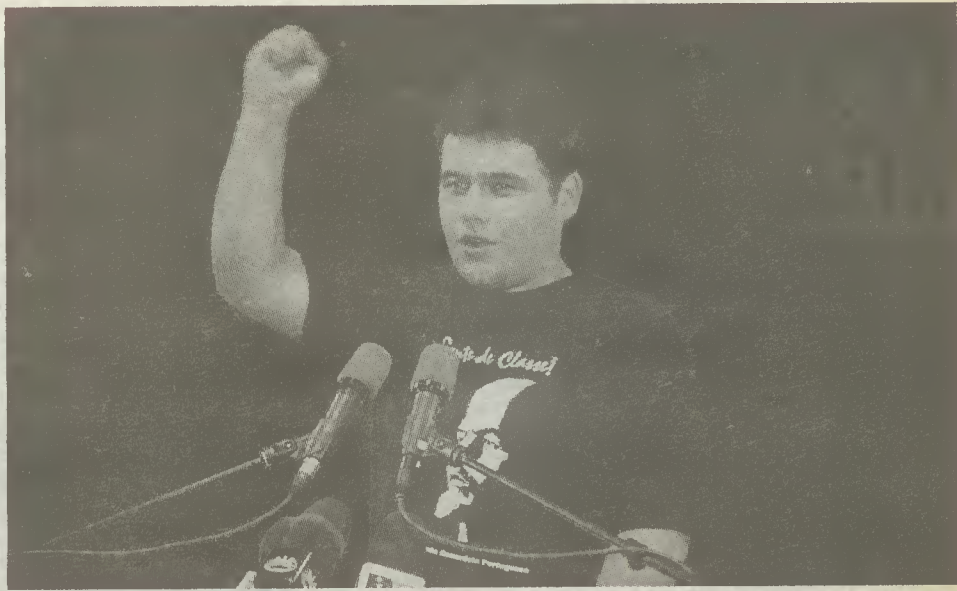
Primeiro de Maio de 2003 e através da qual pretendemos aumentar o número de Avantes semanais vendidos. Sendo o «Avante!» o órgão central do PCP, a importância política, ideológica e partidária da sua leitura, conferem grande relevância a esta campanha de difusão, cujo êxito depende essencialmente do empenho das organizações e dos militantes do Partido. Fazer chegar mais longe a nossa voz, constitui um objectivo de todos os dias, porque fazer chegar o «Avante!» a mais leitores é fazer chegar a mais gente a opinião, a actividade, as propostas, o projecto do PCP. E se isso é verdade sempre, é-o ainda mais no tempo que vivemos, em que o Governo Barroso/Portas se prepara para levar por diante um pacote laboral que constitui um autêntico atentado aos direitos dos trabalhadores portugueses. No próximo dia 26, uma edição especial do «Avante!», com 50 mil exemplares, fará chegar aos trabalhadores a informação que o Governo de direita lhes quer esconder sobre o chamado Código do Trabalho: os despedimentos sem justa causa; os patrões transformados em donos da vida profissional, social, familiar e privada dos trabalhadores, decidindo como, quando e quantas horas trabalham; a agressão brutal aos jovens e às mulheres pela via da eternização dos vínculos precários do

trabalho e dos salários parciais; a liquidação de direitos consagrados nos contratos colectivos; a limitação ou mesmo a proibição do direito à greve. Para que a informação e o alerta sobre este atentado aos direitos dos trabalhadores chegue onde deve chegar, é necessário organizarmos uma venda especial do «Avante!» de 26 de Setembro – à porta e dentro das empresas e locais de trabalho, na rua, em locais públicos estratégicos, em todo o lado onde é necessário chegar a voz do esclarecimento, da

informação verdadeira sobre os objectivos antidemocráticos contidos neste pacote antilaboral. Para, assim, darmos mais força à luta contra este atentado aos direitos dos trabalhadores – luta que é necessário travar e que é possível vencer.

A grandeza e o conteúdo da Festa do Avante surpreendem muita gente. No entanto, esta Festa é o que é não por efeito de qualquer milagre, mas por razões muito concretas que não podem deixar de ser tidas em consideração: esta Festa é o que é porque é a Festa do PCP, porque é a Festa de um partido com características singulares, porque é a Festa de um partido com uma natureza de classe determinada – partido da classe operária e de todos os trabalhadores; porque é a Festa de um partido com uma base teórica determinada – o marxismo-leninismo, concepção materialista e dialéctica do mundo, criadora e, por isso, contrária quer à dogmatização quer à revisão oportunista dos seus princípios e conceitos fundamentais; esta festa é o que é, porque é a Festa de um partido com regras de funcionamento democráticas – mil vezes mais democráticas do que as de qualquer outro partido nacional, sublinhe-se –, regras basea-





Intervenção de Paulo Marques

Transformar é possível!

Camaradas e amigos,

Estamos a viver mais uma grande Festa do Avante! com dezenas de milhares de pessoas mobilizadas em torno do Partido Comunista Português e da JCP.

A Festa é um reflexo da força deste grande partido, da força da juventude, da força classe operária e de todos os trabalhadores. Durante meses, milhares de camaradas e amigos, construíram a melhor das festas.

A JCP saúda a força, a dedicação e a alegria dos que ergueram a festa da cultura, do desporto, do debate, do sonho e da luta e, muito particularmente, saudamos os mais de mil jovens que com a seu empenho edificaram o espaço da juventude e deram importantes contributos na construção geral da Festa.

Esta é a grande Festa da juventude! Estão aqui muitos milhares de jovens. A sua presença reflecte também a actualidade do projecto comunista. Nós sabemos da justiça do nosso projecto e de que a luta que travamos nasce no seio dos trabalhadores e da juventude.

Camaradas e amigos,

Desde a última Festa do Avante! Mais de mil jovens aderiram à JCP, e entre os novos membros do Partido 40% têm menos de 30 anos. Isto é uma demonstração de que o nosso partido tem implantação e prestígio junto da juventude e que ela quer participar, quer progresso social e quer uma sociedade mais justa.

Nós sabemos que Transformar é possível! E por isso demos esse lema ao nosso 7.º Congresso que se realizará a 2 e 3 de Novembro, na cidade de Setúbal.

Nesta fase preparatória, estamos a fazer debates e discussões em todos os colectivos da JCP e a divulgar o Congresso junto de amplas massas juvenis. Todos os militantes debatem o projecto de resolução política, enriquecendo-o com o seu contributo e a sua opinião. As conclusões do Congresso serão verdadeiramente o fruto deste grande colectivo que é a Juventude Comunista Portuguesa.

O 7.º Congresso da JCP será a afirmação do ideal comunista e a sua identificação com os anseios da juventude. O nosso Congresso reafirmará a JCP como organização revolucionária da juventude, como organização marxista-leninista.

Queremos ter em cada escola, em cada bairro e em cada empresa uma JCP ainda mais influente. Mobilizada em torno da luta pelos sonhos e aspirações da juventude. E o nosso partido merece e precisa que a nossa intervenção e a nossa luta seja ainda mais forte e mais influente no seio da juventude.

Camaradas e amigos,

A nossa Festa é um espaço de alegria, de convívio e de realização individual e colectiva. Mas é também um espaço de denúncia da política contra os interesses da juventude e um momento de esclarecimento e luta.

Na Festa dizemos não aos ataques de direita à educação e aos ataques aos direitos das novas gerações de trabalhadores. Na Festa dizemos não aos numerus clausus e às propinas. Exigimos o direito à educação pública, gratuita e de qualidade. Exigimos melhor acção social escolar. Exigimos a aplicação da lei da educação sexual nas escolas. Exigimos a reposição do crédito bonificado e o reforço do apoio ao arrendamento de habitação para jovens. Exigimos emprego com direitos. Exigimos emprego para milhares de licenciados que não vêem a realização dos seus objectivos.

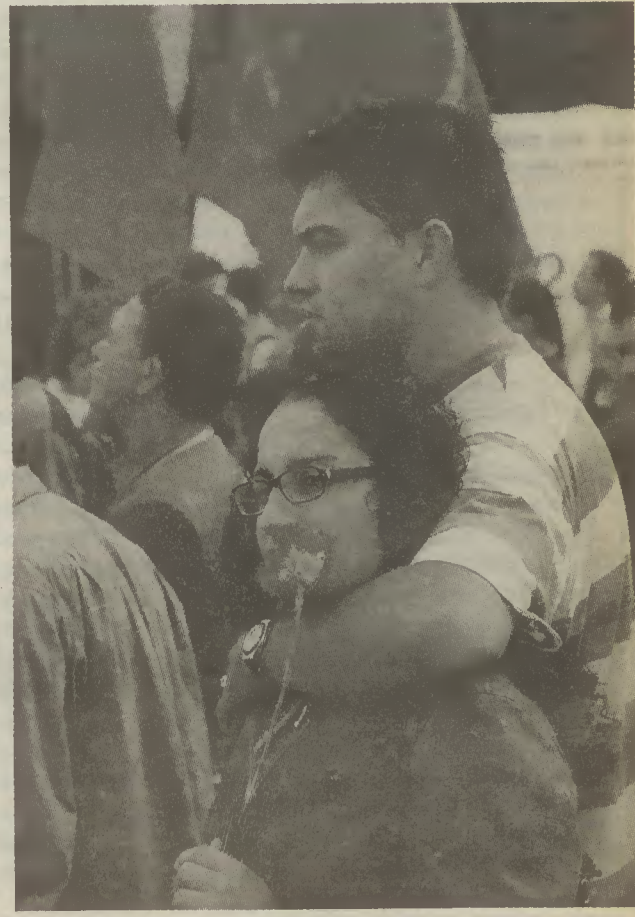
Na festa saudamos a luta da juventude. Só a luta é a resposta!

Na festa saudamos a luta dos jovens do mundo. As ameaças à paz que o imperialismo tem colocado, particularmente nos últimos tempos, exigem da juventude uma luta determinada contra o militarismo, contra a escalada de guerra, contra a corrida ao armamento, por um mundo de paz e cooperação entre os povos.

Desta tribuna enviamos, em particular, a nossa solidariedade com os jovens palestinianos que lutam contra a ocupação brutal de Israel e que lutam por uma Palestina livre e independente.

Camaradas e amigos,

Amanhã é mais um dia de trabalho e luta. Com confiança e convicção vamos caminhando para a transformação revolucionária da sociedade em que vivemos. Com o objectivo último de edificar uma sociedade socialista, sem exploradores nem explorados, e de construir o comunismo – pelo qual gerações e gerações de jovens comunistas lutaram e lutarão até à vitória!



• Margarida Folque

Comunistas aprofundam o debate e a reflexão

Um Partido com futuro

O fórum da Festa do «Avante!» foi, de novo, espaço privilegiado de debate e reflexão, ainda que, de alguma forma, prejudicado pela chuva. Este ano, entre os vários temas, estiveram em discussão a «Globalização e as questões da América Latina», com a participação de Albano Nunes e Manuela Bernardino, e a «Educação, ciência e cultura - perspectivas para a juventude», com António Abreu, Paulo Raimundo, Manuel Gusmão e Vasco Cardoso.

Centenas de pessoas, ao princípio da tarde de sábado, enchiam completamente o fórum para debater um dos temas que mais as interessa-

va: «PCP - um Partido com futuro».

«O PCP tem uma história, tem projectos, tem presente e tem futuro», começou por afir-



ançar Vítor Dias. Mas não basta afirmar que o PCP tem futuro, é preciso sustentar essa afirmação «no esforço,

unidade e capacidade para responder aos problemas e desafios», sublinhou.

Lembrando a lucidez, o espírito crítico e as inquietações que marcaram a Conferência Nacional, relativamente a deficiências na actividade do Partido, o dirigente comunista recordou, também, o facto de a Conferência ter adoptado importantes linhas de trabalho e fixado um conjunto de tarefas para o reforço do Partido, da sua organização e intervenção. Ainda, sob o lema «Em movimento por um Portugal com futuro», vai ser lançada uma campanha de debates e iniciativas públicas com vista a afirmar «que há uma política alternativa» e para que «mais portugueses que apoiam propostas e iniciativas do PCP passem dessa concordância para um apoio político e eleitoral ao Partido».

No debate, participaram, também, Bernardino Soares, presidente do Grupo Parlamentar e membro da Comissão Política, e José Ernesto Cartaxo, membro do CC e dirigente da CGTP.

Com os trabalhadores

«A luta de classes está na ordem do dia», afirmou, por

seu turno, José Ernesto Cartaxo, denunciando as restrições orçamentais impostas pelo Pacto de Estabilidade, os ataques à Segurança Social pública, universal e solidária e o Código de Trabalho que, em sua opinião, representa a mais brutal ofensiva depois do 25 de Abril contra os direitos dos trabalhadores. Ofensiva que faz com que «os trabalhadores precisem do PCP com a sua identidade própria e natureza de classe» e «o PCP precise dos trabalhadores para reforçar a sua intervenção e influência».

Para Bernardino Soares, a acção parlamentar do PCP, ao longo dos anos, tem-se destacado pela capacidade de apresentar propostas de futuro, algumas das quais são hoje presente. Referiu, entre outras, as do tratamento da toxicod dependência como doença, do direito à associação sindical no caso da PSP, da educação sexual nas escolas e da interrupção voluntária da gravidez. Outras, ainda, como a da reorganização fundiária do Alqueva ou da instituição de um novo sistema de contribuição que incida sobre os lucros e reforce as verbas da segurança social, sê-lo-ão em breve, afirmou.

Uma acção parlamentar que, em sua opinião, só possível porque o PCP privilegia o contacto com as populações, com os movimentos sociais e com os trabalhadores.

O debate

Às intervenções de abertura, seguiram-se cerca de vinte testemunhos de participantes, quase todos militantes, apostados em aproveitar mais este debate para expressar as suas reflexões, que a mesa ouvia atentamente e registava como contributos importantes para o debate do dia-a-dia.

De destacar a confiança por todos manifestada quanto ao futuro do PCP, que «se hoje não existisse era imperioso criar», face à exploração e à determinação do capital em liquidar direitos há muito conquistados pelos trabalhadores.

«Hoje há situações laborais e sociais terríveis, trabalhadores que não podem comprar o Avante! e para falar com o PCP têm de fazê-lo clandestinamente», dizia um dos participantes, para quem esta realidade torna o PCP «mais necessário que nunca».

A defesa da matriz ideológica do PCP, o aperfeiçoamento e maior divulgação da sua mensagem e a condenação do comportamento de alguns militantes «que engrossam a campanha» contra o Partido, foram outras questões levantadas pelos participantes, esta última apenas não partilhada por um interveniente.

A actualidade do exemplo

Bento Gonçalves. A evocação da figura e do seu legado de revolucionário e militante comunista, com uma vida inteiramente dedicada à causa dos trabalhadores e ao seu povo, esteve presente na 26.ª edição da Festa do Avante!.

Para além da exposição sobre a sua vida e obra, patente no Pavilhão Central, momento de particular significado foi ainda o que reuniu no sábado, no espaço «à conversa com...», uma plateia interessada em ouvir Jaime Serra, um histórico dirigente comunista, o orador convidado para falar do homem que em 1927 assumiu o cargo de secretário-geral do PCP.

A antecedê-lo, numa breve apresentação, Victor Barata, da célula do PCP do Alfeite, que conduziu a sessão, recordou na vida de Bento Gonçalves o operário estudioso, o matemático, o inovador tecnológico, cujo saber nunca deixou de partilhar com os operários a quem ensinava, o homem de cultura que criou bibliotecas no Arsenal em Lisboa e que ainda hoje são uma referência de prestígio daquela empresa.

Da sua acção enquanto comunista e do contributo decisivo que deu, sobretudo no plano ideológico, para a organização do movimento operário, falou detalhadamente Jaime Serra.

Lembrou, nomeadamente, os «documentos fundamentais» produzidos por Bento Gonçalves, num período em que «a luta era difícil», em que se fazia sentir grandemente a influência do anarco-sindicalismo e em que a classe operária carecia de perspectivas e de preparação política e ideológica.

O papel do PCP

Luta esta que, sendo mais difícil, tinha, contudo, uma espécie de contraponto positivo que era o de na altura ser mais fácil a «identificação dos inimigos de classe».

O que serviu de mote para Jaime Serra estabelecer a ponte com o quadro político actual, onde as classes dominantes, detentores do poder político e económico, possuem mecanismos muito mais sofisticados que, observou, «tornam mais difícil aquela identificação».

Matéria esta que o levou de seguida a questionar-se sobre «qual o papel do PCP», bem como sobre «o que é ser

comunista hoje e qual deve ser a direcção da actividade».

A resposta deu-a ainda Jaime Serra, salientando, a este respeito, que «o PCP é hoje o único partido que defende verdadeiramente os interesses dos trabalhadores e que assume a luta de classes e o processo revolucionário de transformação da sociedade».



E se é certo que esta perspectiva deveria estar sempre presente na nossa luta, a verdade é que nem sempre todos a conseguem manter, devido ao que lembrou serem – «já não as formas violentas do fascismo» – as formas sofisticadas de domínio que o grande capital dispõe para defender os seus interesses.

Citado, a propósito, foi o escandaloso processo, que se tem desenvolvido com a complacência de sucessivos governos, de encerramento, deslocalização ou falência de empresas, muitas vezes sem pagamento de salários e indemnizações, em que são os trabalhadores quem fica sempre a perder enquanto «os capitalistas vão investir noutro lado».

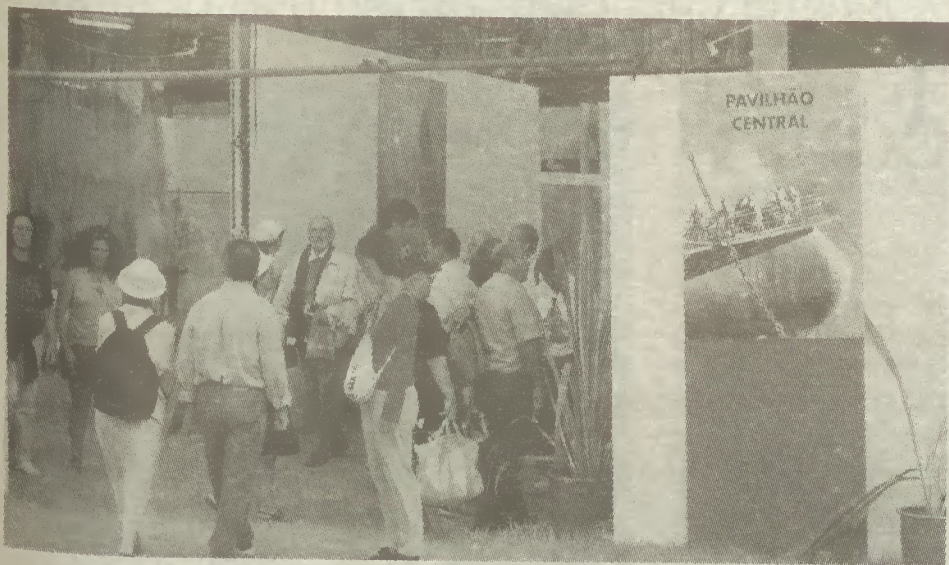
Por isso – e esta foi uma das ideias centrais a reter do debate – na comemoração do centenário de Bento Gonçalves, a melhor homenagem que se lhe pode prestar é aproveitar o seu exemplo para o «reforço ideológico do Partido», cimentando a «unidade da sua direcção e de pensamento e de acção».

«Com o seu programa de transformação da sociedade» – garantiu Jaime Serra – «os trabalhadores têm razões para confiar no PCP».

António Dias Lourenço, já no período de debate, interveio igualmente para lembrar a importância da participação de Bento Gonçalves no VII Congresso da Internacional Comunista e o papel decisivo que desempenhou para o surgimento da Editorial Cosmos e para trazer ao Partido essa figura maior da cultura portuguesa que foi Bento de Jesus Caraça.

No espaço «À conversa com...» outros foram ainda os debates que ao longo dos três dias da Festa suscitaram o interesse dos visitantes. Foi o caso do debate que teve como tema «Do prelo à Internet», com Fernando Correia, bem como do que teve como oradora convidada a nossa camarada de redacção Anabela Fino, que falou de «O Avante! e a outra comunicação social».





• João Chasqueira

Com esclarecimento, mobilização e luta

Derrotar a ofensiva antilaboral

Está em curso a maior e mais grave ofensiva dirigida contra os direitos dos trabalhadores. Desse plano, como peças articuladas, fazem parte o pacote laboral e os ataques à Segurança Social e ao Serviço Nacional de Saúde. Com esclarecimento e mobilização é possível vencer mais esta batalha.

Esta uma ideia central que sintetiza o essencial do debate que iniciou, sexta-feira à noite, o ciclo de abordagens a questões de actualidade no espaço Fórum, situado no Pavilhão Central. A introdução ao tema proposto - *As leis laborais e a Segurança Social - a defesa dos trabalhadores* - coube a Jerónimo de Sousa, da Comissão Política, que estava acompanhado na mesa por Fernanda Mateus, igualmente membro daquele órgão dirigente do PCP, e pelo economista Eugénio Rosa, do Gabinete de Estudos da CGTP-IN, presente na

«São 678 alterações a todo o ordenamento jurídico-laboral existente», sublinhou o dirigente comunista, referindo-se ao que disse ser muito mais do que um «pacote laboral». Que, a concretizar-se, alertou, significaria um «regresso quase aos primórdios do capitalismo», nos mais variados planos, incluindo nos «filosófico e doutrinário».

Vários foram os exemplos trazidos a lume ao longo do debate. Todos eles, atentas as alterações propostas, convergentes com o objectivo de introduzir uma «mudança de fundo e estrutural». Subordi-

Patronato insaciável

Alterações à legislação laboral que a CIP anunciou já como insuficientes para a competitividade e a produtividade das empresas. «Uma mentira!», sublinhou Eugénio Rosa, para quem o problema está, isso sim, é na «falta de investimento e na má organização e direcção das empresas». Exemplificando, citou os casos da Auto Europa e da metalúrgica EMEFE, duas empresas que se regem pelas mesmas leis laborais. No primeiro caso, observou, a produtividade por trabalhador/ano é de 20 mil contos, enquanto no segundo é de quatro mil.

Muitos outros exemplos testemunhando a gravidade e o carácter violento da ofensiva em curso foram ainda referidos no decurso do debate. Do trabalho nocturno que o Executivo quer considerar como tal só a partir das 11 horas, da eterni-



Executivo chefiado pela dupla Barroso e Portas quer entregar também «fatias avultadas dos dinheiros da Segurança Social, visando alargar o espaço de mercado e as margens de lucros», como denunciou na sua intervenção Fernanda Mateus.

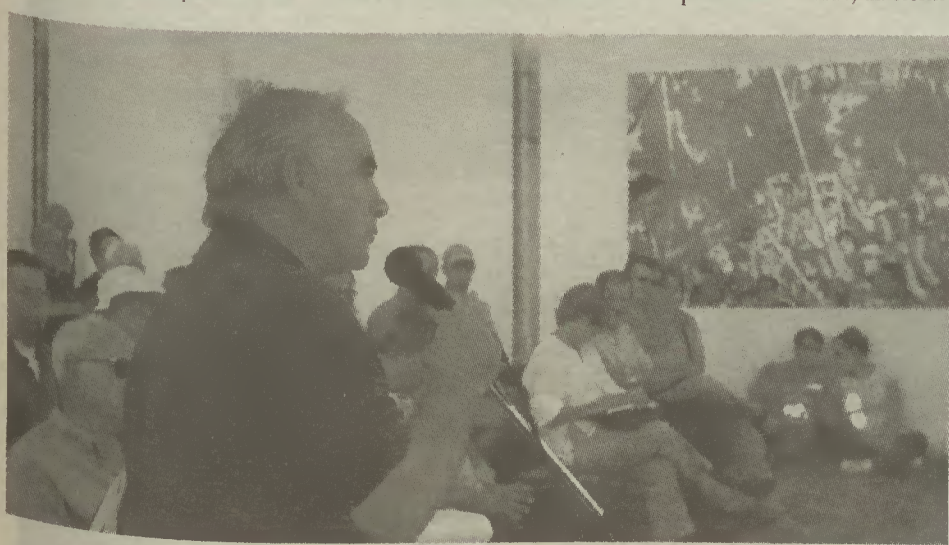
Esse é inequivocamente o sentido das alterações à lei de Bases da Segurança Social, segundo a dirigente do PCP, que considerou estar-se perante uma «séria ameaça» ao sistema na sua configuração actual (público, solidário e universal) que diz respeito não apenas

aos reformados e pensionistas mas a todos os trabalhadores que precisam de protecção social, seja na doença, nos abonos familiares ou no desemprego. E sobretudo às gerações mais jovens a quem o Governo quer retirar este direito.

Por isso o aviso deixado, no que se refere mais concretamente ao pacote laboral, de que se está perante uma questão que não diz respeito apenas ao mundo do trabalho. «Tem a ver com a própria democracia», advertiu Jerónimo de Sousa, que não hesitou em considerar esta «em

causa» face à actual ofensiva do Governo. Pelo que «é preciso envolver nesta batalha toda a gente», apelou, antes de fazer notar que, «mais do que nunca - e ao contrário do que alguns dizem -, este pacote laboral reflecte que a luta de classes está na ordem do dia».

«E porque a ofensiva é maior, maior tem de ser a luta», concluiu, antes de reiterar uma certeza: a de que os trabalhadores, que já travaram com êxito idênticas lutas, podem contar com o PCP para defender os seus interesses e o próprio regime democrático.



qualidade de militante comunista.

Ataque sem precedentes

A reter da exposição de Jerónimo de Sousa fica sobretudo a ideia, devidamente explicitada através de vários exemplos, de que a conjugação das prioridades assumidas pelo Governo do PSD/PP em matéria laboral e nos planos da Segurança Social e da Saúde representam o «maior ataque» desferido contra os direitos dos trabalhadores desde o 25 de Abril de 1974.

nada a uma concepção, como foi salientado, «retrógrada, reaccionária e conservadora».

Como é o caso da proposta de alargar os despedimentos sem justa causa, conferindo tal prerrogativa ao patrão, mesmo que o Tribunal decida em contrário. Ou a anunciada flexibilização, sempre em nome da competitividade, atribuindo ao patronato o poder de decidir sobre a organização do tempo de trabalho. Ou a chamada mobilidade geográfica e funcional, eufemismo que quer dizer o mesmo que trabalhador como «pau para toda a obra», com a máxima flexibilização, incluindo a de o obrigar a deslocar-se de serviço ou de local de trabalho.

zação dos contratos a prazo, das restrições no exercício do direito à greve, do ataque ao direito da contratação colectiva, das limitações à acção das comissões de trabalhadores, entre tantos outros. Obedecendo todas as alterações ao mesmo objectivo: o de fragilizar ou aniquilar direitos, desregular, impor regras draconianas capazes de desequilibrar ainda mais as relações laborais em favor do capital.

Ataque à Segurança Social

A quem, no caso particular da banca e das seguradoras, o

«O Militante»

Pelo debate de ideias

A dominação de classe faz-se também através da dominação ideológica, afirmou Aurélio Santos, membro da Comissão Central de Controlo, falando sobre o papel de *O Militante* na formação e debate de ideias. E, neste sentido, há hoje ópios bastante eficazes, como sejam a comunicação social e a desinformação ou a escola, de onde as pessoas saem «formatadas».

«*O Militante* e a luta das ideias», digase, era o tema que, em debate no espaço «*A conversa com...*», juntou, a meio da tarde de sábado, dezenas de pessoas.

As classes e as alterações nas suas relações, a economia capitalista e sua evolução, as formas de dominação do imperialismo e do capitalismo, o aumento da produtividade e relação com os excedentes, são temas tratados em *O Militante* que aborda, ainda, questões culturais, o papel da ciência, a arte e formas de intervenção da arte na evolução da sociedade, a história do Partido, do País e mundial e reflecte sobre as lições que dela podemos tirar.

Mas a *O Militante* cabe, também, desmistificar algumas falsificações como as

que apregoam o fim das classes ou apontam o capitalismo como o fim da história. Ou, mesmo, quanto aos países socialistas, de papel fundamental na conquista de direitos sociais para a humanidade, que hoje são conquistas civilizacionais.

Há que dar resposta a toda esta campanha que se desenvolve à escala mundial contra valores progressistas e contra os partidos que fazem frente à sociedade capitalista, com deturpação e falsificação dos seus objectivos e funcionamento.

Após a intervenção de Aurélio Santos, vários participantes colocaram preocupações, nomeadamente quanto à concepção de que estamos perante o fim das ideologias. O dirigente comunista lembrou, então, que o fim das ideologias seria o fim do debate de ideias, a imposição do pensamento único. E é contra esse tipo de concepções que *O Militante* procura formar politicamente e dar aos eleitores os elementos e instrumentos necessários para pensarem por si. Porque, assim não sendo, elas só teriam à sua disposição os elementos de trabalho da ideologia dominante.



Exposições, debates, memória, resistência e alegria encheram o Pavilhão Central No coração da Festa

Era visível de praticamente todo o recinto da Festa do Avante!, imponente, vermelho, sólido – e, ao mesmo tempo, bonito e convidativo, mesmo para quem desconhecia o que havia lá dentro este ano. O Pavilhão Central, crescendo desde a cada vez mais aperfeiçoada Praça da Paz, oferecia aos visitantes abrigo e conforto, exposições e surpresas, reencontros com episódios passados ou com amigos de sempre, debates sobre o que nos preocupa e mobiliza.

É um verdadeiro «concentrado de Festa». Naturalmente, a carga maior é para os conteúdos políticos. E o desafio maior é criar em cada ano um espaço diferente, actual e interessante. Diziam alguns camaradas que esta terá sido uma das festas em que o objectivo foi melhor alcançado.

No exterior, via-se uma alta estrutura tubular crescer até à

quase cúpula central, de onde partia uma longa ponte até à avenida; lá de cima, o passadiço sem fim afirmava o PCP como «força com futuro» e, no verso, exibia o cabeçalho do *Avante!* e o lema que vai animar o alargamento da difusão do jornal: «levar mais longe a nossa voz».

A entrada três grandes faixas anunciavam os maiores

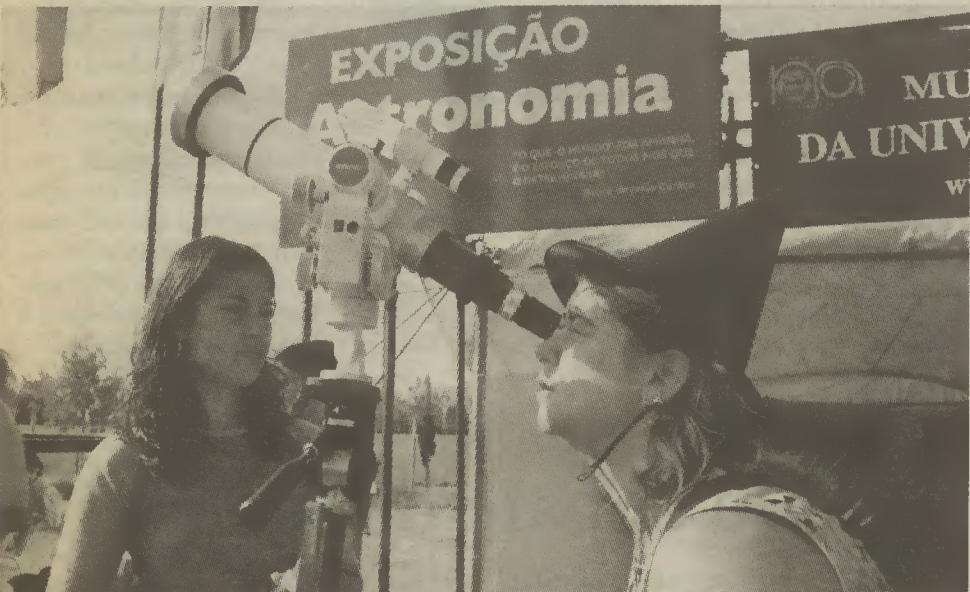
motivos de interesse deste ano, numa lista que acabava por ser longa, face à impaciência de quem sabia ter pouco tempo para ver e ouvir muito, no maior fim-de-semana que há em cada ano mas onde tem de caber a maior iniciativa política e cultural do País.

Recebia os visitantes do espaço central um painel que evocava Bento Gonçalves, secretário-geral do PCP que marcou a sua reorganização como partido operário e marxista-leninista. Falecido no campo de concentração do Tarrafal fez ontem sessenta anos, na Festa celebrou-se o centenário do aprendiz de torneiro mecânico que, aos 17 anos entrou para o Arsenal da Marinha, e que, desde Abril de 1929, desempenhou as funções de secretário-geral do Parti-

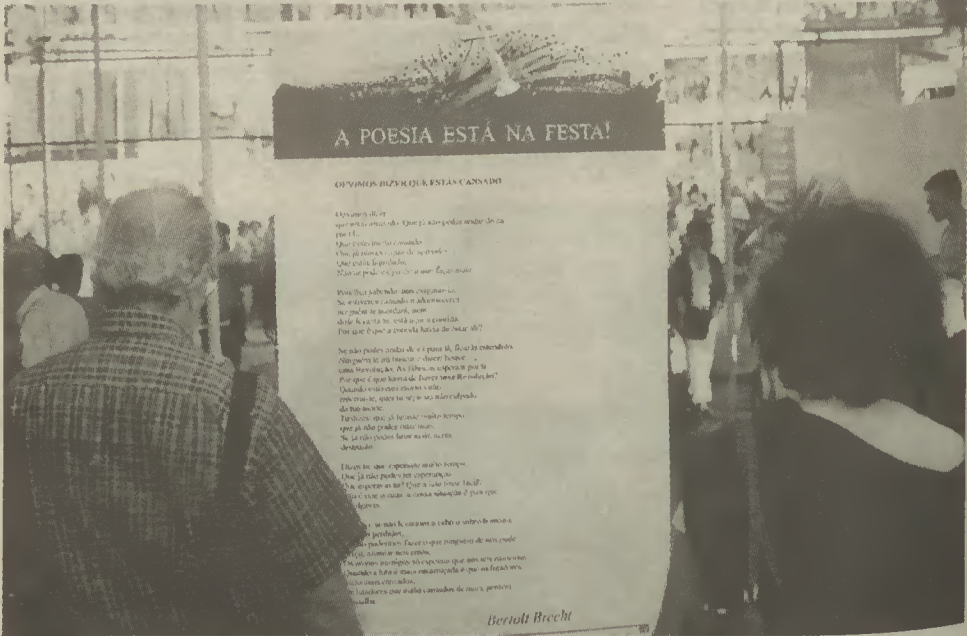
do. (A exposição ainda pode ser vista no sítio do PCP na Internet, na página da Festa do *Avante!* 2002.)

No outro lado da entrada, numa recheada banca, podia-se obter informações, adquirir recordações da Festa, comprar os mais recentes números do *Avante!* e de *O Militante*.

Percorrida a primeira dúzia de metros, o espaço alargava-se e iluminava-se, num amplo anfiteatro, que convocava os indecisos para o centro, de onde se obtinha uma visão mais... esclarecida. Ora aqui é o Forum, deixa lá ver o horário dos debates... Olha, lembro-me desta primeira página do *Avante!* e esta é a reportagem de que te falei. Ó camaradas, vocês que trabalharam com esse prelo no tempo da clandestinidade, mostrem lá como se



Olhar os astros e compreender o Universo esteve outra vez ao alcance de todos, numa tenda instalada junto ao lago da Festa do «Avante!», em colaboração com o Museu da Ciência da Universidade de Lisboa



O Café da Amizade é já ponto de encontro para muitos visitantes da Festa do «Avante!» e aprazível local de convívio e repouso

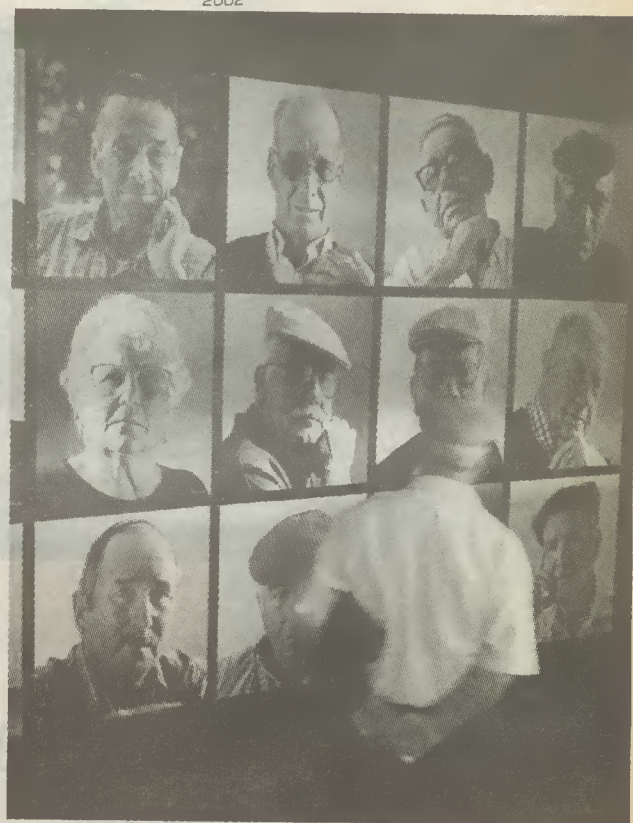
O Pavilhão Central foi lugar de numerosas exposições e deu realce à poesia, que floresceu por todo o recinto da Festa

fazia. Tás a ver, pá? E isto tinha que ser feito sem que os vizinhos ouvissem barulho. Aqui ao lado está *O Militante*, já leste o número deste mês?

Terminaria assim uma volta ao espaço da imprensa do Partido. A opção seguinte poderia ser, uns metros acima, a exposição de jovens repórteres fotográficos, organizada por Eduardo Gageiro e por onde passaram de visita, nestes quase três dias, outros veteranos da captação de imagens para a imprensa. Outra exposição mostrava como a fotografia é «um olhar que transforma» e não apenas uma simples captação de imagens.

Para a edição deste ano da Festa, a fotografia foi escolhida como forma de expressão artística com lugar de honra. Numa das paredes brancas do Pavilhão Central o «olhar que transforma» mostrava alguns rostos de construtores da Festa. Vamos por aqui.

Entramos na exposição política, propriamente dita, ou seja, a mais virada para a actividade desenvolvida pelos comunistas no último ano, para os problemas actuais que o País enfrenta e para os combates que estão na ordem do dia, erguendo a resistência à política de direita nas várias frentes. A marca negra da alienação televisiva tinha como contraponto imagens e palavras de alerta, de luta e de confiança.



A jornada das oito horas de trabalho foi o tema de uma das exposições centrais

agrícolas arrancaram aos latifundiários e ao fascismo o direito a uma jornada laboral limitada ao máximo de 8 horas diárias. Em fotografias de Pedro Soares e num vídeo produzido por Paulo Coutinho, dezenas de actores dessa conquista histórica mostravam em casos concretos aquilo que se podia também ler na imprensa clandestina da época. Lado a lado, painéis de hoje e páginas do *Avante!*, *O Militante* e *O Camponês* de 1962 relatavam e explicavam aos visitantes o que marcou aquele período e hoje marca a nossa memória. O espaço desta exposição, lembramos, foi concebido por Rogério Ribeiro, que maneja sombra e luz, imagens e sons.

Também em 1962 teve lugar

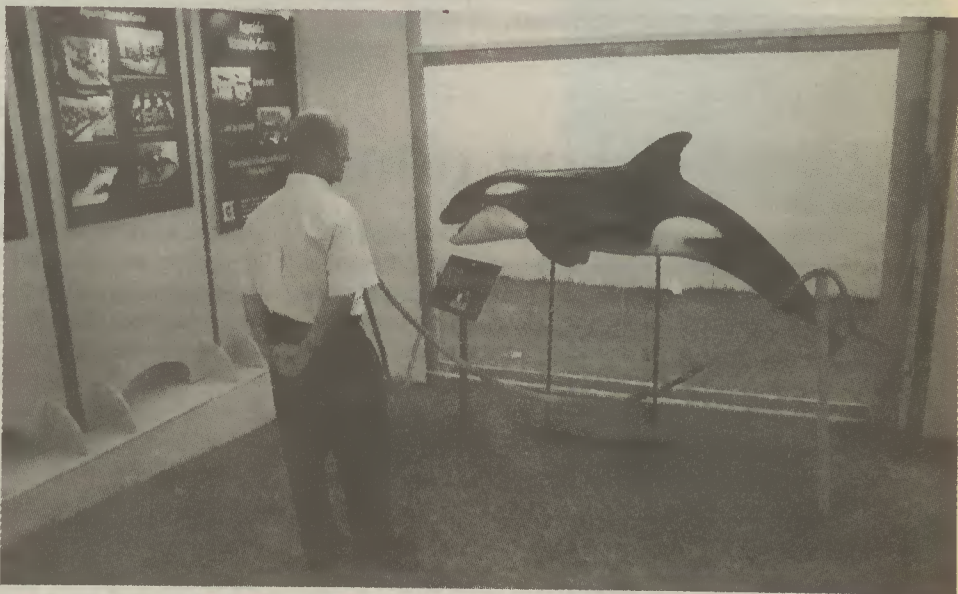
um muito amplo movimento estudantil de contestação ao fascismo e em defesa dos direitos associativos. A «crise académica», marcada por uma forte carga policial que esteve na origem do Dia do Estudante, que se passou a assinalar cada 24 de Março, prolongou-se por alguns meses, com greves e plenários. Na exposição que esteve no Pavilhão Central da Festa (e que também pode ser vista na Internet, no sítio do PCP) foram recordadas imagens e palavras de uma das mais massivas expressões da resistência estudantil ao fascismo, notando-se que esta foi das primeiras grandes lutas de estudantes que grassaram na Europa na década de 60 do século passado.



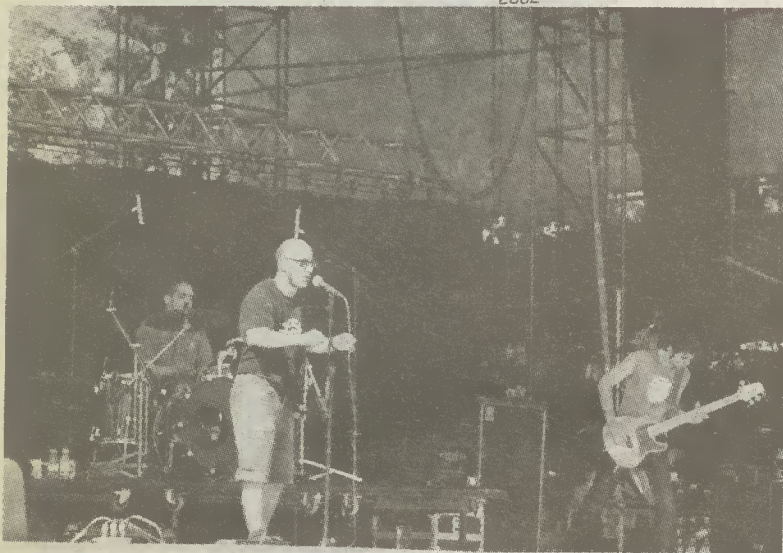
A «Fotofesta» juntou um milhar de fotografias, de todo o tipo de autores, mostrando momentos das anteriores 25 festas do «Avante!» em dois gigantescos semicírculos, mesmo ao lado do Pavilhão Central

Duas efemérides, assinaladas com exposições próprias, lembravam hoje que, mesmo nas situações mais difíceis, valeu a pena resistir, ainda que à custa de caros sacrifícios.

Há 40 anos, nos campos do Alentejo e Ribatejo, centenas de milhar de trabalhadores



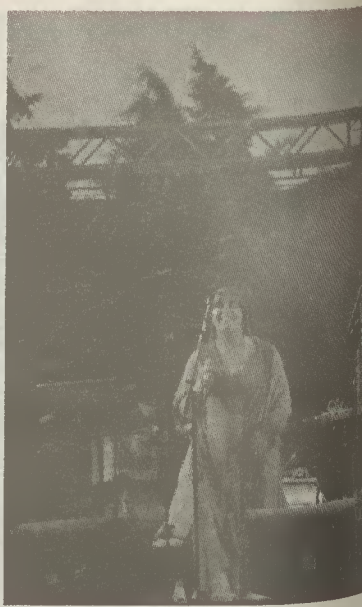
No espaço da Ciência e Tecnologia o destaque foi para a água, um «recurso vital e finito». Numa exposição que associou abordagens técnicas e perspectivas políticas, em palavras, números e experiências, foi salientada a importância da água para o desenvolvimento das sociedades e foram denunciados os efeitos e ameaças do actual rumo dominante no mundo. Em debate estiveram temas como a natureza e o desenvolvimento, a gestão privada de um bem de todos, as repercussões de Alqueva



Zen



Oysterband



Navegante, com Úxia, Rui Júnior e

Palco 25 de Abril

Som, público, emoção

O Palco 25 de Abril é o coração da Festa. O seu pulsar vigoroso atrai milhares de pessoas que em seu redor vibram acompanhando o vasto programa recheado de bandas de qualidade nos diferentes géneros de música.

Depois do espectáculo de abertura de sexta-feira, o palco abriu na tarde de sábado com praça cheia para ouvir os **Yellow V Van**, um grupo com claras influências do funk e do hip-hop, cujas letras, em português, impõem à intervenção social e política, criticam a globalização neoliberal e exigem um mundo melhor. Ou não fosse o rap um movimento musical contestatário, nascido nos ghettos das sociedades ricas onde as desigualdades e as injustiças se aprofundam cada vez mais. Não se estranha pois que Che Guevara e Martin Luther King sejam exemplos que os vários membros da banda não perdem de vista. Prova da solidez deste projecto, refira-se o facto de que, ainda no ano passado, «a

carrinha amarela» era uma revelação do palco dos Novos Valores organizado pela JCP.

Som rock, pesado, capaz de fazer tremer o chão a uns bons metros da orla do palco, foi o que apresentaram os quatro membros dos **Zen**, grupo formado no Porto há cerca de seis anos. Energia e movimento em palco, baixos profundos e uma guitarra vigorosa que não raras vezes vai buscar inspiração aos expoentes do rock dos anos setenta, os Zen tiveram um merecido retorno por parte do imenso público jovem que povoava o recinto.

Casar música com poesia nem sempre é uma tarefa fácil, mas foi esta a aposta dos **Linha da Frente**, um grupo que integra músicos com raízes em dife-

rentes formações e géneros de que resulta uma grande variedade musical. E é essa diversidade um dos grandes trunfos deste projecto, cujo espectáculo, enriquecido por palavras dos grandes poetas portugueses, evolui mostrando num crescendo as diferentes facetas dos músicos em palco.

Entardecia quando entraram os **Ferro Gaita** e com eles o funaná dançante de Cabo Verde. E era ver a multidão ensaiando os passos de dança não resistindo ao ritmo cadenciado que música após música se renovava numa espiral infinita.

Bem conhecidos do público da Festa, os **Navegante** quiseram surpreender e conseguiram-no, realizando certamente um dos melhores seus espectáculos de sempre. Consigo trouxeram convidados de peso, com a cantora galega Úxia, o guitarrista cabo-verdiano Waiss, bem como o percussionista português Rui Junior, fundador do projecto Toca Rufar. O público

agradeceu, dançou e cantou com eles.

Quarenta anos é muito tempo

Nem mais. **Paulo de Carvalho** regressou à Festa com um

espectáculo que assinala os quarenta anos de carreira do artista. Uma carreira mais longa do que a idade de muitos dos presentes, como referiu Cândido Mota, na apresentação do cantor-compositor, senhor de uma das melhores vozes da música portuguesa, de quem não se

espera outra coisa senão um espectáculo cuidado ao mais alto nível.

Acompanhado por uma orquestra de músicos de reconhecido mérito, dirigidos por Armindo Neves, Paulo de Carvalho revisitou canções que ao longo dos anos nunca



Paulo de Carvalho



Yellow V. Van

Um concerto pedagógico

• Francisco Costa

Exceptuando, como é natural, a inclusão no repertório do chamado «**Guia da Orquestra para Jovens**» («**Young Person's Guide to The Orchestra**») do compositor britânico **Benjamin Britten** – afinal uma aspiração antiga, só agora possível de realizar –, é provável que o já tradicional concerto de abertura da Festa do «Avante!» no Palco 25 de Abril não tenha sido inteiramente delineado e previsto como uma manifestação musical que resultasse, afinal, num verdadeiro acto pedagógico em relação à fruição da arte dos sons; mas o certo é que a junção àquela obra de uma peça tão conhecida como o «**Bolero**» de **Maurice Ravel** acabaria por reforçar uma vertente que, este ano, ficou de algum modo a marcar aquele evento.

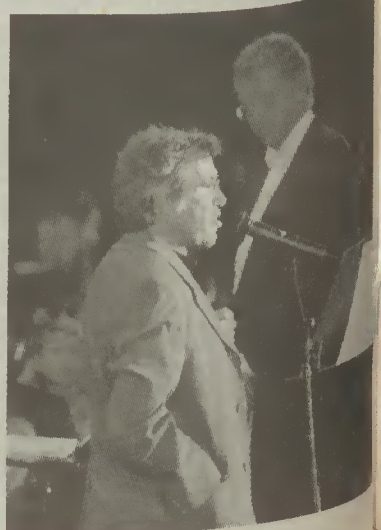
Para empregar um termo próprio da Grande Música de que aqui vos falamos, talvez resulte assim mais claro, a quem ainda tenha paciência de ler o tipo de reportagens «impressionistas» da nossa imprensa escrita, o total desfasamento entre a verve imaginativa de certos repórteres e a realidade do que verdadei-

ramente acontece no recinto da Festa. Assim, só como «pobre de espírito» poderá qualificar-se quem, em crónica inaugural de um matutino de referência, escrevia no sábado passado: «Chegada a hora de jantar, um mar de gente entrava no recinto. Era preciso garantir que a barriga ficava cheia antes de se formarem filas imensas. Para que também a música da Orquestra Metropolitana soasse melhor...»

A quem insiste em ironias rasteiras próprias de uma postura preconceituosa, talvez seja de facto difícil «digerir» a ideia de transversalidade que em geral costuma pautar a programação cultural e de espectáculos da Festa do «Avante!», na intenção a cada ano reafirmada de, por um lado, tornar extensível a grandes massas de público formas musicais tradicionalmente reservadas a elites delimitadas e de também corresponder, por outro lado, quer às formas mais divulgadas da música popular quer aos gostos especializados de faixas não negligenciáveis de visitantes.

E só quem se mostra incapaz de olhar em redor para ver com olhos de ver e ouvir com ouvidos de ouvir é que pode ignorar o transcendente significado cultural que representou, mais uma vez, a reunião de uma tão imensa mole de gente para assistir a um concerto sinfónico, lotando por completo o amplo recinto fronteiro ao Palco 25 de Abril.

Um concerto que, iniciado com o simbolismo mas também a grandiosidade solene da breve «**Fanfarra Para o Homem Comum**» do compositor norte-americano **Aaron Copland**, teve como segundo momento alto o já referido «**Guia da Orquestra para Jovens**» de **Benjamin Britten**, para o qual não poderia ter sido encontrado melhor narrador do que **Sérgio Godinho**, homem de vários ofícios e talentos e habitual frequentador daquele palco, que assim melhor ajudou a introduzir junto do público, com a familiaridade insinuante a que o habituou, o verdadeiro achado de uma composição que, partindo da desconstrução e divisão da grande orquestra pelas famílias ins-



O pianista Artur Pizarro com o maestro Miguel Graça-Moura Sérgio Godinho

Encontro Nacional do PCP sobre a acção e organização do Partido nas empresas e locais de trabalho

19 e 20 de Outubro de 2002

**Sim, é possível! Um PCP mais forte
sempre com os trabalhadores**

Este projecto de documento reflectindo decisões e orientações do Partido aprovadas no XVI Congresso, no Comité Central e mais recentemente na Conferência Nacional, é uma base que contém também claramente lacunas e deficiências que devem constituir um estímulo à sua superação e à reflexão, contribuição e aprofundamento dos militantes e organizações do Partido e necessitará de possíveis actualizações tendo em conta a evolução da situação política e social até à realização do Encontro Nacional.

PROJECTO DE RESOLUÇÃO

A decisão, o debate preparatório e a realização do Encontro Nacional do Partido sobre o reforço da intervenção e organização do Partido junto dos trabalhadores constituem um avanço na concretização de uma linha de orientação estratégica aprovada no XVI Congresso e reafirmada pelo Comité Central. A necessidade de aprofundar conhecimentos e a importância do reforço da intervenção e organização do PCP decorre do carácter decisivo e papel nuclear de que se reveste para o Partido a sua base militante e orgânica de trabalhadores. Nessa base se alicerça a sua natureza

e identidade de classe, a sua estratégia política e política de alianças, o seu futuro e influência na sociedade portuguesa, o seu papel insubstituível no desenvolvimento das organizações dos trabalhadores e na luta de massas. Sem nenhuma subestimação pelo trabalho e acção do Partido junto de outras classes e camadas sociais, o Encontro Nacional sublinha que a intervenção e organização partidárias no seio da classe operária e de todos os trabalhadores desempenham um papel nuclear na força política e ideológica do PCP.

I

Recrudescimento da ofensiva capitalista

A luta dos trabalhadores e das suas organizações de classe enfrentam há vários anos no plano nacional e internacional uma poderosa ofensiva do capitalismo, visando uma reestruturação global das condições de exploração da força de trabalho assente na nova correlação de forças favorável ao capital.

A nova organização das relações de trabalho, com traços comuns a todos os países, tem como pressuposto a necessidade de cercar e liquidar direitos e conquistas sociais, económicas e políticas dos trabalhadores e desarticular e mesmo liquidar a sua capacidade de resistência organizada.

O desenvolvimento do capitalismo contemporâneo com o pro-

cesso de globalização capitalista e a correlativa criação de mecanismos e órgãos internacionais de regulação dos processos económicos e de divisão internacional do trabalho, ao serviço dos grandes grupos económicos e financeiros mundiais, não só confirmam a natureza exploradora do capitalismo, hoje alargada praticamente a todas as esferas da vida, como confirma o agudizar da luta de classes e o papel determinante da classe operária e dos trabalhadores na resistência à ofensiva mundial do grande capital visando criar um mercado do trabalho mundial "homogeneizado" tendo como características fundamentais a desregulamentação generalizada das relações laborais, a intensificação da exploração, a liquidação de conquistas históricas dos trabalhadores.

Entretanto, a luta de classe própria, autónoma, dos trabalhadores, não contraria, antes é condição, para atrair à luta outras camadas sociais e dar solidez e rasgar perspectivas transformadoras às frentes sociais da luta.

Do mesmo modo, a experiência histórica e actual, demonstra e confirma igualmente a ligação dialéctica entre o nível e a capacidade de luta dos trabalhadores e das frentes sociais e a influência política, ideológica e capacidade organizativa das forças revolucionárias.

II

Situação actual, luta e proposta do Partido

Com a formação e entrada em actividade do Governo PSD/CDS-PP acentuou-se uma nova e perigosa escalada da política de direita.

A ofensiva contra a legislação laboral inserida e articulada com o anúncio da escalada de privatizações, de empresas de serviços e competências públicos, ao Serviço Nacional de Saúde, ao Sistema Público de Segurança Social, com o ensaio e preparação da ofensiva ao sistema político e às leis eleitorais, a forma como se secundariza o ensino, a educação e a formação, se desvaloriza a cultura, o trabalho intelectual e a investigação científica e se capitula perante os ditames da União Europeia, levanta fundadas preocupações quanto ao desenvolvimento do País e ao futuro do regime democrático constitucional nas suas vertentes política, económica, social, cultural e de soberania nacional.

Exacerbando o estado das contas públicas deixadas pelo governo PS, o executivo PSD/CDS-PP o que propõe ao país é fazer pagar, em primeiro lugar aos trabalhadores e também a outras camadas sociais, a factura de uma política que inevitavelmente haveria de conduzir a estes mesmos resultados, deixando praticamente intocáveis interesses, privilégios e lucros do grande capital financeiro; interesses, privilégios e lucros que poderão vir a ser acrescidos pelas privatizações, pela descaracterização, entrega parcial e privatização do sistema de Segurança Social. Está aberto o caminho para que as dificuldades económicas e a possibilidade real de uma recessão económica sejam facturados à maioria que menos tem e menos pode e realizada a favor de uma minoria cada vez mais rica.

O Governo do PSD/CDS-PP, após ter priorizado o assalto ao sistema público e universal de Segurança Social e ao Serviço Nacional de Saúde, desencadeou a mais retrógrada e brutal ofensiva contra o edifício jurídico-laboral visando eliminar, restringir ou desregular direitos individuais e colectivos, que tendo como referência histórica a sua conquista e consagração com a vitória da Revolução de Abril e aprovação da Constituição da República de 1976, são também resultado da luta de várias gerações de trabalhadores.

Pela via de um denominado "Código do Trabalho", reconhecido pelo Governo como "preparado por empresários e advogados", acrescentou-lhe avulsa e prioritariamente a reivindicação das multinacionais e confederações patronais sobre a flexibilização, o alongamento e banalização da jornada de trabalho, entregando o poder discricionário da sua gestão e organização ao patronato. O que está realmente em causa é um pacote laboral mais grave e

Num quadro em que se avolumam as ameaças à garantia dos direitos e conquistas democráticas dos trabalhadores, num quadro em que se agudizam as condições de luta e se tenta destruir e descaracterizar a natureza e a autonomia das organizações de classe dos trabalhadores, a realidade torna incontornável como uma imperiosa necessidade a existência e reforço do partido político da classe operária e de todos os trabalhadores, um partido revolucionário, o Partido Comunista Português.

estruturante que outros anteriores porque articula o ataque aos direitos individuais dos trabalhadores com o condicionamento, a ineficácia e eliminação de direitos colectivos que constituem instrumentos decisivos para defender e conquistar direitos individuais.

A doutrina ali exposta procura retomar conceitos dos primórdios do capitalismo. O conteúdo e objectivos repressivos e regressivos do Governo do PSD/CDS-PP vertidos no pacote laboral conflituam com os fundamentos do regime democrático-constitucional no seu pilar social, visam alterar a relação de forças nas empresas e locais de trabalho e aumentar a exploração dos trabalhadores.

Ao franquear a porta aos despedimentos sem justa causa e impedir a reintegração do trabalhador mesmo com decisão favorável dos tribunais; ao alargar e eternizar a precariedade pela via dos contratos a prazo e o período experimental; ao transformar a entidade patronal em juiz em causa própria na gestão e organização do tempo de trabalho; ao promover o tempo parcial (com salário parcial); ao tentar impor a "deslocalização" forçada de trabalhadores tanto no plano funcional como geográfico; ao definir um novo conceito de remuneração e de trabalho nocturno; ao propor a liquidação efectiva do direito de negociação e dos contratos colectivos; ao restringir o direito à greve e o próprio direito à luta reivindicativa entre a negociação das convenções colectivas; ao mutilar, por um lado, o crédito de horas das Comissões de Trabalhadores e, por outro, forçá-las à concorrência com o movimento sindical; ao desaparecimento de referências e importantes direitos dos trabalhadores no domínio da protecção da maternidade/paternidade; o Governo PSD/CDS-PP revela estar empenhado num projecto de grande fôlego cuja natureza e objectivos coloca a luta de classes na ordem do dia.

Como procurador dos interesses do grande capital, o Governo não descarta os poderes e meios que lhe são conferidos a nível de Estado para o colocar ao serviço dos poderosos, desresponsabilizá-lo das suas obrigações sociais e transformá-lo num ariete contra os trabalhadores da Administração Pública. Contornando e silenciando as questões centrais que hoje se colocam, designadamente a necessidade de modernização, descentralização e democratização da Administração e da Justiça, um investimento forte na educação e na formação, escolhe os salários, a segurança no emprego e os direitos dos trabalhadores da Administração Central e Local como alvo preferencial da sua ofensiva política.

O Governo do PSD/CDS-PP não apresenta todo este projecto de forma clara. Sobre a capa da necessidade do aumento da pro-

atividade e de modernidade o Governo esconde e secundariza os factores determinantes que podem ser cruciais para o desenvolvimento económico, persistindo no caminho errado: numa política de baixos salários, na alimentação de processos produtivos que não favorecem a inovação, na baixa qualificação e a fraca formação nas empresas, na precariedade que também é uma causa do grau de sinistralidade e das doenças profissionais e falta de condições de higiene e segurança nos locais de trabalho, na de complicitade com a falta de efectivação dos direitos, as deficiências organizacionais e a gestão nas empresas, a abdicação das novas tecnologias, a orientação especulativa de muitos investimentos em detrimento das actividades produtivas.

Num quadro em que a ofensiva é mais forte e os perigos mais visíveis não pode ser subestimado o facto de se estar perante um processo que se prolonga e desenvolve há mais de uma década. Mas também não pode ser desvalorizado o papel da luta do Partido, do movimento sindical e dos trabalhadores que, neste período, susteve, desarticulou e nalguns casos derrotou, alguns dos objectivos dos sucessivos governos de direita.

Sendo adquirida e extremamente valiosa a tese de que a luta de massas potencia e influencia a acção e a iniciativa institucional, que estas animam, alertam e potenciam a luta de massas, numa relação que é necessário manter, melhorar e desenvolver, mais uma vez será a luta, em particular a luta dos trabalhadores, o factor determinante para responder à envergadura desta ofensiva social e laboral.

Com fundadas expectativas de que os trabalhadores, as comissões de trabalhadores, o movimento sindical unitário saberão estar ao nível da ofensiva com que são confrontados, promovendo o esclarecimento, a mobilização, a unidade na acção e na luta, o PCP, pela sua natureza e projecto, pela força e capacidade de intervenção que recebe da sua ligação à classe operária e aos trabalhadores, desempenha um importante e insubstituível papel nesta decisiva batalha.

O Encontro Nacional do PCP dirige-se a todo o Partido, aos militantes, às células de empresa, aos sectores profissionais, às comissões concelhias e de freguesia, aos intelectuais do Partido, aos eleitos do PCP nas instituições, para que assumam este combate como uma batalha decisiva que para além de ser uma grande causa social é também uma grande causa democrática.

O Encontro Nacional do PCP manifesta ao movimento sindical, ao movimento das Comissões de Trabalhadores e a todos os trabalhadores portugueses a sua insubstituível e dedicada convicção e disponibilidade de acção e intervenção para travar e vencer os perigos que decorrem do projecto e dos objectivos deste Governo, identificado com os interesses do grande capital.

O Encontro Nacional do PCP alerta, convoca e toma uma opção solidária com todos os jovens trabalhadores e mulheres trabalhadoras que foram escolhidos pelo governo do PSD/CDS-PP como alvos preferenciais desta ofensiva legislativa onde, em articulação com a desigualdade que quer criar no acesso à Segurança Social, se procura extorquir-lhes todo um legado de direitos e conquistas geracionais e instituir as desigualdades na família, no trabalho e na vida social.

O PCP, afirmando o seu projecto próprio, manifesta o seu empenho para o desenvolvimento de uma vasta acção, que impeça este retrocesso histórico do direito do trabalho, que conduza a direita à derrota e alicerce as condições para uma política de esquerda que integre a valorização do trabalho e dos trabalhadores.

Neste quadro de resistência e luta reafirma-se, na linha do Programa e projecto do Partido, a necessidade de desenvolver a acção, intervenção, iniciativa e proposta do PCP, em defesa:

- do direito ao trabalho, ao salário, à segurança e estabilidade no emprego;
- da segurança social pública, universal e solidária;
- da redução do horário de trabalho sem perda de direitos e do salário;
- da dignificação do trabalho e da profissão;
- da efectivação dos direitos nas empresas e locais de trabalho, dando combate às discriminações e à repressão;
- das condições de trabalho, saúde, higiene e segurança nos locais de trabalho, denunciando e combatendo a sinistralidade do trabalho e classificando novas doenças profissionais;
- da concretização do direito à igualdade das novas gerações de trabalhadores designadamente no acesso ao emprego, nos salários, e em função da maternidade e paternidade;
- da solidariedade de classe entre todos os trabalhadores, designadamente a compreensão dos interesses comuns com os imigrantes, a solidariedade geracional e entre os trabalhadores e outras camadas sociais desfavorecidas;
- da luta contra a concentração da riqueza produzida e a crescente desigualdade na sua distribuição.

III

Realidade social, consciência e natureza de classe

A realidade social, cuja análise é fundamental para o conhecimento das condições em que actuamos e para o aumento da eficácia da acção partidária, têm sido objecto das mais diversas manipulações procurando veicular preconceitos e falsas conclusões ao serviço dos objectivos do capital, para desarmar política e ideologicamente a luta dos trabalhadores e a acção dos comunistas.

A realidade social portuguesa tem conhecido alterações significativas nas últimas décadas, num processo de modificações que tendo este ou aquele momento mais significativo é um processo permanente.

Na repartição dos sectores há uma clara diminuição do sector primário com uma redução muito grande do assalariamento agrícola e do campesinato. O emprego no sector secundário cresce (representava 1,5 milhões de trabalhadores em 1991 e representa 1,7 milhões em 2001) embora com diferenciações internas com a subida do emprego no sector da construção e obras públicas e descida na indústrias extractiva e transformadora. O emprego no sector de serviços que era já maioritário em 1970, aumentou significativamente e em 2001 representava 53% do emprego total, reflectindo realidades muito diferenciadas em que se destacam: a Administração Pública, representando em

1999 mais de 700 000 trabalhadores assalariados (um quinto do total); o comércio onde o emprego atinge (incluindo actividades de reparação) 720 000 pessoas (face a 600 000 no início da década de 90) com uma tendência para a concentração económica através da constituição de grandes superfícies; as actividades ligadas à restauração e ao turismo que têm crescido, envolvendo 250 000 trabalhadores em 2001 e o sector financeiro com menos de 90 000 trabalhadores e que tem sido sujeito a grandes reestruturações. Na avaliação deste sector há que ter em consideração a existência de muitas empresas “prestadoras de serviços” cuja mão-de-obra pertence de facto, em muitos casos, ao sector secundário (designadamente as alugadoras de mão de obra). Um outro elemento a levar em conta é que os trabalhadores de serviços que não exercem funções de direcção ou enquadramento cujo estatuto e condições de trabalho se aproximam dos da classe operária, têm um peso determinante no sector terciário.

Os assalariados (ou trabalhadores por conta de outrem) constituem a principal categoria na estrutura social portuguesa, sendo mais de 3,6 milhões. Os assalariados representam 73% do total do emprego e viram o seu peso reforçado nos últimos anos (era 71% em 1998). Há no entanto mudanças na composição dos trabalhadores assalariados: maior peso dos trabalhadores de serviços, aumento do número de trabalhadores na indústria (incluindo a construção civil) mas menor que nos serviços, forte redução dos trabalhadores agrícolas; um maior nível de habilitações dos jovens que ingressam no trabalho, mas com desajustamentos crescentes entre as habilitações e o nível de qualificação e natureza das profissões exercidas; um forte aumento da presença da mulher no trabalho (a taxa de actividade feminina passou de 34% em 1974 para os 45,6% de hoje); a transformação de Portugal em país de imigração (o número de estrangeiros com residência legalizada passou, entre 1970 e 1999, de 23 mil para 190 mil), tendência que se acentua nos últimos anos com a vinda de trabalhadores da Europa do Leste.

Há ainda a salientar, entre outros aspectos, que no plano da organização da produção e mesmo dos serviços se revela uma tendência para a fragmentação, para a externalização da produção e serviços e para a diferenciação de actividades estratégicas e outras actividades das empresas, o que conduz a alterações importantes, nomeadamente à diminuição do número de trabalhadores por empresa. Mas, não acabaram as grandes concentrações de trabalhadores na indústria e nos serviços que, não sendo predominantes, como aliás nunca o foram, continuam a ter uma enorme importância como pólos principais de organização e irradiação de intervenção e influência.

A organização e intervenção política junto dos trabalhadores e nas empresas e locais de trabalho defronta novas dificuldades.

As profundas alterações na base social do movimento operário, as alterações da economia e o desenvolvimento do capitalismo e dos meios de produção resultantes das novas e revolucionárias tecnologias, da mobilidade dos processos produtivos e deslocalização de empresas a nível nacional, europeu e mundial, a reconversão e reestruturação de sectores e de empresas e as consequentes alterações quantitativas e qualitativas na composição da classe operária e da massa de assalariados, a fragmentação e mobilidade profissionais, os despedimentos em massa e o afastamento compulsivo de milhares de trabalhadores

com vínculo contratual efectivo, a precariedade, a mobilidade profissional, o crescente número de trabalhadores imigrantes que são sujeitos a uma feroz exploração, surgem como a primeira causa objectiva. A base social do movimento operário torna-se assim mais frágil, instável e movediça, com reduções drásticas em alguns sectores que têm sido esteios fortemente combativos e de grande consciência de classe.

A diluição do próprio imaginário colectivo como factor para a manutenção de uma forte consciência social de classe e unidade na acção torna mais heterogéneo o mundo do trabalho (desaparecimento dos bairros operários, uma formação em que pesa mais a escola com uma entrada mais tardia no mercado de trabalho, papel dos meios de comunicação social, etc.) tornando a consciência de classe mais morosa e complexa.

Uma segunda causa directa das dificuldades com que se defronta a intervenção e organização política do Partido junto dos trabalhadores e nas empresas é a repressão directa ou sofisticada do grande patronato, facilitada pelos vínculos precários, que conta sempre com a cobertura dos governos e das instituições com poderes de fiscalização e de intervenção que estão sob o seu domínio.

Através da desregulamentação das leis laborais e da contratação colectiva, promovendo a individualização das relações de trabalho, nomeadamente dos salários, flexibilizando, prolongando e banalizando a jornada de trabalho, criando mecanismos de concorrência entre os trabalhadores, intensificando processos do seu envolvimento político e ideológico enquanto se pressiona e ameaça os militantes políticos e sindicais mais conscientes e combativos, o capital, em cada empresa e local de trabalho, procura neutralizar a força política organizada dos trabalhadores.

Na aurora do novo milénio, como consequência da revolução tecnológica, da reestruturação capitalista e dos novos processos produtivos, vivemos num tempo de profunda reestruturação, com inevitáveis reflexos nos mais diversos estratos sociais e, essas alterações objectivas da situação económica e social afectam a consciência de classe e induzem perturbações no ambiente ideológico.

Ao objectivo de abolição de uma sociedade de classes contra-põem alguns, empregando todos os recursos de difusão que possuem (escola, comunicação social, etc.), as teses de colapso da luta de classes face à globalização capitalista, do fim das ideologias e da classe operária e a descrença numa melhor e mais justa organização da sociedade.

Mas, se atentarmos nos indicadores socioprofissionais portugueses das estatísticas oficiais de referência, caso INE (valores mais rigorosos serão possíveis a partir do conhecimento dos dados do Censo 2001), a realidade é bem diversa, mesmo tendo em conta a destruição do tecido produtivo nacional, o número de falências e a deslocalização de empresas.

Tomando em consideração a evolução do emprego por profissão entre 1992 e 2001, observamos que são notórias as subidas quantitativas e percentuais na população activa dos especialistas das profissões técnicas, intelectuais e científicas bem como da classe operária não agrícola (operários, artífices e trabalhadores similares – operadores de instalações e máquinas

e trabalhadores da montagem – trabalhadores não qualificados).

Se agruparmos os operários, artífices e trabalhadores similares, os operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem com os trabalhadores não qualificados, constatamos uma expressão quantitativa contrária a ideias feitas sobre o seu desaparecimento ou significativa redução. A aferição do seu peso por profissão, enquanto trabalhadores por conta de outrem, leva à conclusão que em percentagem representam 43,8% dos trabalhadores assalariados. Mesmo considerando que possa haver uma pequena redução percentual do seu peso na massa assalariada, a classe operária, fundamentalmente considerada como o conjunto dos trabalhadores assalariados em que é dominante o trabalho directamente produtivo, exercendo a sua actividade nas esferas económicas de produção material, tem assim uma grande importância até no plano quantitativo. Mas as classes sociais não são categorias estatísticas. O peso e o significado daqueles trabalhadores devem ser avaliados pela sua intervenção na luta social e pelo seu decisivo papel na produção de riqueza do País.

Não obstante e apesar de todas as dificuldades e alterações objectivas e subjectivas, da sua complexidade e da velocidade a que se desenrolam, as questões centrais, problemas e objectivos do grande capital aí estão na ordem do dia, no plano nacional e mundial, visando sempre o agravamento da exploração.

A internacionalização das forças produtivas; a ocorrência de vastos excedentes de mão-de-obra criados pela aplicação capitalista das inovações tecnológicas e pela especulação bolsista; a nova concentração do poder financeiro, a financeirização da economia; a transferência de capitais para países com mão-de-obra mais barata; os fluxos de capital em busca dos paraísos fiscais; as deslocalizações de empresas; a sistemática destruição

de postos de trabalho para pressionar os trabalhadores à cedência e à concessão; a recuperação das formas mais arcaicas de exploração do trabalho humano, apontadas como exemplos de modernidade; a construção meticulosa de uma geração de trabalhadores jovens sem direitos, colocam redobradas exigências.

Exigem o desenvolvimento e ampliação das acções de massas, dão mais valor à luta como elemento fundamental que associado à experiência e ao confronto com a realidade da exploração capitalista pode contribuir para o desenvolvimento da consciência de classe e colocam com nova actualidade e validade o papel e natureza do PCP.

O PCP não é mais um Partido. Surgiu como uma necessidade histórica de uma classe, foi resistente e construtor, tendo como traço fundamental a sua natureza e identidade, um Partido da classe operária e de todos os trabalhadores. Esta característica distintiva do Partido tem consequências em todos os aspectos da sua intervenção, na sua actividade e organização.

O PCP, muitas vezes entendido tão-só como tal, não é apenas o Partido que defende os interesses dos trabalhadores, uma entidade ou organização a quem se recorre em situações difíceis, mas o Partido dos trabalhadores que defende os seus interesses em toda a sua actividade, que tem como preocupação e pedra angular da sua razão de ser o seu esclarecimento, unidade, organização e luta, um Partido enraizado no seu seio e assumido como a sua genuína forma de organização política.

A classe operária e os trabalhadores na época em que vivemos continuam a precisar de partidos políticos capazes de assegurarem uma intervenção política autónoma, não lutando apenas contra a repartição da riqueza no quadro da produção capitalista, mas fazendo-o com vista à supressão da própria exploração capitalista.

IV

O Partido, a acção própria e as organizações unitárias

O reforço da organização e intervenção do Partido é actualmente das tarefas mais difíceis e complexas, mas simultaneamente mais realizadoras. Criar as condições e tomar iniciativa e medidas a nível de empresas e de locais de trabalho para reforçar a influência e a organização do Partido junto da classe operária e dos trabalhadores é um elemento-chave para resistir às dificuldades, irradiar influência, promover a renovação de forças.

Num quadro em que se agudiza a luta de classes e a ofensiva ideológica, apesar dos tremendos obstáculos que se colocam à acção, intervenção e organização do Partido, a empresa e os locais de trabalho continuam a ser o local estratégico para que o Partido seja mais forte e influente.

A função ideológica na conversão da consciência social em consciência política tem sempre como ponto de partida a ligação dos problemas concretos e quotidianos que os trabalhadores sentem e sofrem face às decisões políticas e à sua identificação com as decisões e interesses do patronato.

O conteúdo da acção partidária e a iniciativa própria das células, muitas vezes “delegada” ao movimento sindical e às comissões de trabalhadores, onde predominam e determinam militantes comunistas, colide com a concepção de organização que não é “para ter ou para estar”, mas antes para agir e intervir, para dinamizar a luta dos trabalhadores, fazendo política e assim combater a ideia de que a política só pode ser feita por uma elite de escolhidos e eleitos nas instituições que politicamente decide dos direitos e dos salários dos trabalhadores.

As células e organismos, agindo e tomando posição em conformidade com a linha geral do Partido são actualmente confrontadas com dificuldades para integrar no trabalho e estabelecer laços de solidariedade e combate entre os trabalhadores com contratos estáveis, os trabalhadores jovens, os trabalhadores precarizados, os trabalhadores de empresas subcontratadas que ali prestam serviço. Sem abdicar da linha política geral, a organização do Partido nas empresas deve ter uma clara compreensão do critério de classe das intervenções dos comunistas como práticas de integração política e sindical, dando tratamento específico e

por vezes direccionado, dando combate ao “dualismo” existente nas empresas e criar condições para a convergência e unidade dos trabalhadores, sejam precários sejam efectivos, sejam imigrantes.

A actividade dos comunistas nas empresas e locais de trabalho não se limita à que é desenvolvida pelas células e organismos do Partido. Os comunistas são os grandes dinamizadores das formas unitárias de organização, designadamente dos sindicatos e comissões de trabalhadores. Em resultado de factores objectivos anteriormente referidos a que se seguiu o enfraquecimento e destruição das organizações de base, a acção dos comunistas, dirigentes sindicais de empresa e membros de comissões de trabalhadores é, no momento actual, em muitos casos, a principal ligação directa com os trabalhadores.

Por decisão própria e voluntária dos trabalhadores, os comunistas desempenham um insubstituível e importantíssimo papel na força, influência e actividade do movimento, das CTs, dos Sindicatos, Uniões, Federações e da CGTP-IN.

Mantendo como condição e orientação o respeito pela sua natureza de classe, as suas características unitárias e a sua autonomia e democracia interna não podem, no entanto, ser confundidos organizações e organismos unitários com organizações e organismos partidários.

A actividade dos membros do Partido nas estruturas sindicais e nas comissões de trabalhadores não é substitutiva da organização partidária nas empresas e locais de trabalho, organização cujo reforço necessita da sua contribuição militante.

Cabendo à célula ou organismo do Partido a acção e a intervenção política na empresa ou locais de trabalho, os comunistas que integram as organizações unitárias não podem dissociar do trabalho unitário a sua condição de comunistas, o grau mais elevado da

sua consciência política, a sua responsabilidade militante para com o seu Partido e com o projecto mais avançado que aquele que comporta uma organização social.

Num quadro de grande pressão ideológica, de acusação de “partidarização dos sindicatos” ou “hegemonização partidária” os defensores do capitalismo o que pretendem é a redução, se não mesmo o afastamento, da influência dos comunistas no movimento sindical.

O que pretendem não é o reforço do movimento sindical e da CGTP-IN, mas o enfraquecimento do PCP por perder influência no movimento sindical e em última análise a capacidade de organização e luta dos trabalhadores.

As dificuldades, obstáculos, novos problemas, que o movimento sindical defronta não resultam da sua natureza e identidade de classe, da sua corajosa luta em defesa dos direitos e interesses dos trabalhadores, do grau de influência dos comunistas. São resultantes das causas e efeitos da ofensiva capitalista, das políticas e leis dos sucessivos governos de direita.

É no quadro de um duro combate ideológico, de resistência às pressões diversificadas sobre os quadros e dirigentes sindicais, que o movimento sindical unitário aumenta o número de sindicalizados, de eleitos para delegados sindicais, do grau de intervenção e luta nas empresas e sectores e do reforço do prestígio e influência da CGTP-IN.

Tal facto, sem subestimar a inestimável contribuição de trabalhadores e dirigentes sindicais católicos, socialistas e sem filiação partidária, deve-se em grande medida ao esforço, dedicação e contribuição individual de milhares de comunistas que concretizando as orientações do projecto sindical do PCP se expressa no grande colectivo consubstanciado na CGTP-IN.

V

“Sim, é possível! Um PCP mais forte”

Na Conferência Nacional do Partido, sob o lema “Renovar e reforçar a organização e intervenção do Partido no seio dos trabalhadores”, nos XV e XVI Congressos, em Encontros nacionais, regionais e sectoriais, em várias Resoluções do Comité Central e, mais recentemente, na Conferência Nacional do Partido realizada em 22 de Junho, é feita a análise e a caracterização da situação e da sua evolução, são apontadas orientações e medidas que, sem voluntarismos nem conformismos, se sustentam numa ideia forte: na acção geral do Partido e no trabalho para o seu maior enraizamento na classe operária e nos trabalhadores, dificuldade não significa impossibilidade.

O XVI Congresso foi particularmente claro a destacar a importância deste trabalho. Na sua Resolução Política inscreveu o propósito de:

“Lançar uma vasta acção para alterar o reduzido nível da organização partidária nas empresas e locais de trabalho e reforçar a organização e intervenção do Partido junto da classe operária e dos trabalhadores em geral.

Uma acção que envolve o prosseguimento e desenvolvimento de campanhas nacionais, regionais e sectoriais e outras formas de contacto com os trabalhadores (associando medidas organizativas, acção

reivindicativa, propaganda e intervenção política), mas que tem como objectivo central construir e reforçar a organização e intervenção partidárias nas empresas e locais de trabalho (criar novas células e fortalecer as existentes, assegurar a presença do Partido nem que seja apenas com um militante.”

O Comité Central na sua reunião de 20 e 21 de Abril de 2001 apontou objectivos precisos para esta acção. Na Resolução “Reforçar a organização e intervenção no seio da classe operária e dos trabalhadores”, então aprovada, refere:

“O XVI Congresso definiu como prioridade e objectivo nacional a existência de trabalho organizado do Partido, nas empresas e locais de trabalho com mais de mil trabalhadores e/ou de importância estratégica, a par de outros objectivos sectoriais e regionais de enraizamento do Partido.

Isto significa assumir que, independentemente da dinâmica existente em cada uma destas unidades, é objectivo da organização regional respectiva e do Partido em geral assegurar a existência de trabalho organizado nessas empresas, locais de trabalho (designadamente locais de trabalho da Administração Pública Central como hospitais e universidades e das câmaras

municipais) ou zonas industriais constituídas por unidades empresariais de diversa dimensão.

Isto significa que o Partido assume o objectivo no quadro das suas organizações de ter uma estrutura de organizações de base de maior ou menor dimensão em todas as empresas, locais de trabalho ou zonas industriais referidas, que garantam aí o trabalho organizado do Partido.

Trata-se de uma estrutura de organizações de base para o trabalho com os respectivos trabalhadores e para o trabalho geral do Partido e não de uma frente de trabalho.

O reforço efectivo da organização do Partido exige a adopção de medidas urgentes, um verdadeiro plano de trabalho em cada região que com o acompanhamento, apoio e estímulo das estruturas centrais do Partido, defina prioridades e sobretudo formas e meios para a sua concretização.”

Esta é uma das linhas de trabalho mais importantes da acção do Partido. Defrontando uma situação que colocou múltiplas exigências à intervenção partidária, decorrentes da realização de duas eleições nacionais e da intensificação da campanha contra o Partido, há passos importantes dados na concretização das orientações aprovadas, com desigualdades, mas há sobretudo um grande caminho ainda a percorrer no fortalecimento da organização e intervenção do Partido nas empresas e locais de trabalho.

Avançou-se agindo de acordo com uma concepção integrada ligando fortalecimento da organização, ao reforço da intervenção, da iniciativa política e da acção de massas.

O PCP organizou, apoiou e dinamizou a luta de massas, avançou com campanhas próprias de informação e esclarecimento aos trabalhadores, articulando o movimento social de luta com uma pronta, valiosa e diversificada intervenção nas várias instituições onde participam eleitos comunistas, designadamente na Assembleia da República, no Parlamento Europeu, nas Assembleias Legislativas Regionais e nas Autarquias Locais.

Foi desenvolvida a campanha «100 000 assinaturas por melhores salários e qualidade de vida», em que foram recolhidas mais de 191 mil assinaturas, o maior abaixo-assinado de sempre, que contribuiu para denunciar os baixos salários e as baixas pensões de reforma que lhe estão associadas como um grande problema nacional, factor de injustiça social e de condicionamento do desenvolvimento do País.

As lutas dos trabalhadores, se no plano unitário e sindical tiveram sempre a generosa e combativa participação e empenho de muitos milhares de comunistas, dirigentes sindicais, delegados sindicais e membros de comissões de trabalhadores, tiveram um suporte político e legislativo por iniciativa do PCP na Assembleia da República e no Parlamento Europeu que permitiram, em várias situações, importantes vitórias políticas e recuos da política de direita, como foram exemplo a melhoria do regime dos contratos a prazo, a iniciativa na denúncia da sinistralidade no trabalho, as propostas de desagravamento fiscal sobre os rendimentos do trabalho.

No plano da organização procedeu-se ao levantamento das empresas e locais de trabalho com mais de 1000 trabalhadores e/ou de importância estratégica e no seguimento desse levantamento fixou-se o conjunto de empresas e locais de trabalho prioritários para a intervenção do Partido (381 dos quais 211 com membros do Partido). Avançou-se na criação de comissões, organismos de coordenação ou de direcção para este trabalho. Definiram-se responsáveis pela coordenação nacional do Sector automóvel e das indústrias eléctricas e electrónicas, do Sector da construção, mármore e madeiras e do Sector da portaria e vigilância. O recrutamento, con-

cretizando a campanha decidida de 2000 novos militantes, foi bem sucedido. Aderiram ao Partido cerca de 2400 novos membros, mais de 40% dos quais com menos de 30 anos. Recrutaram-se membros do Partido que abrangem um universo de mais de 700 empresas e locais de trabalho. Deram-se passos para aprofundar o conhecimento da realidade social, das suas alterações e das empresas e locais de trabalho.

As medidas de quadros, de responsabilização directa por empresas e locais de trabalho prioritários, de envolvimento de todo o Partido nesta grande direcção do trabalho partidário, do conteúdo e nível de intervenção, dos meios permanentes de propaganda, tendo conhecido desenvolvimentos positivos necessitam contudo de uma atenção redobrada.

No seguimento das orientações aprovadas e integrando o movimento geral de reforço partidário “Sim, é possível! Um PCP mais forte”, apontam-se as seguintes linhas de orientação e medidas para o reforço da acção e organização do PCP nas empresas e locais de trabalho:

1 – A acção do Partido deve dirigir-se a todos os trabalhadores e isso exige formas de intervenção e organização muito diferenciadas, tendo em consideração a valiosa experiência partidária. Isso implica considerar e desenvolver a experiência da organização e agregação de membros do Partido por sectores profissionais, de empresas ou de zonas industriais (uma grande parte dos trabalhadores portugueses labora em empresas e locais de trabalho com menos de 100 trabalhadores em que o número de membros do Partido por empresa torna em geral difícil a organização da célula apenas na base de uma empresa ou local de trabalho). Estes sectores que constituem elementos indispensáveis ao funcionamento colectivo, à participação dos militantes e à sua agregação, não devem limitar-se a ser um espaço de encontro dos comunistas, sendo indispensável que prosiga sempre o objectivo de estimular e assegurar a intervenção partidária junto dos trabalhadores respectivos, nas empresas e locais de trabalho.

2 – O trabalho do Partido é dirigido a todos os trabalhadores, no entanto, há empresas, locais de trabalho e zonas industriais que pela sua dimensão e/ou importância justificam medidas especiais. A existência de uma definição clara das empresas e locais de trabalho prioritários em cada região é de grande importância para se poder avançar, o que exige a actualização do levantamento das empresas e locais de trabalho com mais de 1000 trabalhadores e/ou de importância estratégica, bem como zonas industriais e outras concentrações de trabalhadores. Prioridades que devem abranger também as unidades existentes em cada distrito de empresas nacionais (caso dos CTT, da EDP, dos bancos, das grandes superfícies comerciais, etc.) e locais de trabalho da Administração Pública Central e Local (caso do Ensino, Saúde, Segurança Social, Câmaras Municipais e SMAS).

3 – A concretização de medidas de direcção e quadros é fundamental para fazer progredir este trabalho. Nesse sentido, é necessário:

– a definição de um núcleo de quadros, designadamente funcionários do Partido, em alguns casos com a concretização de uma linha central de apoio, que deverão ter em exclusivo tarefas ligadas ao acompanhamento e desenvolvimento do trabalho do Partido nas empresas e locais de trabalho;

– o destacamento de um quadro do Partido que tenha como responsabilidade principal, em muitos casos exclusiva, o trabalho de cada empresa e local de trabalho prioritário, com condições para

acompanhar esse trabalho (tenha ou não tenha essa empresa neste momento membros do Partido conhecidos), bem como, de acordo com a realidade concreta de cada distrito, a responsabilização de camaradas pelo acompanhamento dos sectores que têm coordenação no plano nacional e por outros que a realidade regional justifique;

– a criação em cada Direcção de Organização Regional onde ainda não exista de uma Comissão, organismo de coordenação ou de direcção, que não se dilua no acompanhamento do trabalho sindical e tenha a responsabilidade de acompanhar e dirigir a concretização de medidas do plano de acção regional estabelecido.

4 – Além de medidas específicas, a consideração deste objectivo exige que seja assumido como uma preocupação de todo o Partido, a começar pelas organizações concelhias e de freguesia, o que implica, entre outros aspectos:

– a atenção dos organismos dirigentes das ORs e das Comissões Concelhias à organização e luta dos trabalhadores e à tomada de posição sobre os seus problemas;

– o levantamento e actualização dos locais de trabalho dos membros do Partido e da sua disponibilidade para dar uma colaboração na sua empresa independentemente do sítio onde estão organizados, devendo aproveitar-se para este efeito a acção de esclarecimento geral da situação dos membros do Partido apontada pela recente Conferência Nacional do Partido;

– o levantamento de nomes de trabalhadores ainda não membros do Partido, nomeadamente jovens, que estejam disponíveis para este trabalho (familiares, amigos, conhecidos).

– o trabalho conjunto com a JCP e o levantamento de contactos que tem para a acção e organização das empresas e locais de trabalho

5 – O recrutamento de novos militantes e a sua integração é uma questão decisiva para o início do trabalho partidário em muitas empresas e locais de trabalho, para a criação de novas células e para o rejuvenescimento da organização em vários sectores e empresas, e constitui um elemento vital para assegurar o futuro da organização partidária e o reforço da sua intervenção. No âmbito da campanha de 2000 novos militantes integrada no movimento geral de reforço partidário “Sim, é possível! Um PCP mais forte” é necessário proceder ao levantamento geral de nomes de trabalhadores, em particular jovens, a contactar para a adesão ao Partido e considerar o papel particularmente importante que têm os militantes do Partido que são dirigentes, activistas sindicais ou membros de CTs, no levantamento de trabalhadores dirigentes sindicais, membros de CTs, de Comissões Sindicais, de Comissões de Saúde, Higiene e Segurança no Trabalho que se destacam e nos contactos para a sua adesão ao Partido.

6 – O trabalho de enraizamento do Partido nos trabalhadores beneficiará dos levantamentos que permitirão localizar membros do Partido que não são conhecidos, no entanto o objectivo de assegurar trabalho organizado do Partido no universo das empresas considerado, pelo facto de não haver membros do Partido em muitas delas, vai exigir o prosseguimento de contactos à porta das empresas e, particularmente, um trabalho partidário com trabalhadores que não são membros do Partido (ou que ainda não são membros do Partido). Mesmo em locais em que já há membros do Partido é preciso ver a forma de alargar a intervenção e a influência partidária com iniciativas e trabalho que envolvam trabalhadores não membros do Partido. Isso além da compreensão que é necessário vincar que o Partido se dirige a todos os trabalhadores de uma dada empresa ou local de trabalho e que a célula ou os membros do Partido aí existentes são o instrumento essencial desse trabalho junto de todos os trabalhadores.

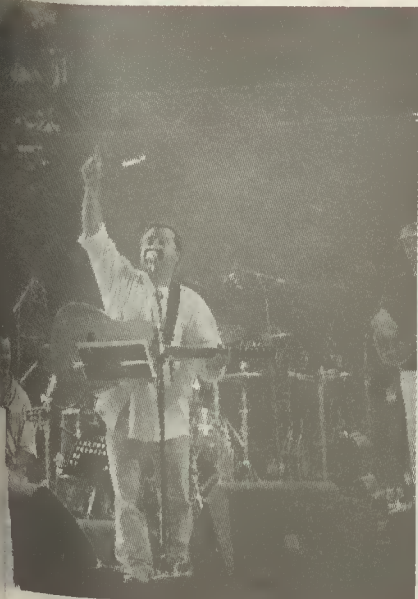
7 – A intervenção do Partido, o conteúdo da acção concreta é o elemento essencial de aferição da organização e do trabalho que estamos a realizar. A organização é fundamental, mas tem que estar sempre ligada à intervenção. O plano de trabalho que se propõe levar à prática é um plano de intervenção política que articule o trabalho de reforço da organização, com a elevação da consciência de classe, da organização, da luta dos trabalhadores pela defesa dos seus interesses e da sua participação nas batalhas políticas gerais. O conteúdo da acção do Partido, o contacto com trabalhadores que ainda não são militantes ou com um membro do Partido isolado numa empresa, a necessária iniciativa de cada membro do Partido, a acção de uma célula mais ou menos numerosa, têm que estar impregnados desta concepção de trabalho.

É preciso ter no centro das atenções o conhecimento da realidade existente em cada empresa ou local de trabalho, os problemas e aspirações dos trabalhadores, a resposta do Partido para esses problemas, as reivindicações a formular, as acções adequadas a desencadear, a orientação para o fortalecimento da unidade e organização dos trabalhadores e para a forma concreta da organização do Partido, o desenvolvimento do esclarecimento e da luta de massas, a preocupação de alertar para os problemas existentes. É necessário desenvolver o trabalho para a criação e reforço da organização associado com a iniciativa política do Partido, a procura de um conhecimento aprofundado da situação económica e financeira, das relações de trabalho das empresas e sectores de modo a contribuir para a definição de propostas e sua articulação com o trabalho e a iniciativa do Partido nas instituições (AR, PE, Assembleias Legislativas Regionais e Autarquias Locais). É necessário promover a emissão regular de informação aos trabalhadores sobre a realidade com que estes se confrontam, as posições políticas, a actividade geral do Partido e a afirmação dos ideais e projecto do PCP.

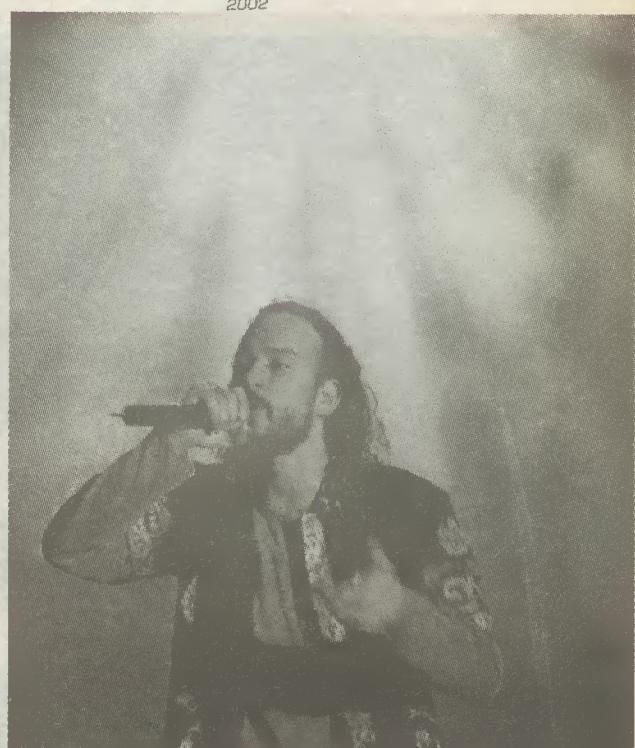
8 – O desenvolvimento deste trabalho implica o prosseguimento das acções nacionais do Partido e ao mesmo tempo o reforço dos meios para uma acção de propaganda permanente e no apoio às organizações prioritárias com menos possibilidades.

9 – O êxito da linha de reforço da acção e organização do Partido nas empresas e locais de trabalho exige um acompanhamento central do Partido que passa pela consolidação e dinamização da coordenação de sectores e empresas no plano nacional, pela realização de reuniões com os responsáveis pelo trabalho do Partido em empresas e locais de trabalho e membros de secretariados de célula ou de organismos sectoriais, profissionais ou de empresa e pelo estabelecimento de iniciativas de apoio ao seu trabalho.

O reforço da influência do Partido junto da classe operária e dos trabalhadores, da sua acção e organização nas empresas e locais de trabalho, questão essencial para o fortalecimento da organização, unidade e luta dos trabalhadores, para o fortalecimento geral do Partido e para a intensificação da luta contra a exploração capitalista, por uma nova sociedade, é um grande objectivo que se coloca. Com a participação e empenho dos militantes e das organizações partidárias, sempre com os trabalhadores, intensificando a intervenção e a iniciativa, promovendo a adesão de novos membros, numa acção convicta, determinada e persistente é possível um PCP mais forte nas empresas e locais de trabalho.



Ferro Gaita



Gabriel, o Pensador

deixaram de ser grandes êxitos, tornando-se verdadeiros hinos e parte de um património musical colectivo. Quem não cantou do princípio ao fim *Nini*, o *Adeus*, já no encerre exigido com insistência, *Mãe Preta* ou *Os Meninos à Volta da Fogueira*?

Num registo obviamente diferente, os **Oysterband** entraram em palco para conquistar de imediato a assistência. A sua música, folk, rock, onde o violino e o violoncelo e a concertina são instrumentos-chave, é a comemoração da alegria e do prazer de dançar em colectivo.

Um grande momento na noite de sábado.

Um Gabriel explosivo

Sem pretendermos eleger aqui o melhor espectáculo da Festa (não só porque gostos não

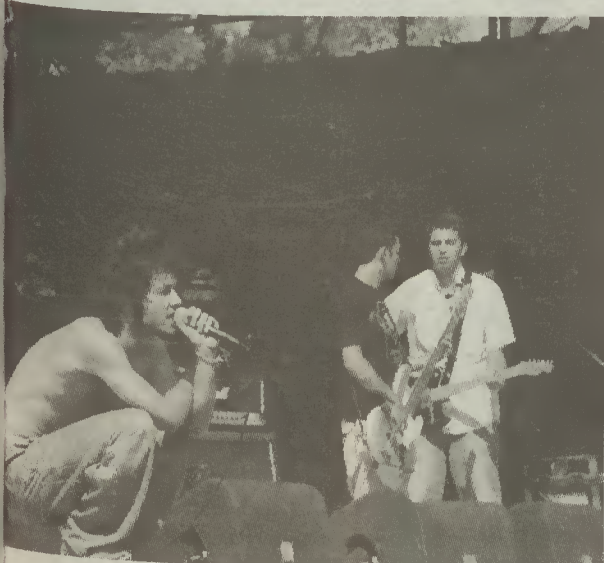
se discutem como, sobretudo, porque tal escolha não faria sentido num programa que se caracteriza por uma grande variedade de géneros), será ainda assim justo fazer um destaque especial para o acontecimento extraordinário que constituiu o concerto de **Gabriel, o Pensador**.

Foi sem dúvida aquele que galvanizou mais gente, alargando-se a assistência muito para além das fronteiras do recinto do Palco 25 de Abril (pela encosta da Medideira acima as pessoas estavam voltadas para o espectáculo, atentas às palavras do rapper brasileiro, muitos cantavam com entusiasmo as passagens mais conhecidas, dançavam, respondiam aos incitamentos que vinham lá longe do palco).

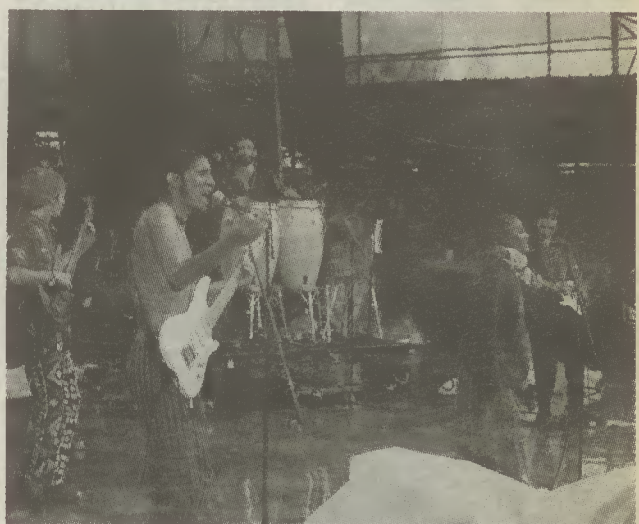
Logo no início, Gabriel estabeleceu uma comunhão de ideais com o público. Esclareceu que sabia onde estava e o que

intervenção, interroga-se e interroga em «Até quando você vai levando porrada, porrada», ou em «Seja você mesmo, mas não seja sempre o mesmo».

Mas se em Gabriel tudo gira em torno das palavras (aliás, perfeitamente audíveis graças a uma boa dicção), a música é muito mais que um simples embrulho. Com excelentes instrumentistas e vocalistas, o grupo mostra-se coeso, sem falhas, produzindo um som poderoso, fortemente marcado neste último trabalho por influências directas da música rock, eventualmente a que melhor



Linha da Frente



Terrakota

trumentais que a compõem, melhor é capaz de voltar a reuni-la depois para a execução, em dialéctico contraponto, do pomposo tema inicial de **Purcell** e da complexa e exigente *Fuga* de **Britten**.

Como parte central do programa e sempre na perspectiva de divulgar os novos valores e certezas das artes nacionais, a Festa e o seu concerto de abertura tiveram este ano a visita do notável pianista português **Artur Pizarro** que não deixou por mãos alheias a interpretação do conhecido **Concerto para Piano e Orquestra n.º 2** de **Serge Rachmaninoff**, numa execução sem mácula em que foram notórios que baste o virtuosismo pianístico e o temperamento emocional do solista mas na qual o rigor dos tempos e a coesão instrumental se fizeram sentir na direcção de **Miguel Graça-Moura** e na resposta da **Orquestra Metropolitana de Lisboa**.

Finalmente, a audição do «**Bolero**» de **Ravel** veio concluir da melhor maneira o ecléctico repertório do concerto, não sem

que, mais uma vez, tenha ficado reforçada a ideia de que, apesar da sua aparente simplicidade – um conjunto de dois pequenos temas que insistentemente se vão repetindo através de sucessivas mudanças de instrumentos –, se trata, no fundo, de um exercício de instrumentação altamente exigente e original e, ao mesmo tempo, um tremendo desafio à disciplina e criatividade dos solistas de ocasião e à sempre renovada coesão orquestral, tendo-se a **Metropolitana de Lisboa** mostrado inteiramente à altura das exigências.

Enfim, com a «**Marcha de Pompa e Circunstância**» de **Elgar**, chegávamos num «encore» sempre esperado à (se possível ainda maior) ligação dos músicos com o público, numa comunhão de emoções sempre imparável quando a Arte se encontra com o seu destinatário por excelência.

E os fortíssimos aplausos que se uniram ao fogo de artifício, nele se dissolvendo para dar lugar à «**Carvalhesa**», não poderiam querer dizer outra coisa do que: «Até para o ano!».

era a Festa do «Avante!»: «Sei que vocês são um público ligado à mensagem que nós queremos passar.» E nem era preciso. Numa festa organizada por comunistas, o discurso de Gabriel só poderia ser bem recebido porque, de uma forma ou de outra, a esmagadora maioria dos que ali vão, mesmo não sendo comunistas, partilha com eles o ideais da solidariedade, da luta contra a pobreza, as desigualdades e discriminações.

Partindo dos temas do seu último álbum, Gabriel apresentou-se enérgico e incansável durante quase duas horas, percorrendo a largura e profundidade do palco, descendo até à assistência, já quase em transe, voltando de novo sempre a «rappar». E foram duras as palavras ali se ouviram só comparáveis à realidade brasileira, onde ser pobre e morar numa favela pode ser um sonho para muitos que vagueiam nas ruas: «Moro na rua, não sou ninguém, não chego a ser pobre.»

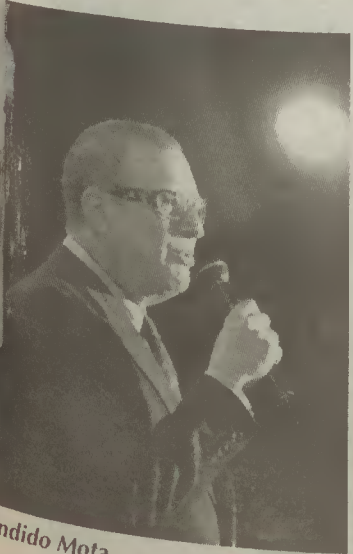
Mas Gabriel não se fica pela crítica e denúncia, incita à

traduz a dureza da mensagem de Gabriel.

Depois deste espectáculo inesquecível só se aguarda uma oportunidade para ver de novo o Pensador no seu melhor, ou seja, igual a si próprio.

Muito ficou por ver

Infelizmente, a chuva que se anunciava desde sexta-feira, apareceu na tarde de domingo. Já debaixo da enxurrada, que se prolongou até perto das 17 horas, o palco ainda abriu com os Terrakota, grupo de música africana formado em Portugal. Mas em breve o chão ficaria alagado e o espectáculo foi interrompido, sendo cancelados todos os seguintes. Por ouvir ficaram os galegos **Luar na Lubre**, o cabo-verdiano, **Tito Paris**, os **Quinta do Bill** e os **Da Weasel**, estes impedidos de tocar na festa devido a um acidente sofrido pelo baterista num concerto realizado na véspera. Foi pena, mas mais para o ano há outra vez Festa. Até lá.



Cândido Mota





Camané



Quinteto Amália

Auditório 1.º de Maio

● Carlos Nabais

Três jornadas de boa música

Ao longo de quase duas décadas de existência, passaram pelo Auditório 1.º de Maio grandes nomes da música portuguesa e mundial, muitos dos quais foram autênticas revelações para o público nacional. Este ano, a tradição voltou a cumprir-se.

Do jazz à música tradicional portuguesa, do fado à trova chilena, o programa do Auditório combinou de forma hábil e audaciosa uma grande variedade de géneros e subgéneros musicais, alinhando nomes consagrados do espectáculo com artistas praticamente desconhecidos da generalidade público. E se esse foi o segredo do sucesso das edições anteriores, não restam dúvidas de que a aposta foi de novo ganha este ano, concerto

atrás de concerto, com breves interrupções de 15 ou 20 minutos para uma rápida e eficaz mudança de instrumentos e afinação de luzes.

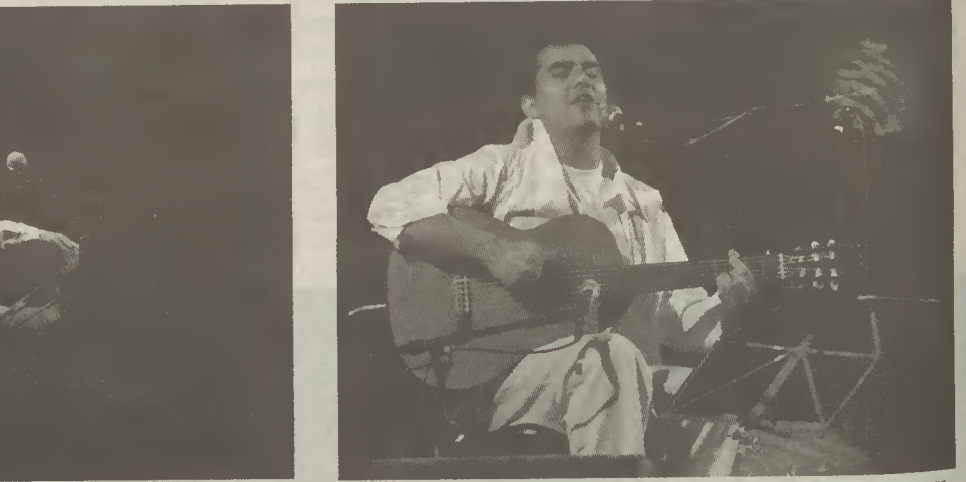
«Quem é Francisco Villa?», ter-se-ão interrogado muitos daqueles que apressaram o jantar de sexta-feira para chegar a tempo de conhecer mais um músico que a Festa estreou entre nós. Quem o ouviu certamente que ficou convencido. Isto porque Villa, com a sua voz e guitarra, convence quando,



Giovani Mirabassi

por exemplo, recorda os tempos da ditadura de Pinochet, a repressão, os assassinatos, as fogueiras de livros; ou quando fala dos que outrora foram consequentes companheiros e que hoje pactuam com as ideias ultraliberais que semeiam a pobreza num país em que alguns enriquecem. Não se pense, porém, que o cantor, herdeiro assumido de nomes como Victor Jara, Juan Manuel Serrat ou Violeta Parra, navega numa espécie de romantismo revolucionário de outros tempos. Villa vive, luta e resiste nos difíceis dias de hoje, consciente de que mesmo que «não consiga transformar o mundo, o importante é que o mundo não me transforme a mim».

Outra revelação, e quase estreia absoluta em Portugal, foi a da cantora Jussara Silveira, que actuou na tarde de sábado surpreendendo o público, que enchia completamente o recinto, com a sua



Francisco Villa



Mariza

voz afinada e o seu bom gosto musical. A brasileira não é contudo uma debutante. Na sua já longa mas discreta carreira esteve ao lado de nomes como Caetano Veloso e, ainda recentemente, o mestre guitarrista português António Chainho foi buscá-la para participar no seu CD «Lisboa-Rio», onde participam igualmente outros grandes

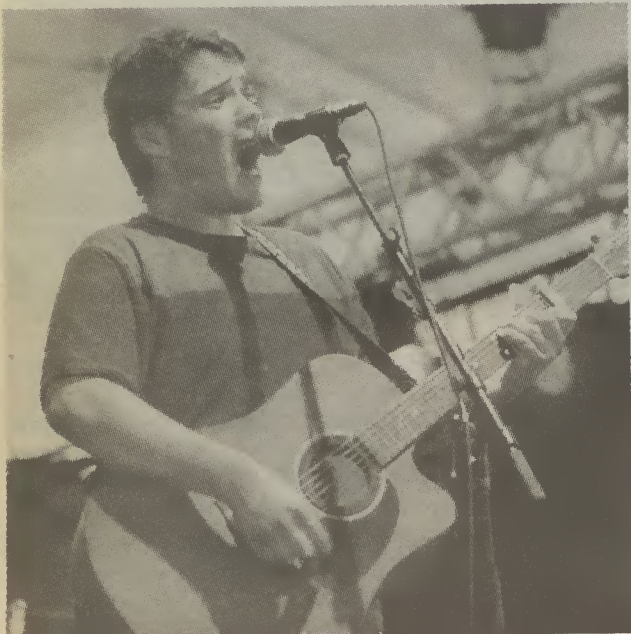
músicos brasileiros. Com o seu próprio espectáculo, foi nesta Festa que Jussara se apresentou pela primeira vez no nosso país. Esperemos que volte.

O mesmo desejo ficou-nos do pianista italiano Giovanni Mirabassi, um novo talento reconhecido pelo mundo do jazz, que se propôs partilhar com o público da festa

belas recriações de canções revolucionárias. Ouvimo-lo cantando para dentro, com aquele brilho de comoção nos olhos que nos faz sorrir ao encontrarmos um amigo que há muito não víamos.

Ainda no sábado, outros nomes promissores como Paulo Ribeiro, um músico alentejano que nesse canto procura as raízes do recente projecto a solo, ou a Ceia dos Monges, formação que assenta na excelente voz de Diana Basto e num competente grupo de músicos apostados na fusão de sonoridades e na busca de novos caminhos para a música portuguesa.

A experimentação e o improvisado têm há longos anos presença assegurada na Festa e isso deve-se em grande parte à participação regular dos Telectu, o duo formado por Jorge Lima Barreto e Vítor Rua, que desta vez se apresentaram com o baterista Gerry Hemingway e com o



Paulo Ribeiro



Trupe Vocal



Telectu



João Afonso



Quinteto Coimbra

versátil e criativo trompetista **Herb Robertson**. Entre a numerosa assistência composta de compenetrados apreciadores e de curiosos para quem a música improvisada ainda é um bicho estranho, ninguém ficou no entanto indiferente aos fantásticos ambientes sonoros e efeitos visuais (como as bolas amarelas que disparavam do interior do piano), ali criados pelos quatro músicos.

Alma fadista

O fado é provavelmente a expressão musical que melhor identifica a cultura lusa além-fronteiras e com a qual mais facilmente nos identificamos. Cantado do Norte a Sul do País, não haverá português que ao ouvi-lo não experimente um sentimento de pertença com aquela forma de cantar, ora alegre e jocosa, ora sofrida e triste, mas sempre sentida, como se arrancada do interior do ser. Único e sempre reconhecível, o fado é, no entanto, tão diverso quanto sucessivas gerações nele pegaram rasgando novos horizontes que o imortalizam.

Sempre que no Auditório se canta o fado, uma verdadeira legião de espectadores esgota rapidamente a lotação e aos que ficaram lá fora depressa se juntam muitos mais formando enormes meias-luas em torno das entradas do recinto. Assim aconteceu, na sexta-feira,



Jussara Silveira

como o espectáculo de **Mari-za**, artista que surpreendeu não só pela sua já conhecida voz como pela presença em palco e comunicabilidade com o público. Em apoteose, o espectáculo terminou com a fadista e os músicos a saltarem para a assistência unindo vozes e instrumentos já sem amplificação.

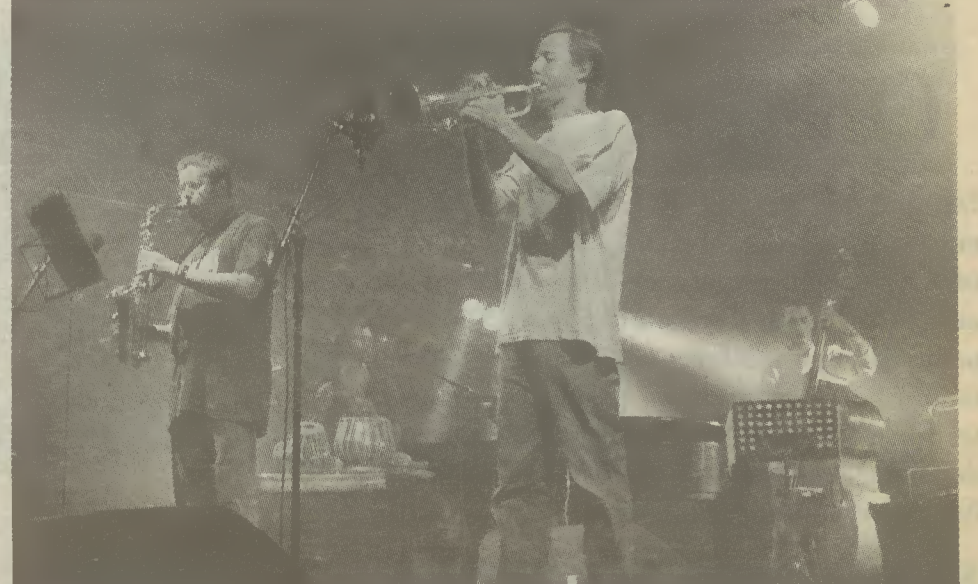
Outra enchente, quiçá ainda maior, voltaria a acontecer na noite de sábado com o espectáculo de **Camané**, que se prolongou por hora e meia. Nome já considerado por muitos como um dos maiores fadistas de sempre, Camané apresentou um repertório de grande qualidade onde

se destacaram os temas do seu último disco «Pelo Dia Dentro».

No dia anterior, também ali actuaram o **Quinteto Coimbra**, que homenageou vultos como Adriano Correia de Oliveira, José Afonso ou António Portugal, e ainda o interessante e original **Quinteto Amália**, formado por um quarteto de cordas e uma voz.

O calor da música

Mesmo sob a forte chuvada de domingo, que durante duas horas e meia alagou a Festa e obrigou ao cancelamento de muitas iniciativas,



Nuno Ferreira Sexteto

os espectáculos continuaram no Auditório. Os que lá foram apenas em busca de abrigo, depressa esqueceram o mau tempo e a falha que foi terem negligenciado as nuvens que logo pela manhã cobriam o céu, deixando-se envolver pelos sons quentes e afáveis da música de **João Afonso**, libertando os corpos molhados aos ritmos africanos do seu novo trabalho «Zanzibar».

Incentivado pelo entusiasmo de uma assistência que o acompanhava nos refrões mais conhecidos, o cantor teve dificuldade de deixar o palco, terminando já sem músicos a cantar a «Mariana» com o público.

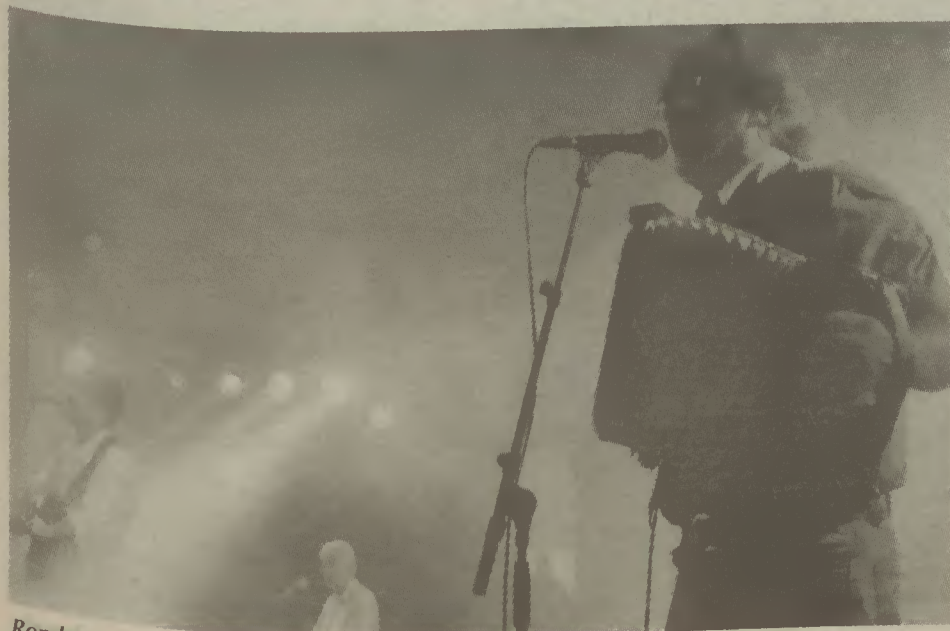
E a animação prosseguiu com a **Ronda dos Quatro Caminhos**, formação que para o ano comemorará os 20 anos de existência, sempre a trilhar os caminhos da recolha e recriação de temas da música tradicional portuguesa. A chuva abrandava lá fora

até, já perto das 17 horas, parar por completo; o sol assomava com bonomia por entre as densas nuvens e os visitantes voltavam a ocupar as praças e alamedas da Atalaia.

No Auditório, a música continuou depois do grande comício que ali se realizou. A noite pertenceu ao jazz, com **Trupe Vocal**, **Nuno Ferreira Sexteto** e **Mário Delgado** que encerrou a programação.



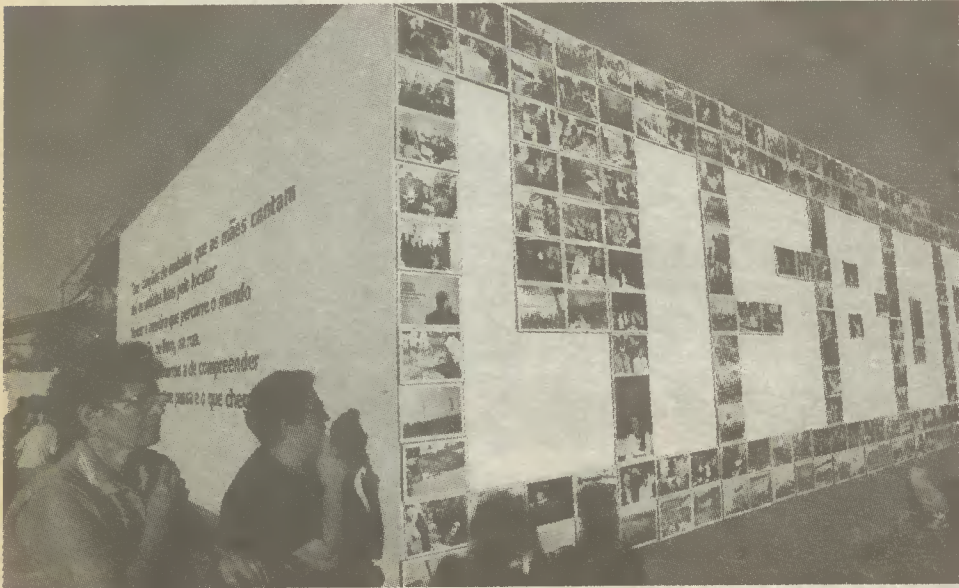
Mário Delgado



Ronda dos Quatro Caminhos



Ceia dos Monges



Lisboa



Porto

Representação das organizações regionais do PCP

• Domingos Mealha

O outro mapa do Portugal que mudamos

Durante três dias, a Quinta da Atalaia recebe e mostra o que nas diferentes regiões existe de bom e de mau, as potencialidades e os problemas, o trabalho dos comunistas e a luta das populações por melhores condições de vida em todo o País e para todo o povo. Assim concentrado, o Portugal que queremos transformar desenha-se num mapa que convida o visitante a fazer aqui passeios irrepetíveis.

Entre os motivos que levam milhares de pessoas, cada ano, à Festa do *Avante!*, ocupa certamente um lugar cimeiro o reencontro de amigos. Desencontrados pelas voltas que a vida dá, cada ano vão rever-se na Festa muitos amigos de infância e juventude, daqueles que não deixam a distância cortar-lhes os

laços. Chamam-lhes patrícios ou conterrâneos. Para a manhã de domingo estava marcado um encontro de beirões, no pavilhão das organizações regionais de Castelo Branco e Guarda, com Viseu mesmo ali ao lado. Mas todos os três dias de Festa (incluindo as duas horas de chuva no dia do fecho) proporcionaram um sem-número de abraços e beijos de amigos e amigas de longa data. Por causa de tais amizades – que elas durem por muitos e bons anos! – é que, um copo aqui, um petisco mais adiante, três dedos de conversa logo a seguir, dificilmente se conseguiria fazer num breve fim-de-semana a «volta a Portugal» que na Festa apetece. Mesmo assim, outros a terão feito, ainda que sem o objectivo de a contar em reportagem. Parabéns aos que conseguiram e que, por isso, podem ajudar a contar outros moti-

vos por que a excursão valeu a pena.

Pela entrada da Quinta da Princesa, o país da Atalaia tinha o **Alentejo** a dar-nos as boas-vindas. Um grande monte, com paredes brancas, onde uma barra de amarelo-torrado subia desde a relva, acompanhando os contornos das portas e janelas pintadas de castanho.

Mesmo frente ao Pavilhão Central, as organizações regionais do Litoral Alentejano, de Beja, de Évora e de Portalegre ofereciam um acolhedor espaço, com muitas esplanadas, onde os lugares eram quase sempre escassos para os muitos visitantes que apreciavam a boa gastronomia, seja ela ensopado de borrego, cozido de grão ou caldeirada à moda de Sines, e também a cultura popular – que no **Palco Arraial** se mostrou no esplendor de ranchos folclóricos, grupos corais

e filarmónicas de todo o País. Na adega, o tinto de Pias, engarrafado especialmente para a Festa do *Avante!* deste ano, desafiava os colecionadores e os apreciadores. Na leitaria, ao lado dos doces ricos de além-Tejo e apesar do nome do «estabelecimento», também se servia café e bagoço.

Afirmado em vários locais a exigência de desenvolvimento, o Alentejo exibiu na Festa as suas belezas naturais, numa exposição fotográfica das regiões de Turismo; um grande painel mostrou rostos de homens e mulheres que fazem a História e o presente do PCP na região.

O artesanato, que ao longo do monte alentejano ia quebrando o branco das paredes, como decoração, estava ao dispor de quem o quisesse comprar e levar para casa, num stand já junto à água que refrescava a vista e alguns



Aveiro

Café-Concerto de Lisboa

Música e literatura

A música animou o Café-Concerto de Lisboa com ritmos de diversas origens, desde as sonoridades tradicionais gregas até ao fado e à Bossa Nova. Houve também lugar para apreciar o ilusionismo de David Martin e debater a globalização e a política de direita.

De destacar a homenagem a Urbano Tavares Rodrigues, que constituiu o momento alto da noite de sexta-feira. Cinquenta anos depois da publicação de «A Porta dos Limites», numa sessão que contou com a participação do autor, a obra de Urbano foi celebrada através da leitura de alguns excertos de livros e poemas por Armando Caldas e Fernando Tavares Marques.

Manuel Gusmão – poeta, professor universitário e ensaísta – referiu que o trabalho de Urbano Tavares Rodrigues esteve na vanguarda da literatura dos anos 50, protagonizando um processo de transformação, plenamente integrado numa década de metamorfose do realismo, de polémica interna do neo-realismo e de influência do existencialismo.

«Urbano não é um escritor neo-realista, mas está na linha do realismo acrescentando temas existencialistas», afirmou Manuel Gusmão, referindo a vibração lírica da sua prosa e a importância do domínio onírico e do sonho como promessa.

Escritor, poeta, ensaísta e professor, Urbano Tavares Rodrigues é expulso da Faculdade de Letras em 1959 e proibido de ensinar, acusado de participar em actividades de «ânimo conspirativo». Só depois de 1974 desenvolve a sua carreira académica, o que não o impediu de granjear grande sucesso junto do público.

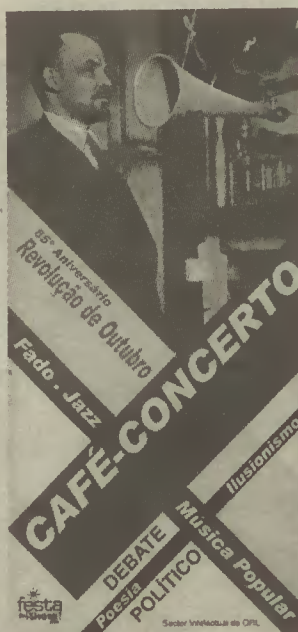
Talvez os traços determinantes da personalidade de Urbano sejam a generosidade – Manuel Gusmão lembrou o

apoio dado a vários jovens autores e a participação na criação de *ateliers* de escrita – e a fidelidade à ideia de liberdade contra todo o tipo de exploração e opressão.

Como lembrou o professor, esta última característica terá sido facilitada por Urbano ter nascido no Alentejo, «pequena pátria que cedo obriga as pessoas a decidir de que lado estão» na batalha pela igualdade e pela justiça social. Para Gusmão, a realidade alentejana funciona como uma espécie de vacina contra o nacionalismo que tende a

esmagar as diferentes identidades e simultaneamente contra a indiferenciação de modos de ser numa sociedade que tende a fazer-nos todos iguais.

No final, Urbano recordou que, ao longo da sua obra, procurou renovar as estruturas do romance, junto com Cardoso Pires e Augusto Abelaira, e explicou as condições em que escreveu os poemas «Margem Sul» e «Canção do Soldado no Cerco do Porto», ambas musicadas por Adriano Correia de Oliveira.



A homenagem a Urbano Tavares Rodrigues foi um dos momentos altos na programação do Café Concerto



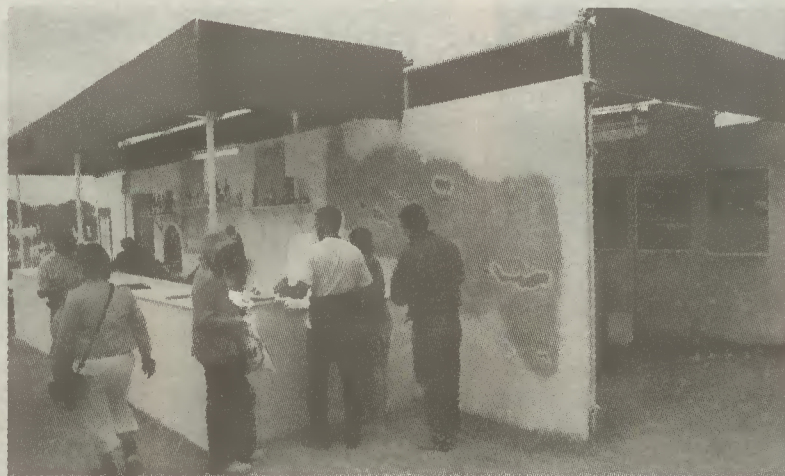
Setúbal



Alentejo



Palco Arraiol



Açores

corpos na Praça Central da Festa: peles, lãs, barros, madeira... mais olhos do que euros temos nós, para esta arte de povo, terra e sol.

Daqui, desta quase-colina à beira d'água, avista-se uma vizinha chamada Lisboa. Passa-se para lá sem atravessar nenhuma ponte. Sem filas nem portagens, recebe-nos um enorme pórtico, ostentando no cimo os símbolos comunistas; preenchem o pilar esquerdo dezenas de fotografias de outras edições da Festa, e os espaços vazios deixam ler o nome da capital e do seu distrito; no lado oposto exibe-se o cabeçalho do jornal do PCP.

O *Avante!* ocupou em Lisboa o centro da avenida interior, por onde se estendiam vários pavilhões, numa geografia também peculiar, que colocou o Bugio ao lado da Feira da Lada e fez da Amadora nome de churrasqueira. Meia dúzia de blocos, com mais de metro e meio de altura, ofereciam aos visitantes - tal como nas estações se expõem os horários dos com-



Coimbra

boios - páginas do jornal, escolhidas e sublinhadas, enfeitadas numa decoração de apelo à leitura. Passando pelo *café-concerto* do Sector Intelectual (que deste lado privilegiou a comemoração dos 85 anos da Revolução de Outubro e abriu um balcão-janela que deixava acompanhar os espectáculos e debates), os painéis-divulgadores iam terminar numa réplica gigante de um jornal aberto, erguido como duas paredes que abrigavam uma banca, ponto de apoio para angariação de novos assinantes do *Avante!* e também de novos militantes do PCP. Quem ali chegasse do outro lado, vindo de Bragança ou do Algarve em direcção ao pavilhão «Só Fruta» ou à marisqueira, deparava com duas enormes páginas do jornal comunista: a capa do número que deu notícia da Conferência Nacional de Junho e uma original contracapa.

Mensagens políticas várias ocupavam espaços interiores que as organizações do Parti-

do no distrito não quiseram deixar vazios. Ao longo da fachada que dava para a avenida central da Festa, Pablo Neruda declarava *Ao meu Partido: "Fizeste-me indestrutível, porque contigo não termino em mim mesmo."*

Neste mapa da Atalaia, Lisboa confrontava, a Sudoeste, com o Nordeste transmontano e alto-duriense. Os pavilhões de **Bragança** e **Vila Real** propunham postas mirandesas e javali nos restaurantes, vinhos e artesanato em módulos abertos para quem passava ali ao lado. As exposições mostravam «um olhar sobre o distrito» brigantino e homenageavam Bento Gonçalves, no centenário do seu nascimento, em Montalegre.

Ali ao lado, subitamente, estávamos já na artéria que descia da Medideira até ao Palco 25 de Abril. Quem entrou por aqui na Festa encontrou primeiro **Coimbra** - que teve mais encanto na hora da despedida, para os muitos que por aqui saíram ao final de cada dia e foram

banhados pelos sons de baladas e fado, vindos lá do fundo da esplanada-varanda povoada de chanfana, bacalhau queijos e chouriços, pastéis, vinho da Bairrada. O grande destaque foi para Adriano Correia de Oliveira, em toda a área ocupada pelo distrito, desde as fachadas brancas até à exposição.

Na Quinta da Atalaia passava-se de Coimbra para **Leiria** - distritos efectivamente vizinhos -, em cujo espaço brilhavam a cerâmica e o vidro, a inspirarem o nome do bar de coquetéis: «Kakus». Caldas da Rainha, contudo, tinha um bar, com doces e bebidas. As mais recentes lutas dos vidreiros em defesa dos postos de trabalho eram mostradas, em grandes fotos, como batalha «exemplar».

Lançando o olhar para o outro lado do rio de gente, viva e tão diferente, que descia e subia entre o palco principal da Festa e a colina onde mora a Quinta, avistava-se **Madeira** e **Açores**. De umas quantas paredes vermelhas, que delimitavam o restaurante onde convivia a poncha com as espetadas em pau de loureiro, os comunistas madeirenses fizeram expositores para mostrarem as campanhas em curso, contra a degradação das escolas primárias, pelo aumento das reformas e para que esgotos nas habitações deixe de ser um direito que 35 por cento dos funchalenses ainda não possuem. Odores de ananás, morcelas e sopas do Espírito Santo marcavam a aproximação ao espaço dos Açores, que acompanhava com peças



Algarve



Leiria



Porto



Santarém

Organizações regionais

de osso de baleia e queijo de São Jorge o percurso dos visitantes da Festa que, em vez do caminho do Palco 25 de Abril, preferiam seguir no alto em direcção à Praça Central.

Os espaços das organizações do PCP nas regiões autónomas eram magníficos miradouros sobre a Festa. Ali, logo abaixo, tinham por vizinhos os minhotos do distrito de Braga. Ao seu restaurante, estes deram o nome de «Tentações da Carne». Conviveram em boa harmonia com o bar vegetariano que, mesmo ao lado, era mantido por militantes da JCP. A organização regional de Braga também trouxe para a Festa vinho verde, condes de Barcelos e outros doces típicos, cores berrantes no artesanato de barro e madeira. Tal como centenas de camaradas por todo o recinto, também aqui, no domingo à tarde, foi necessário encontrar agilidade, imaginação e muitos plásticos, para reduzir ao mínimo os danos da forte chuvada.

A outra parte do Minho ficava lá mais abaixo, do lado do Nascente, mostrando a fronteira para o palco principal. Este ano, Viana do Castelo convidou os visitantes da Festa do Avante! a apreciarem a louça regional do distrito, presente com grande realce. Artesanato, doces,

vinho verde e uma larga selecção de pratos e petiscos premiavam quem entrava e se via num grande restaurante coberto, em cuja decoração predominavam redes de pesca.

Já passada a borrasca de domingo, nos fogareiros do Porto alguns jovens secavam a roupa despida. Outros fogareiros, noutras regiões, serviram para o mesmo, como também pudemos comprovar. Mas estamos na «volta a Portugal», lembrem-se, e na Festa de 2002 a organização regional do Porto ficava logo acima do Alto Minho. Quem descia da Medideira para o Palco 25 de Abril não deixava de reparar na estrutura de tubos negros, com faixas vermelhas em todos os pavilhões e uma grande torre suportando uma pintura de corpos humanos. Painéis de homenagem a Armando Castro davam aqui início a uma série de estruturas, baseadas na mesma tubagem negra, que suportavam placards com informação sobre a situação do distrito, as propostas dos comunistas e as lutas dos trabalhadores e das populações.

No mesmo sentido, os pavilhões evoluíam da ourivesaria de Gondomar, dos curtumes de Amarante, do vinho do Porto (com mais uma série de garrafas com rótulo da Festa) e do restaurante que explica-

va serem as tripas «prova de resistência e força», até uma ampla zona com outras sugestões gastronómicas.

Pois, mas quem descesse da Medideira para o Palco e não parasse logo no Porto, havia de chegar ao pavilhão de Aveiro, um espaço de paredes brancas que, do lado onde decorriam os grandes espectáculos, anunciava «o sonho na Festa». Uma das paredes brancas foi preenchida com grandes fotografias, de momentos marcantes da actividade do PCP no distrito. Havia ovos moles, sim senhor, mas o prato forte era mesmo o leitão da Bairrada, na companhia do respectivo espumante.

Na esquina oposta, Santarém colocou versos de Ary, da «Bandeira Comunista». Uma parede negra oferecia o contraste para anunciar a ementa da Tasquinha Ribatejana, com a inevitável sopa de pedra e outras alternativas, doces e vinhos. Nas paredes do restaurante os comunistas escalabitanos penduraram versos de José Gomes Ferreira e Vinicius de Moraes.

Mesmo ao lado de Santarém fica o Algarve, que também confronta com Lisboa. Aqui há cheiro de mariscos, sabores de amêndoa, figos e aguardente de medronho,



Lisboa



Viseu



No Espaço da Criança, difícil só era a escolha



Deficientes, com méritos e direitos



Ponto de Encontro, debate e afirmação



Emigrantes, mas presentes

tudo para provar e levar em alforjas de empreita. Seis painéis em plano inclinado mostram fotos de trabalho e apresentam as reivindicações e propostas do PCP para o turismo, a agricultura, as pescas, a indústria... Oh! Estamos na avenida que vem da Praça Central e, do outro lado, frente ao Algarve, estão as Beiras - o tal sítio onde no domingo de manhã houve um encontro de conterrâneos...

Guarda e Castelo Branco, num espaço conjunto, exibem uma grande tapeçaria, queijos, enchidos e vinho, convidam para a neve, acenam com a fruta da Cova da Beira. Na parede de topo do restaurante são lembradas as jornadas parlamentares do Partido na Covilhã, em Junho, e outros momentos de uma actividade desenvolvida para «esclarecer, lutar, avançar».



Todos os trabalhadores, todos iguais



Braga



Viana do Castelo



Bragança

Em vermelho e amarelo, **Viseu** fornece rancho no restaurante, vinhos do Dão, castanhas de ovos e outros doces, uma tão pequena como rica lojinha de artesanato.

Deixamos a cidade da Juventude, que dessa «região» outros falarão, e subimos um pouco até **Setúbal**, que ao Tejo, ao Sado e ao Atlântico foi buscar os tons de azul que dominam o

espaço da organização regional do PCP na Festa. Desde os tubos de ar, onde quase que pairam as letras que identificam a área, até ao Palco Novos Valores, no outro extremo, estendem-se placards que contam «Por que lutam os comunistas», hoje como desde há 81 anos. Também aqui se nota forte presença de fotografias, da poesia – Brecht e Neruda sobressaem – e do jornal que

dá nome à Festa do *Avante!*. Alcochete trouxe para a Festa a campanha de fundos concelhia para a reconstrução do centro de trabalho do PCP.

Entre os bolos e licores caseiros, as tortas de Azeitão, o moscatel, e a churrasqueira, reinam os sons que vêm do espaço de animação musical e as enormes andas de jovens que do alto surpreendiam e provocavam os visitantes.



Madeira

Pronto, reconhecamos o que tantos que lá estiveram sabem: a maior afluência ia para o choco (frito ou à seixalense) e para a marisqueira, sem deixar atrás a massada de cherne, todos com direito a espaços próprios.

Pronto, estamos na Praça Central da Festa! Com tanta coisa de que não falámos no relato desta «volta a Portugal» em menos de três dias, o melhor mesmo é convidar desde já o leitor a preparar-se para a próxima, daqui por um

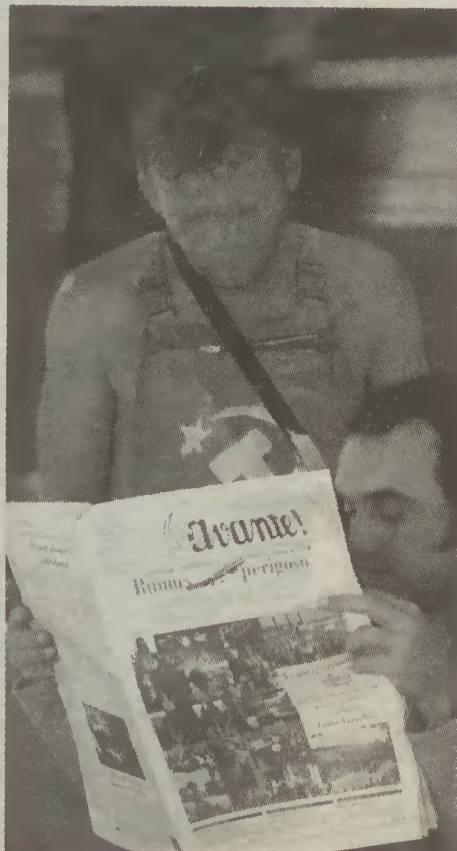
ano. Até lá, pode saber notícias do que se faz nas organizações regionais do Partido todas as quintas-feiras, nas nossas páginas. Olha, afinal são dois convites: até prá semana, no *Avante!*, e até pró ano, na Festa!



Guarda e Castelo Branco



Vila Real



O *Avante!* estava à venda em vários locais. Muitos visitantes não esperaram pelo regresso a casa para o ler.



● Gustavo Carneiro

Espaço da Juventude

Paixão de transformar

O sétimo Congresso da JCP, que se realiza nos próximos dias 2 e 3 de Novembro, esteve em destaque no Espaço da Juventude da Festa do Avante!.

Conhecido como um espaço de criatividade e intervenção, a Cidade da Juventude não deixou os créditos por mãos alheias nesta edição da Festa do Avante!. Sempre muito animada, a cidade construída

do primeiro tubo ao último retorque por jovens militantes ou simpatizantes da JCP transpirava ideal e reivindicação.

À entrada, uma faixa com o lema do Congresso, «Trans-

formar é possível», dava as boas vindas aos visitantes que nela optavam por ficar. E foram muitos, a qualquer hora do dia. A exposição política, também à entrada da Cidade, dava a conhecer o Congresso e as suas características. «O Congresso é... ideal», lê-se na legenda do primeiro painel, que encimava uma fotografia de dois jovens com uma imagem do dirigente da revo-

lução de Outubro, Vladimir Lênine. De resto, o Congresso é mais do que isso. É luta, debate, solidariedade, convívio, considera a JCP.

O órgão máximo da JCP também merece lugar destacado no jornal da organização, o AGIT, que esgotou. Nas suas páginas, e para além do Congresso, contém uma entrevista com David Velásquez, secretário-geral da Juventude Comunista Venezuelana, há diversas peças sobre a actividade de Verão da JCP e a preparação do início do novo ano lectivo. Os ataques do Governo da direita aos direitos e interesses dos jovens e a evocação do centenário do nascimento de Bento Gonçalves, antigo secretário-geral do PCP, são mais dois dos temas abordados no número 59 do AGIT.

Mal a Festa tinha aberto e já muitos jovens – e outros não tão jovens – usavam alguns dos materiais que a JCP tinha à disposição na banca, nomeadamente a

camisola, vermelha ou preta, com o rosto de Lênine e a inscrição «Gente de classe», numa alusão marcadamente ideológica às características fundamentais dos comunistas. Outra camisola, com uma estampagem de um cartaz de propaganda soviético, comemorava o 85.º aniversário da primeira revolução socialista triunfante, na Rússia, em 1917. Também era possível adquirir na banca muitos outros materiais, como isqueiros, lápis ou CD's de música revolucionária nacional e internacional. A camisola da campanha de solidariedade com a Palestina estava igualmente à venda na banca da JCP, tal como em vários outros espaços da Festa.

Uma expressão variada

O espaço multiusos foi novamente palco de um diversificado programa político e cultural. Dos três deba-

tes previstos, realizaram-se apenas dois, já que o terceiro estava marcado para a tarde de domingo, marcada esta pela forte chuva que caiu. No debate da tarde de sábado, «A cantiga é uma arma», discutiu-se a questão da música enquanto forma privilegiada de intervenção social e denúncia das injustiças. Constando com a presença de Fausto Neves, Manuel Pires da Rocha, violinista da Brigada Victor Jara, e do jovem músico Filipe Narciso, o debate terminaria com a conclusão de que a cantiga é sempre uma arma, mas que pode estar apontada em diversas direcções. No fim de tarde de sábado a deputada Odete Santos, a dirigente da JCP, Célia Violante e António Serzedelo, presidente da associação Opus Gay, debateram os direitos sexuais e reprodutivos, numa discussão animada que contou com a participação de vários assistentes.

Mas nem só de debates viveu o espaço multiusos. A poesia, com os Vozes da Rua, um grupo informal que nasceu do gosto pela poesia e do prazer de declamar, teve o seu momento, com Ary dos Santos, Eugénio de Andrade e António Gedeão a serem os autores preferidos, sobretudo os seus poemas que falam do sofrimento e luta dos homens contra a opressão e a injustiça. A projecção de filmes – «Tempos modernos», de Charles Chaplin, e «Couraço do Potemkine», de Sergei Eisenstein – e de slides, dedicados ao tema «JCP, uma vida de luta», uma demonstração de capoeira, karaoke, o teatro com os JCP e VCF, com a participação de Sérgio Ribeiro, e um magnífico espectáculo de percussão, com o grupo Art Lier foram outras das utilidades do espaço multiusos, que teve uma constante e elevada presença de jovens durante toda a Festa.

Ali ao lado, no Espaço Internet, era possível aceder às páginas digitais da JCP, do PCP e do Avante!, bem como da Federação Mundial da Juventude Democrática, da qual a JCP faz parte.



Abrir portas para o futuro

O Palco Novos Valores é já um espaço de esperança para muitas jovens bandas portuguesas, que anualmente concorrem aos concursos que a JCP promove em todo o País e que têm como prémio a participação na Festa do Avante!. Deste palco nasceram já promissoras carreiras. Basta dizer que bandas que actuaram neste palanque estavam, passado pouco tempo, no grande palco 25 de Abril. Assim aconteceu com os The Guests, com os Yellow W Van e com muitos outros que hoje se deparam com um considerável sucesso comercial e que tiveram como primeiros grandes concertos as suas participações na Festa da Quinta da Atalaia.

Devido à forte chuva que se fez sentir no domingo e aos problemas daí decorrentes, não actuaram quatro das bandas que estavam previstas, tendo o último dia da Festa ficado reduzido à participação dos Seven Stitches, banda do Litoral Alentejano. No dia anterior, actuaram todas as que estavam previstas: os Split Shit Monkey, os Fearsome, os 4 Lil Devils, os Hoax, os Brainwashed by Amália, os Sterling Moving Company, os Ho Chi Mihn, os Chullage e os The Man Said. Na sexta-feira, Innocent Puppets, Izumi, Hyubris, Reacções Verbais e O Meu Tio Bill preencheram o cartaz. Todos estes concertos contaram com pequenas multidões a assistir, muitos em busca de novas sonoridades e outros em apoio das bandas suas conhecidas. O hip-hop e o hard-core foram os estilos mais em destaque neste palco, onde muitos deram – e darão – os seus primeiros concertos «a sério».



Por toda a Festa, brigadas de jovens comunistas vendiam o seu jornal, o AGIT, aos igualmente jovens visitantes



A chuva não demoveu os jovens de viverem intensamente a Festa



Chuva revelou determinação dos jovens comunistas

Uma «trágica» beleza

Há coisas que não vêm nada a calhar. A forte chuva que caiu sobre a Quinta da Atalaia na tarde de domingo foi uma delas. Mas serviu para provar que é nas alturas mais difíceis que muitas vezes se revelam as melhores capacidades e características humanas.

Pouco passava das duas da tarde quando os primeiros pingos caíram do céu, longe ainda de assustar os que se começavam a juntar no espaço da JCP, depois de uma longa e fantástica noite passada ao ritmo e palavras do cantor brasileiro Gabriel, o Pensador e de uma madrugada – e, em alguns casos, manhã – de pesado

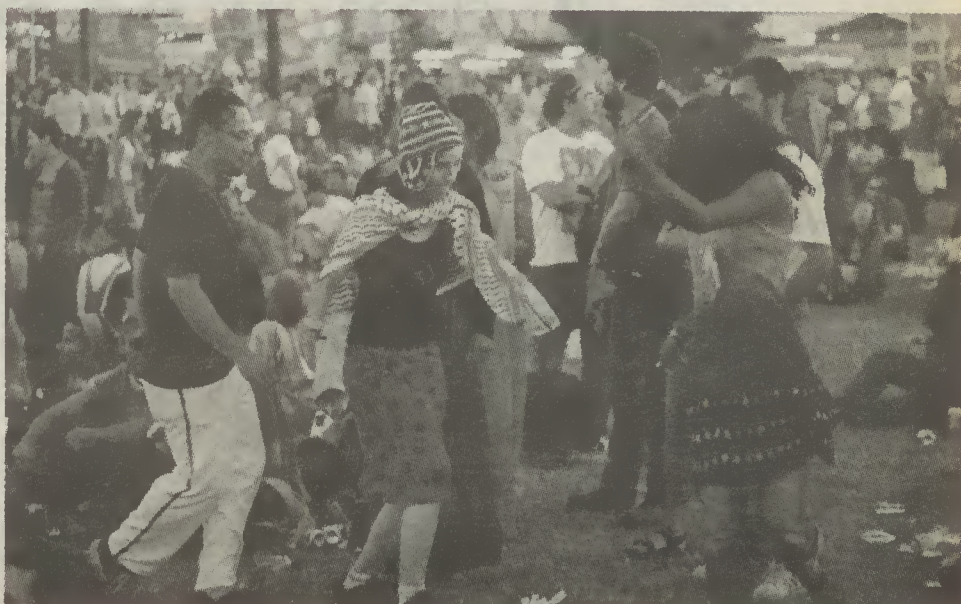
ram daquela um insignificante pormenor. De todo o lado saíram jovens em direcção ao relvado do palco, onde saltaram e dançaram energicamente fazendo da chuva cada vez mais forte que caía um tónico de alegria. Finda a dança, muitos voltaram aos seus abrigos. Chovia mais do que nunca.

sol que da chuva. Rapidamente se organizou uma distribuição de sacos azuis de plástico que os jovens utilizaram como capas impermeáveis.

Nada pára os comunistas

Acalmados os ânimos, depois de protegidos materiais e visitantes – todos e não apenas os militantes comunistas, diga-se – começaram as primeiras interrogações: «e o comércio?» A resposta viria pouco depois, perto das quatro horas da tarde, através dos altifalantes espalhados pela Quinta da Atalaia: o grande momento político da Festa realizar-se-ia no Auditório 1.º de Maio, anunciava-se alto e bom som. A exaltação tomou conta do Espaço da JCP: «Chuva fascista não pára comunista», entoavam os jovens ao mesmo tempo que se iniciava a distribuição de bandeiras da JCP e se passava a boa nova um pouco por toda a parte. Depois de reuniões várias dezenas de jovens militantes comunistas, começou a marcha em direcção ao auditório que, por onde passava, devolvia algum do alento perdido com a intempérie. A chuva abrandava e o desfile percorria a Festa. «JCP, juventude do PC» e «Mesmo à chuva, a luta continua» eram as frases mais ouvidas.

Depois do extraordinário comércio, a agitação voltou à Cidade da Juventude. Já sem



o som do palco Novos Valores, encerrado devido a problemas eléctricos relacionados com a chuva, foi improvisado um bar com música ambiente no Espaço Multiusos. Quando os altifalantes tocavam a última «Carvalhesa» da Festa, para a qual normalmente se utiliza o potente som do Palco 25 de Abril, entretanto desactivado, novamente se rumou ao recinto do

palco, onde a música era dificilmente perceptível. Ainda assim, dançou-se e pulou-se, como se a música fosse audível, e milhares olharam extasiados o magnífico espectáculo de fogo de artifício. A última «Carvalhesa» é a mais intensa e a Festa encerra no relvado do palco. É esta a tradição. Ficou provado que nada nem ninguém a pode alterar. Nem a chuva.

Encerrada a Festa, e apesar dos constantes apelos para os visitantes abandonarem o recinto de modo a que se iniciassem de imediato os trabalhos de desimplantação e limpeza, muitos foram ficando no Espaço da Juventude – entretanto fechado e a ser desmantelado – e um pouco por todo o recinto, até depois das duas da manhã, a provar que a Festa vive para além da música.

«Boa tarde, podemos falar um bocadinho com vocês?»

Realizadas anualmente, as Brigadas de Contacto já se transformaram numa das mais famosas iniciativas da JCP na Festa do Avante!. Compostas por pequenos grupos de militantes, funcionaram nos três dias da Festa.

Reunidos às duas da tarde de domingo na Cidade da Juventude, os jovens brigadistas dividiram-se em pequenos grupos, entre quatro e cinco pessoas, tendo a cada uma das brigadas sido atribuído um espaço da Festa. A brigada da Ana, do Marco, da Sofia, da Catarina e da Dinamene, que o Avante! seguiu, coube a zona do Pavilhão Central. Chegadas ao espaço atribuído, repararam em três jovens que descansavam e aproximam-se deles. Coube a Ana a abordagem: «Boa tarde, podemos falar um bocadinho com vocês?» A resposta afirmativa, explicaram ao que vinham: «Nós somos uma brigada de contacto da JCP e estamos a falar com os visitantes da Festa sobre o nosso ideal e as nossas propostas», esclareceu o Marco.

Em seguida, os jovens brigadistas informaram que a JCP realizaria o seu sétimo Congresso em Novembro, e que o trabalho

de preparação havia já começado, pois para a JCP «os Congressos duram meses e são de todos os militantes da organização». A seguir à conversa sobre organização, sempre com um intenso diálogo, seguiu-se o debate sobre temas mais gerais, com um dos jovens abordados a colocar as suas dúvidas, inquietações, concordâncias e, também, algumas discordâncias.

Em seguida, a conversa voltou-se para a situação internacional, quer para os perigos da guerra que se prepara quer para os países que actualmente constroem o socialismo, como a China e Cuba, com o jovem a fazer diversas perguntas, prontamente respondidas pelos militantes comunistas.

De repente, ainda a conversa prometia ir no início, quando a chuva obrigou à interrupção. Ao contrário de muitas outras, esta abordagem não terminou em novas inscrições para a organização, mas garantiu mais duas assinaturas para o abaixo-assinado que exige a reposição do crédito bonificado à habitação. Uma jovem que ia no grupo não assinou: «Já assinei na minha terra, Alhos Vedros», garantiu.

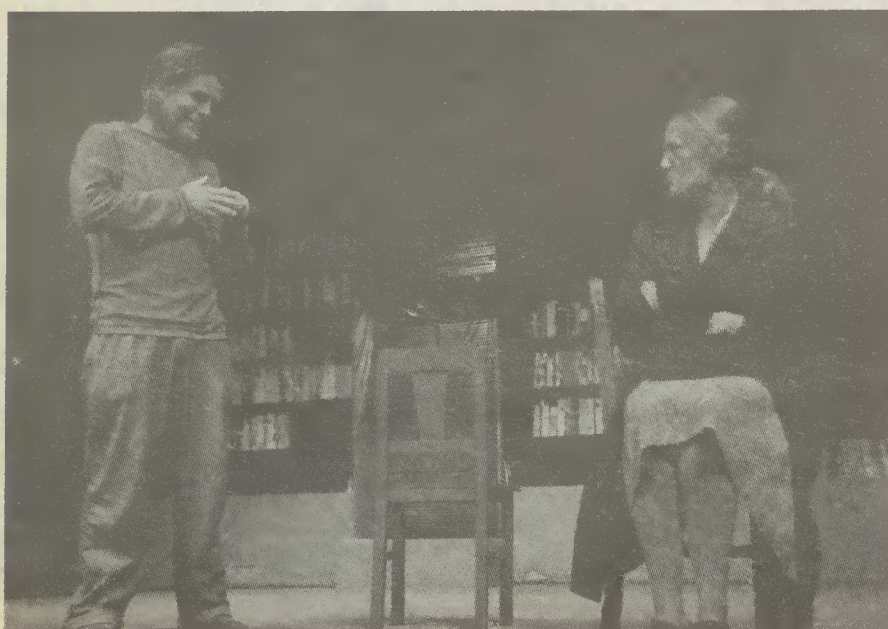


sono, que nem a constante agitação conseguiu perturbar.

Mas a chuva não tardou a aumentar e muitos procuravam abrigo onde podiam: nos espaços cobertos ou debaixo das mesas. A chuva caía mais intensamente e apenas os primeiros acordes da «Carvalhesa», tocada para anunciar o início dos espectáculos no palco 25 de Abril – que nunca se chegaram a realizar –, fize-

Na Cidade da Juventude, ao mesmo tempo que muitos dançavam a «Carvalhesa», reinava a agitação. Havia que cobrir com plástico tudo o que pudesse ficar estragado com a água: caixas registadoras, computadores, jornais e documentos, materiais de banca. Terminada essa tarefa, urgia proteger as pessoas que se abrigavam sob os toldos, preparados para proteger mais do

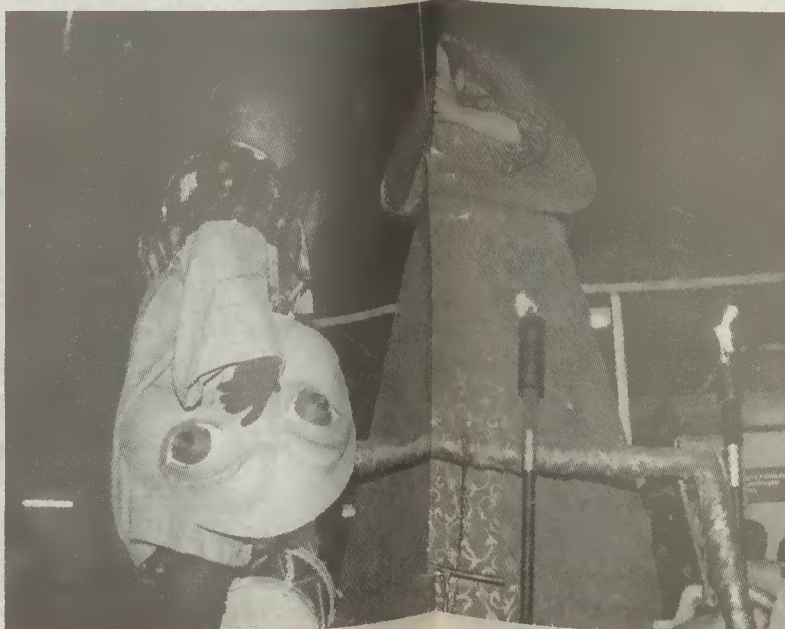




«Combustíveis», pela companhia «Efémero»



«Alma Grande», a partir de um conto de Miguel Torga pel'«O Bando»



«Romagem de Agravados», de Gil Vicente pelos «Criadores de Imagens»

• Isabel Araújo Branco

Avante! Teatro

A dança no papel principal

A Nova Dança Portuguesa deu-se a conhecer ao público da Quinta da Atalaia. Espectáculos como «Alma Grande» ou «Poesia Ary dos Santos» obtiveram grande êxito.

A Nova Dança Portuguesa esteve em destaque no Avante-teatro com um debate e dois espectáculos. O objectivo deste movimento — como explicou no debate Ezequiel Santos, membro do Fórum Dança — é romper com o paradigma da dança, quebrar a barreira entre bailarinos e público e tratar de questões actuais como a guerra, o papel da mulher ou o racismo. E, se o espectador não entender, pode entrar em diálogo com o artista.

Foi o que aconteceu no noite de sábado com *Live*, de Amélia Bentes, onde a plasticidade do corpo e a cadência dos movimentos da bailarina acompanhavam de forma improvisada a música produzida em palco por um baterista.

O que sou não fui sozinho, de João Fiadeiro, é outro exemplo. No debate, este bailarino e coreógrafo revelou que o que o move enquanto cidadão e artista é aprofundar a sua compreensão da sociedade. Daí questionar a realidade que o rodeia através da dança. «Os códigos não são os mais evidentes, mas se o público se deixar levar descobre propostas e mensagens», referiu, acrescentando que usa os elementos normais do dia-a-dia para propor «uma



«O que sou não fui sozinho», de João Fiadeiro

página em branco de forma a que o espectador escreva o livro».

«A dúvida é o que nos faz continuar a agir», defendeu João Fiadeiro. «Partilhamo-la com o público e não a certeza, como se fôssemos seres iluminados que tudo sabem. O que me move é o que não sei. De outra maneira não poderia ser artista.»

De facto, é o quotidiano que está presente em *O que sou não fui sozinho*. Três amigos vão conversando sobre os raciocínios que fazem e a relação que mantêm consigo próprios e com o mundo. Muitas vezes têm diálogos de surdos e conversas paralelas, marcadas pela instabilidade, por falta de sentido, pelo questionamento da realidade mediática e imediata. A dança surge como extensão de ideias e de movimentos tão comuns como arredar cadeiras ou dar murros na mesa.

O público também participa, dando a sua opinião, lançando palavras para o palco que depois são lá desenvolvidas. João Fiadeiro chega a oferecer o seu microfone, incentivando o diálogo. E há quem aproveite.

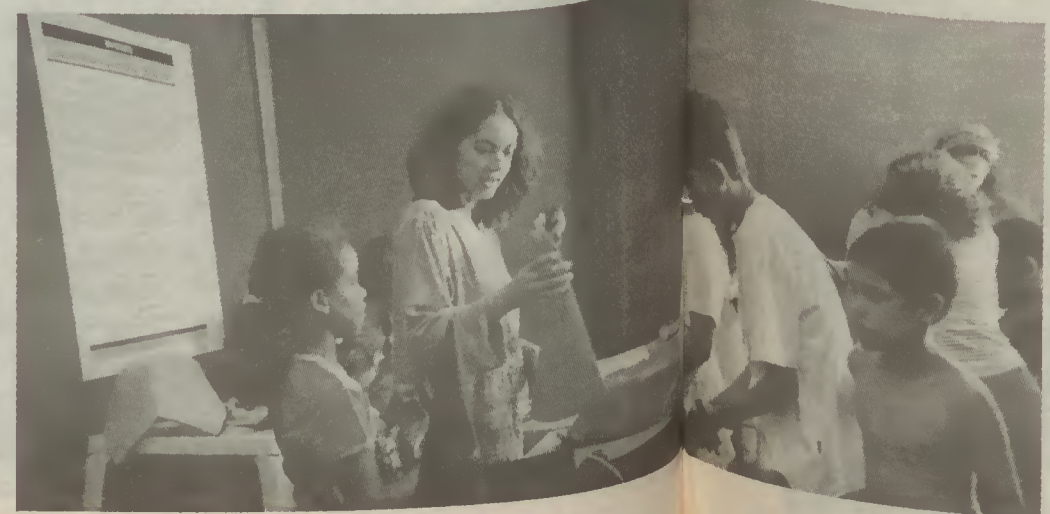
Muitas dificuldades

A tradição da dança em Portugal é antiga, mas a falta de apoios também. Esta situação reflecte-se inevitavel-

mente na formação e na divulgação desta forma de arte, como sublinhou Ezequiel Santos. Mas os problemas da Nova Dança Portuguesa não se ficam por aqui: há falta de espaços; o ensino não está actualizado; o poder central demite-se da responsabilidade de fazer uma aposta coerente a longo prazo; e não existe um estatuto social e profissional do bailarino e coreógrafo, o que faz com que, por exemplo, descontem mensalmente para a segurança social mas não tenham direito a receber subsídio de desemprego.

No entanto, os bailarinos e coreógrafos não baixam os braços. Aliás, isso foi pedido pelo público que assistia ao debate, salientando a importância do seu trabalho e da sua perseverança.

Ateliers de expressão plástica para crianças



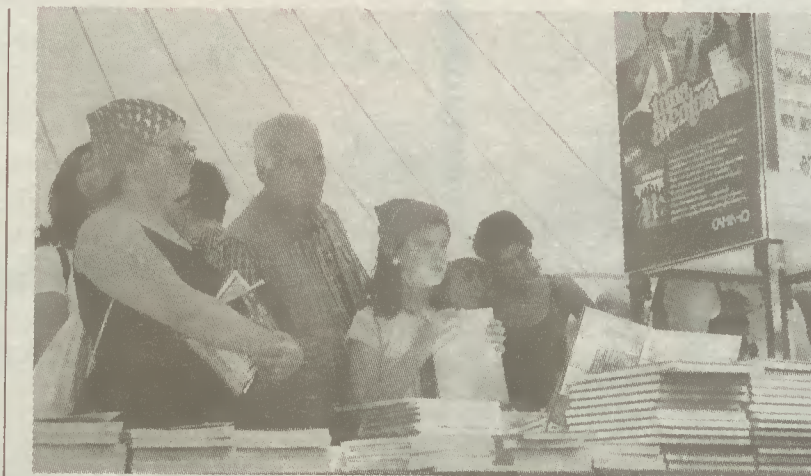
Muitas peças, muita gente

A estreia de «Poesia Ary dos Santos», pelo «Teatro de Papel», estava marcada para as nove e meia da noite de domingo. Meia hora antes a fila para assistir estendia-se por algumas dezenas de metros e entrava largamente pelo Espaço Internacional. Nem todos conseguiram entrar no auditório do Avante-teatro, mas quem viu não deu por mal empregar o tempo de espera.

Yolanda Alves declamou poemas de Ary, acompanhada por vídeos de Bruno Gonçalves que mostravam Lisboa, a Rua da Saudade (onde o poeta morava) e o Bairro Alto (já não o que frequentou, mas o actual). Ary estava presente nas pessoas que passavam, quase todas usando uma máscara com uma foto sua.

A actriz interpretou a poesia, muito aplaudida pelo público, que, no final, chegou a completar as suas palavras: «Poeta castrado, não!».

De destacar ainda a peça «Alma Grande» (apresentada pel'«O Bando» a partir de um conto de Miguel Torga, que nas noites de sexta-feira e sábado lotou o recinto exterior do Avante-teatro e encantou centenas de pessoas), «Romagem de Agravados» (outro espectáculo de rua, este de autoria de Gil Vicente e interpretado pelos «Criadores de Imagens»), «Combustíveis» (pela companhia «Efémero») e a música de «Louro e Lima».



Espaço do Livro

À descoberta do mundo da literatura

Há calor, há chuva e o espaço do Livro está sempre cheio. Para aproveitar as pechinchas nas mesas dos saldos, para comprar as novidades, para pedir autógrafos e, se a timidez não atacar, trocar umas palavrinhas com os autores que andam por ali a mostrar que são de carne e osso.

Outra atracção é o lançamento de livros. Este ano, foram oito as novas obras apresentadas na Atalaia. Talvez a apresentação mais concorrida tivesse sido a de «Argamassa de Poemas», que apresenta um conjunto de poemas seleccionados por Odete Santos e por ela comentados. A deputada comunista falou e declamou, emocionada do princípio ao fim.

estar presente na Atalaia, Francisco Melo, da Editorial Caminho, leu um texto escrito por Álvaro Cunhal especialmente para a Festa, onde explica as circunstâncias em que fez a tradução de *O Rei Lear*.

«Encontrava-me em completo isolamento numa cela da Penitenciária de Lisboa, onde, num tal regime, passei oito anos. Até ao meu julgamento, cerca de ano e meio após ser

um volume existente em casa de meus pais com as obras dramáticas completas de William Shakespeare. E pedi a minha irmã, então sócia da biblioteca do Instituto Britânico, que — como sabia ser permitido levantar livros para leitura domiciliária — me obtivesse dicionários e materiais especializados ingleses relativos à obra de William Shakespeare e mos levasse à Penitenciária. Foi assim que obtive os elementos necessários para, com muito trabalho, realizar a tradução de *O Rei Lear* agora editada», lembra.

Álvaro Cunhal acrescenta que este livro «é um exemplo da fusão da criatividade popular com a obra de um grande escritor. A história de *O Rei Lear* era uma história tradicional e lendária tida como imemorial. Era contada e escrita através dos anos, mas foi Shakespeare, com o seu talento único, que traduziu essa lenda numa obra imorredoura, que expressa, numa visão da sua época, os mais profundos e contraditórios sentimentos humanos».

O Caminho das Aves

Um dos objectivos de José Casanova ao escrever «O Caminho das Aves» foi levar a que as pessoas que protagonizaram o combate à ditadura sentissem que estavam a ler pedaços de si próprios. Isto mesmo foi explicado pelo autor na apresentação do livro, acrescentando que a obra é feita de personagens ficcionadas que vivem a História construindo as suas próprias histórias.

No essencial, trata-se de um romance de amizade, segundo José Casanova. «Ser amigo é entregar tudo o que se tem sem exigências de contrapartidas», afirmou. Inevitavelmente a narrativa está ligada ao PCP, dado que a presença do Partido é incontornável no contexto da luta antifascista. Mas o livro relaciona-se com o PCP também pelos valores de que trata. A amizade, mas também a lealdade, a justiça e a solidariedade, todos eles presentes no Partido. «A força do PCP está em parte nesses valores. Se fossem afastados, o Partido passaria a ser outra coisa. A amizade é um

elo fundamental para termos força e continuarmos esta luta até ao fim. A derrota seria baixar os braços e abandonar a luta», declarou o director do Avante!

Antes, Filipe Leandro Martins fez uma análise do livro sublinhando que este usa como matéria-prima a memória de uma geração, fazendo a ponte com o presente e constituindo uma via para o futuro. Referindo a verosimilhança das personagens, da narrativa e dos locais, o escritor e jornalista manifestou a sua convicção de que «O Caminho das Aves» vai ter tanto sucesso junto dos mais velhos como dos mais novos, «tal a força dos valores que aqui se expõem e cuja vigorosa narração os transporta aos tempos difíceis que vivemos».

«É um livro escrito em aventura. Explico: sem paragens para respirar, lançamo-nos na aventura geral protagonizada por esta geração», declarou Leandro Martins. E deu um conselho: «Respirem fundo primeiro. É que aposto que vão comover-se com esta gente viva.»

• IAB



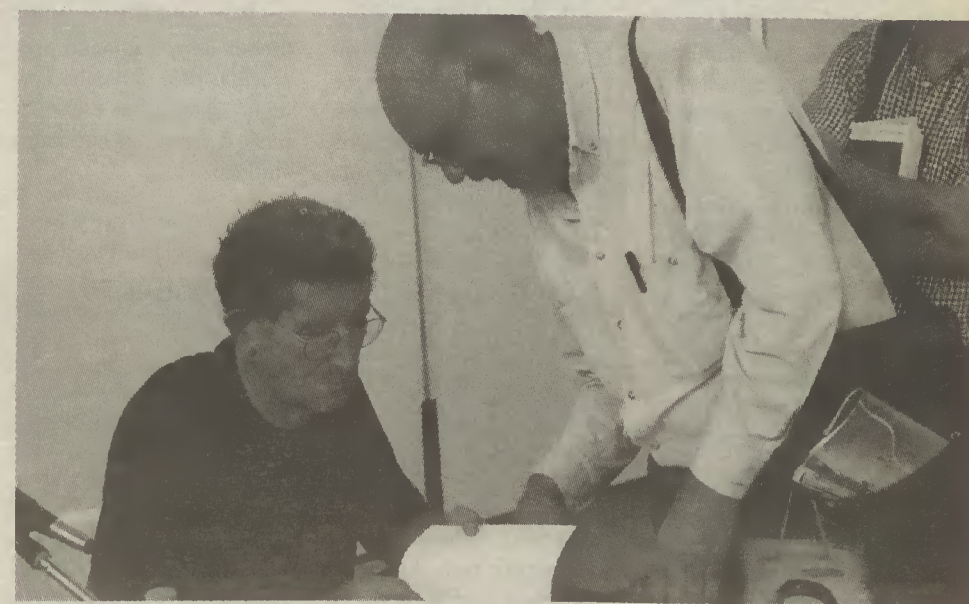
A edição — cuja capa apresenta um desenho da autoria de Álvaro Cunhal — inclui um CD com poemas declamados por Odete Santos. Manuel da Fonseca, Ary dos Santos, Sidónio Muralha, Cesário Verde, António Gedeão, Miguel Torga, José Gomes Ferreira e Jorge de Sena foram alguns dos poetas escolhidos pela deputada. A avaliar pela reacção entusiástica dos visitantes da Festa que assistiram à sessão de lançamento, o livro será um sucesso.

O Rei Lear

A edição de *O Rei Lear*, de Shakespeare e traduzida por Álvaro Cunhal sob pseudónimo, foi um dos livros mais vendidos na Festa. No seu lançamento e devido à impossibilidade de Luís de Sousa Rebelo

preso, o regime era não só de total isolamento mas de proibição absoluta de receber qualquer livro, qualquer material de escrita, qualquer papel que não fossem os bocados de páginas de anúncios de jornais que um agente da Pide, colocado à porta da cela e sucessivamente substituído, me entregava para efeitos de higiene. A avaliar pela reacção entusiástica dos visitantes da Festa que assistiram à sessão de lançamento, o livro será um sucesso.

«Depois do meu julgamento e condenação, a Pide abandonou a sua instalação à porta da cela, passei a poder receber material de escrita, cuidadosamente controlado pelo chefe dos guardas, e livros, com excepção de livros marxistas ou outros visando assuntos políticos. Passei a ter visitas e pedi à minha família que me levasse, entre outros livros,



José Casanova depois da apresentação do seu livro, «O Caminho das Aves»



«O Tempo e o Espaço em que Vivi» é um roteiro da vida cultural, social e política de Portugal e de outros países, nomeadamente do Brasil», afirmou Domingos Abrantes na apresentação deste livro de Miguel Urbano Rodrigues



«Louro e Lima»: música de André Louro e João Lima



• Miguel Inácio

A luta é o caminho

A guerra, as medidas repressivas-pós 11 de Setembro e a brutal ofensiva imperialista, foram os temas debatidos no Espaço Internacional. A solidariedade com a Palestina foi um elemento incontornável durante os três dias da Festa.

O monumento à Palestina, tão belo e comovente, foi ponto de paragem obrigatório dos visitantes da Festa. Com um monte de pedras, um monte de areia e um «lenço à Arafat», o escultor Rogério Ribeiro conseguiu transmitir a mensagem que traduz toda a história dos palestinianos: a luta de um povo pelo direito inalienável à sua pátria livre e independente.

A palavra de ordem que acompanhava o monumento fala por si: «Em nome de todas

as pedras da tua pequena casa resiste... resiste...»

E porque resistir significa lutar, a homenagem à Palestina acabou por ser uma verdadeira porta de entrada para o espaço da Cidade Internacional, que é como quem diz um convite à reflexão sobre o que se passa no mundo e um apelo à solidariedade com os povos em luta por uma sociedade mais justa.

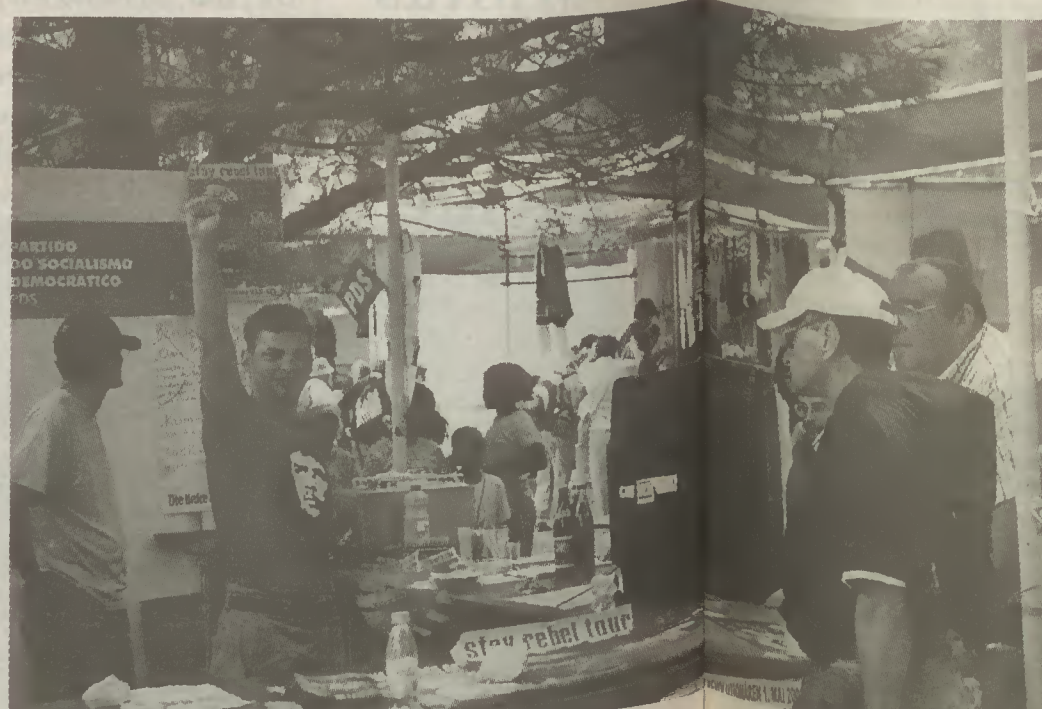
Um painel gigante dava conta que os EUA gastam 1.000.000.000 de dólares por dia em despesas militares,

enquanto 1.200.000.000 de pessoas vivem com menos de 1 dólar por dia. Esta brutal realidade mostra com são de uma actualidade gritante as palavras de Lenine, evocadas no nosso painel, afirmando que «os operários (...) compreenderão as tarefas que lhes cabem agora de libertar a humanidade dos horrores da guerra e das suas consequências...».

E lá estavam os stands dos diferentes países, de Cuba ao Brasil, da França à Grécia, da Rússia a Cabo Verde, da Alemanha a Timor, da Coreia do Norte à China, entre tantos outros, lembrando que o mundo não começa nem acaba em Washington, que milhões de pessoas em todo o mundo vivem e lutam pela democra-

cia, pela paz, pelo socialismo. Mensagens políticas e produtos regionais misturavam-se nas bancas, oferecendo aos visitantes alimento do espírito e do corpo. Quem passou por lá, e muitos foram, levou para casa muito mais do que recordações; levou motivos de reflexão que um dia, estamos certos, vão amadurecer na vontade de intervir, e a consciência de que mesmo o mais pequeno gesto de solidariedade vai frutificar num qualquer lugar deste nosso planeta.

É nestes pequenos passos que se traça o rumo que escolhemos. Como se lembrava num dos painéis espalhados pelo espaço internacional, «o capitalismo não é o fim da História, a luta é o caminho!».



Debates internacionais Solidários com o povo da Palestina

«Palestina vencerá.» Foi com estas palavras que Manuela Bernardino, membro da Comissão Central de Controlo do Comité Central e da Secção Internacional do PCP, iniciou, sábado, sob uma forte salva de palmas, o debate «Solidários com o povo da Palestina».

No encontro estiveram presentes, António Filipe, membro do Comité Central do PCP e deputado à Assembleia da República, Margarida Botelho, membro do Comité Central do PCP e da Direcção da JCP, Hanan Awad, da OLP, representantes da Frente Democrática de Libertação da Palestina e da Frente Popular de Libertação Nacional, e Issam Bisseisso, Representante da Autoridade Palestiniana em Portugal. «Não é por acaso que este é o primeiro debate interna-

cional na Festa do Avante!. Esta campanha de solidariedade com a Palestina tem por objectivo, para além da solidariedade política, contribuir materialmente através da aquisição de cartazes, folhetos e materiais próprios, para minimizar as difíceis condições de vida e de luta do povo palestiniano», disse Manuela Bernardino.

Na sua intervenção, Hanan Awad agradeceu, em nome de Yasser Arafat e do povo palestiniano, «a oportunidade concedida à OLP de estar na Festa do Avante!, assim como as posições de apoio, por parte do PCP, ao povo palestiniano».

No final, António Filipe e Margarida Botelho - que estiveram na Palestina no início deste ano - testemunharam o cerco, por parte das tropas israelitas, a

Ramallah e à casa de Yasser Arafat, os assassinatos selectivos e de toda a escalada agressiva que suscitou em Portugal várias manifestações de indignação promovidas pelo Conselho Português para a Paz e Cooperação e por várias entidades sindicais.

Guerra e a globalização capitalista

A história da evolução da humanidade, nomeadamente no século XX tem mostrado que os processos de internacionalização da exploração capitalista estão intimamente ligados à guerra e ao militarismo. Hoje, vivemos situações similares às que já se viveram no passado. O mundo encontra-se numa

profunda crise económica e financeira e relacionado com isto assistimos a um crescimento da escalada militar e imperialista. Foi sobre isto que Ângelo Alves, da Secção Internacional do PCP, Ilda Figueiredo, deputada no Parlamento Europeu pelo PCP, Florival Lança, membro da Comissão Executiva da CGTP/IN, e Miguel Urbano Rodrigues, jornalista e escritor, se propuseram falar no segundo debate do Espaço Internacional.

Gerações de luta pela paz

Nem mesmo a chuva demoveu as largas dezenas de pessoas que quiseram assistir ao último debate internacional da Festa do Avante!. «Gerações de luta

pela paz» foi o tema que Domingos Lopes, membro da Secção Internacional do PCP, Filipe Andrade, membro da Direcção Geral da JCP, José Martins, membro do Comité Central do PCP, Margarida Tengarrinha, pintora e membro da DORLALGARVE do PCP, Sérgio Ribeiro, economista e membro do Comité Central do PCP, e Silas Cerqueira, professor universitário e investigador e membro da Comissão de Assuntos Económicos do PCP, debateram no Espaço Internacional.

«Neste momento, os EUA preparam-se para atacar o Iraque. A juventude tem que lutar pela paz porque é o seu futuro que está em jogo», afirmou Margarida Tengarrinha, no início do debate.

Por seu lado, Silas Cerqueira lembrou que «os paí-

ses sempre desejaram a paz, contudo sempre tiveram a guerra». «No caso de Portugal, a luta pela paz e contra a guerra colonial foi um momento precioso na história das gerações da paz.»

Sérgio Ribeiro concentrou-se no período entre 1965 e 1975, referindo-se à segurança e cooperação europeias. «Esta iniciativa resulta do movimento das classes operárias e dos Estados que procuravam uma sociedade diferente. Nesta altura houve milhares de manifestações por parte dos partidos comunistas, acompanhados dos movimentos da opinião pública. Apesar das dificuldades, valeu a pena», concluiu.

No final, Domingos Lopes homenageou «todas as gerações, que ao lado do PCP, lutaram pela paz».

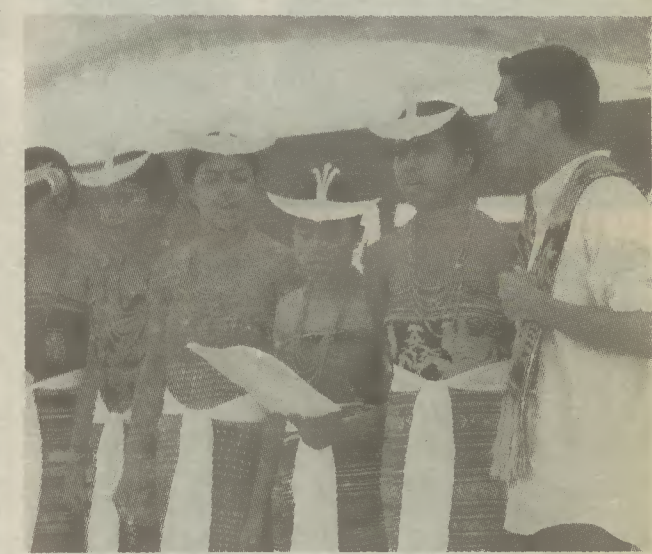


Delegações estrangeiras presentes na Festa

A Festa do Avante! contou, este ano, com a participação de quase meia centena de delegações estrangeiras, representando partidos comunistas e organizações progressistas de todo o mundo.

Foram as seguintes as delegações presentes: Alemanha - Partido Comunista Alemão (DKP) e Partido do Socialismo Democrático (PDS); Angola - MPLA; Bélgica - Partido Comunista e Partido do Trabalho; Bolívia - Partido Comunista; Brasil - Partido Comunista do Brasil, Partido dos Trabalhadores e Movimento dos Sem Terra; Bahrain - Frente de Libertação Nacional do

Elhanité; Grã-Bretanha - Partido Comunista Britânico; Grécia - Partido Comunista da Grécia; Hungria - Partido dos Trabalhadores da Hungria; Iraque - Partido Comunista do Iraque; Itália - Partido da Refundação Comunista; Japão - Partido Comunista Japonês; Marrocos - Partido da Vanguarda Democrática Socialista; México - Partido da Revolução Democrática; Moçambique - FRELIMO; Moldávia - Partido Comunista da República da Moldávia; Palestina - OLP, FDLP e FPLP; Peru - Partido Comunista Peruano; Rússia - Partido Comunista da Federação Russa; Sahara Ocidental - Frente Polisário; Sudão - Partido Comunista Sudão; Timor Leste - FRETLIN; Turquia - EMEP - Partido do Trabalho e Partido Comunista do Uruguai; Vietname - Partido Comunista do Vietname.



Música e alegria no Palco Internacional

O programa do Espaço Internacional, na Festa do Avante!, foi este ano inaugurado pelos Xarín, Gaiteiros do Início, um grupo de Danças e Cantares da Galiza. Composto por duas gaitas de foles, uma flauta, um acordeão, dois bombos e uma pandeireta, os Xarín proporcionaram aos visitantes daquele espaço a boa música galega. Durante o espectáculo, o público não se aguentou sentado e dançou sem parar.

Pedro e Flor, guitarra clássica e flauta transversal, respectivamente, foram os seguintes a subir ao palco. Os dois músicos tocaram e encantaram os presentes com um excepcional espectáculo de música clássica.

A finalizar a noite de sexta-feira, realizou-se no Palco Internacional um espectáculo de Músicas e Danças Europeias. Composto por cinco elementos, os Raposa Azul, um grupo de jovens músicos, rapazes e raparigas, deslumbraram as centenas de pessoas que assistiam ao concerto.

Mas afinal o que são as Músicas e Danças da Europa? Nada mais do que «danças comuns, que se dançavam ou dançam na Europa». Como explicou um dos elementos do grupo, tal como a valsa e a polca, entre outras. No final do espectáculo, o auditório aderiu ao convite dos Raposa Azul e dançou algumas das músicas interpretadas.

Sábado em Festa

Os SchalmeyenKapelle, banda tradicional de metais alemã, composta por 15 elementos, que toca música do movimento operário germânico e internacional, abriram no sábado o Palco Internacional da Festa. «Grândola Vila Morena», «Vencemos», a «Internacional» foram algumas das composições tocadas.

«Foi ao som dessas músicas que tiveram lugar as lutas populares travadas nas décadas de 20 e 30», explicou um dos elementos do grupo.

Mais tarde, o som de dezenas de tambores, caixas e bombos tocados por jovens músicos encheram as medidas às largas dezenas de pessoas que visitaram o Espaço Internacional. Os Tocá Rufar voltaram à Festa do Avante! para mais uma actuação de sucesso na sua carreira, cuja a longevidade e consistência surpreendentes são também exemplo e tema de reflexão sobre a necessidade da educação musical nas nossas escolas.

O projecto Tocá Rufar existe desde 1997 e foi criado a partir de um convite da Expo 98 para apresentar um espectáculo de percussão baseado na rítmica tradicional portuguesa. O facto é que a dinâmica criada a partir desta ideia ganhou vida muito para além da Expo, tendo então acolhido mais de 3 mil jovens, ao longo destes anos.

Depois do debate «Solidários com o povo da Palestina»

aconteceu, ao meio da tarde, um momento de poesia na Festa, realizado pelo Grupo de Poesia do Núcleo de Setúbal da Associação Amizade Portugal-Cuba. Centenas de pessoas assistiram entusiasmadamente, poema a poema, sempre com música clássica a acompanhar, o sarau realizado pelos sete jovens declamadores. Odele Santos, deputado do PCP na Assembleia da República, também participou neste extraordinário acontecimento cultural.

José Gomes, Egito Consalves, Adolfo Casais e João Apolinário foram alguns dos poetas proclamados.

Era já noite quando os Laika, grupo de música de intervenção grega, começaram o seu espectáculo. Acordeão, viola, guitarra (muito parecida com a portuguesa) e uma pandeireta foram os instrumentos tocados pelos quatro músicos gregos.

Sempre com a participação do público, que batia palmas ao ritmo da música, os jovens músicos alegraram por mais de uma hora, com o sua boa música e disposição, o Espaço Internacional da Festa.

De seguida foi a vez da brasileira Letícia Vasconcelos subir ao palco. Interpretando a música dos melhores autores brasileiros, Letícia Vasconcelos acompanhada por um violão, deixou o público maravilhado com a sua voz. «A moça é formidável», dizia um dos espectadores.

Francisco Villa, representante da chamada nova

trova chilena, finalizou os espectáculos de sábado.

Um sucesso internacional

Existem canções e danças tradicionais timorenses para os rituais nupciais, funerários e guerreiros. Existem outras para o trabalho agrícola: plantação ou debulha do arroz, moer o milho, transportar madeira e apanhar o marisco. Há ainda cantos de embalar e exprimir saudade. E foi isso que, no domingo, um grupo de jovens timorenses veio mostrar aos visitantes da Festa do Avante!.

Para expressar a sua arte musical, os músicos timorenses recorrem a variados instrumentos, sendo alguns deles bastante incomuns para um público ocidental. Há instrumentos de sopro: flautas variadas, búzios, entre outros. Os instrumentos de percussão também são utilizados: tambores, tambores e gongos, aqui acompanhados por violas.

No final da sua actuação, os jovens timorenses saudaram a Festa do Avante! e o Partido Comunista Português.

Filipe Narciso terminou, com a voz e guitarra, o programa do Palco Internacional da Festa do Avante! e trouxe, perante uma plateia de mais de duzentas pessoas, alguns dos mais belos temas da música popular portuguesa. Jorge Palma, os Resistência, Xutos e Pontapés e Sérgio Godinho foram alguns dos artistas evocados pelo cantor.

Domingo, pela manhã, teve lugar um encontro com as delegações estrangeiras na Festa, que contou com a presença e intervenção do secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, acompanhado de José Casanova, director do jornal Avante!, Ângelo Alves, da Secção Internacional e Virgílio Azevedo, do Secretariado da Comissão Política do PCP. As delegações presentes no encontro saudaram a Festa do Avante!, assim como quem a promoveu e realizou. Os partidos e delegações estrangeiros fizeram ainda breves declarações sobre as lutas travadas e conquistas alcançadas nos seus países

Três dias de desporto para todos os gostos

• José Augusto

Todos os anos a Festa do Avante! recebe milhares de atletas. Ao mesmo tempo, são cada vez mais os visitantes que não se limitam apenas a assistir, mas aceitam o convite que lhes é feito para participar nas várias modalidades presentes.

Dizia Carlos Arismendi, saudosos secretário-geral do Partido Comunista do Uruguai – e procuramos citar de memória –, que os comunistas são homens como os outros. Por conseguinte, estão agarrados a tudo que os liga à vida e à terra: gostam das canções e do vinho, gostam das mulheres e das crianças... Nós acrescentaríamos, com a certeza de que ele não nos levaria a mal, que os comunistas gostam também de desporto, no correcto entendimento de uma actividade onde ressalta, em altos valores, o espírito de solidariedade, companheirismo e convivência.

Podemos dizer que a Festa do Avante é a expressão completa de tudo o que acabámos de afirmar, o que explica também que o seu programa reserve um lugar muito especial às manifestações desportivas.

Quem deambulou pelo imenso espaço da Festa, terá encontrado, por certo, a zona do desporto. Foi uma delícia admirar os jogadores das várias espécies de malha, quase todos da margem Sul do Tejo, cuja técnica só é igualada pelos atletas de alta competição. E isto tanto é válido para a malha corrida como para a malha pesada. Ou quedar-se junto aos jogos tradicionais, onde pôde lançar o pião, com a compreensível inabilidade provocada por anos e anos sem prática, lembrar-se da agilidade mental exigida pelo jogo do galo, ou lançar as argolas, como se fazia há anos em todas as romarias do Norte do País.

Muitos camaradas paravam, para ver ou jogar, no pavilhão do xadrez, que o era também das damas e da bizarro mah-jong, ou no do tiro com carabina de precisão para testarem a pontaria. Que era também um modo fácil e rigoroso de avaliarem o valor

calórico dos restaurantes da Festa e os volts das botelhas das mais variadas regiões vinícolas do país.

Houve quem escolhesse – e esses eram os mais novos – as modalidades radicais, como a escalada ou o slide, este sobrevoando o lago artificial da Festa e proporcionando uma vista fabulosa do Seixal, do Tejo e de Lisboa. Outros preferiram, praticando ou como simples espectadores, os desportos colectivos, como o futsal, o andebol ou o basquetebol.

No entanto, o ponto mais forte do programa terá sido a Corrida da Festa, que reuniu mais de milhar e meio de atletas, federados e popula-



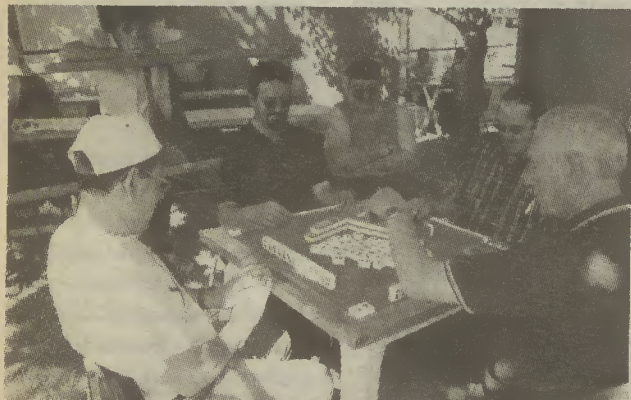
res, de todos os pontos do País, para cobriram os 10 mil metros da prova, este ano aberta também a juniores.

Curiosa foi a participação de equipas de imigrantes do Leste no torneio de futsal, o que demonstra que a Festa do Avante também pode dar uma óptima contribuição para a integração dos trabalhadores estrangeiros na sociedade portuguesa.

Apesar de toda esta oferta lúdica, a Festa não esqueceu que o fenómeno desportivo assume uma grande impor-

tância nas sociedades modernas. Daí a razão do debate sobre «Desporto para todos», um lema que as autarquias da CDU perfilham desde há muito e concretizam com êxitos assinaláveis.

A Festa são três dias... Foram três dias que encheram de prazer quem gosta do desporto pelo desporto, quem encontra nesta actividade um meio para conviver, fazer amigos e consolidar amizades. É também assim que os comunistas entendem o desporto.



Classificações

- 1.º - **Luís Jesus** - Grupo Desportivo Rec. Conforlimpa (Seniores)
- 2.º - **Artur Santiago** - União Rec. Dafundo (Seniores)
- 3.º - **Paulo Galego** - Joma (Seniores)
- 4.º - **Manuel Damião** - Maratona Clube Portugal (Seniores)
- 5.º - **Carlos Miguel** - Centro Trab. Serv. Prisionais (Seniores)
- 6.º - **Carlos Alves** - Boavista do Pico (Seniores)
- 7.º - **Pedro Pessoa** - Individual (Seniores)
- 8.º - **Eugénio Neto** - Grupo D. Reboleira (Veteranos I)
- 9.º - **Amílcar Duarte** - Amora Futebol Clube (Veteranos I)
- 10.º - **Numo Romão** - Grupo D. Reboleira (Seniores)
- 11.º - **Sebastião António** - Centro Cult. Rec. Alto do Moinho (Seniores)
- 12.º - **Márcio Luís** - Macedo Oculista (Seniores)
- 13.º - **Eduardo Fernandes** - Amora Futebol Clube (Seniores)
- 14.º - **Hugo Fortuna** - Vitória F. C. (Juniões)
- 15.º - **Delfim António** - Sementes Ribeira Nova (Seniores)
- 16.º - **Luís Coelho** - União Rec. Dafundo (Seniores)
- 17.º - **Pedro Faria** - Mem Martins S. Clube (Juniões)
- 18.º - **Mário Pinela** - Vitória F. C. (Seniores)
- 19.º - **José Carlos** - União Rec. Dafundo (Seniores)
- 20.º - **José Parela** - Individual (Seniores)
- 21.º - **Paulo Ramos** - Câmara Lisboa (Veteranos I)
- 22.º - **Silvestre Gomes** - União Rec. Dafundo (Veteranos II)
- 23.º - **António Janeiro** - União Rec. Dafundo (Seniores)
- 24.º - **José Santos** - Individual (Seniores)
- 25.º - **Carlos Figueira** - Clube Desportivo Asas do Milénio (Seniores)
- 26.º - **Luís Allan** - Soc. Musical Ordem Progresso (Seniores)
- 27.º - **Jorge Reis** - União Rec. Dafundo (Veteranos I)
- 28.º - **José Gil** - Grupo D. Reboleira (Veteranos II)
- 29.º - **Manuel Gaboeiro** - Sport União Caparica (Seniores)
- 30.º - **Caria Colaço** - Prazer da Corrida (Seniores)
- 31.º - **António Santos** - Macedo Oculista (Seniores)
- 32.º - **Carlos Carrapeto** - Boavista do Pico (Seniores)
- 33.º - **José Prata** - Centro Trab. Serv. Prisionais (Seniores)
- 34.º - **José da Luz** - União de Recreio Dafundo (Seniores)
- 35.º - **David Fernandes** - Vitória F. C. (Seniores)
- 36.º - **Paulo Gonçalves** - Centro Trab. Serv. Prisionais (Seniores)
- 37.º - **José Chicharo** - Centro Trab. Serv. Prisionais (Seniores)
- 38.º - **Manuel Franclim** - Grupo Desportivo do Cavadas (Veteranos II)
- 39.º - **António País** - Centro Cultural Desp. O Alvitejo (Seniores)
- 40.º - **Vitor Santos** - Centro Cultural Desp. O Alvitejo (Seniores)
- 41.º - **Paulo Felix** - União Rec. Dafundo (Veteranos I)
- 42.º - **Rui Afonso** - G. D. União da Azóia (Seniores)
- 43.º - **Francisco Teixeira** - Mem Martins S. Clube (Seniores)
- 44.º - **Vergílio Gomes** - Macedo Oculista (Seniores)
- 45.º - **António Lopes** - União Rec. Dafundo (Seniores)
- 46.º - **João Rodrigues** - Sementes Ribeira Nova (Veteranos I)
- 47.º - **Rui Infante** - Associação Atl. Lebres do Sado (Seniores)
- 48.º - **Joaquim Delgado** - Amora Futebol Clube (Veteranos I)
- 49.º - **Mário Marques** - Ingleses Futebol Clube (Veteranos I)
- 50.º - **Nelson Santos** - Centro Cult. Desp. O Alvitejo (Seniores)

Por equipas

- 1.º - **União Rec. Dafundo**
 - 2.º - **Grupo D. Reboleira**
 - 3.º - **Vitória F. C.**
 - 4.º - **Centro Sociocult. Trab. Serv. Prisionais**
 - 5.º - **Amora Futebol Clube**
 - 6.º - **Macedo Oculista**
 - 7.º - **Centro Cultural Rec. Alto do Moinho**
 - 8.º - **Boavista do Pico**
 - 9.º - **Centro Cultural Desp. O Alvitejo**
 - 10.º - **Sementes Ribeira Nova**
 - 11.º - **Centro Atl. Baixa da Banheira**
 - 12.º - **Soc. Cruz Quebradense**
 - 13.º - **Linda-a-Pastora Sporting Clube**
 - 14.º - **Grupo Desportivo Ferroviários Barreiro**
 - 15.º - **Câmara Lisboa Clube**
- (O primeiro lugar entre as mulheres foi para **Lúcia Dias**, do Sporting Clube de Portugal)



Corrida da Festa

Vitória dedicada à gente do trabalho

«Esta minha vitória é uma homenagem à gente do trabalho» – sublinhou Luís Jesus, o valoroso atleta da Conforlimpa, logo depois de ter sido o mais rápido a cobrir os 10 mil metros da Corrida da Festa.

A edição deste ano da prova, que reuniu cerca de 1600 atletas, encurtou para as duas léguas. E isto porque, pelos regulamentos da FIAA, os juniores não podem participar em corridas acima daquela distância. A organização da prova decidiu-se então pela mencionada alteração, modo de chamar à corrida muitas centenas de jovens de todo o País.

Como sempre tem acontecido, o mais importante para os atletas, que os havia de todas as idades, não foi subir ao pódio e receber taças, mas participar, agora fazendo desporto, no prolongamento da grande confraternização que é a Festa do Avante. E para o efeito se reuniram todas as condições, desde a uma organização sem falhas até à escolha do percurso, bordejando a magnífica Baía do Seixal.

Como dissemos, Luís Jesus venceu com relativa facilidade, até porque é um atleta de créditos afirmados. «Posso dizer que não tenho vocação partidária, mas sei reconhecer quem luta pelos direitos de quem trabalha» – sublinhou ainda ofegante, logo depois de cortar a meta, instalada nas margens do lago artificial. «É que eu comecei a trabalhar aos 12 anos de idade.»

Uns ferrinhos na Corrida da Festa, entre muitos outros, são os elementos da equipa da Autocoope, a cooperativa de táxis de Lisboa. Podem ficar quase sempre nos últimos lugares, o que



não os impede de ostentarem depois da prova um admirável sorriso de satisfação. «Há alguns da nossa equipa que são totalistas da Corrida da Festa. Até já chegámos a correr de braço ao peito!»

É isto a Corrida da Festa: um perfeito casamento a três – exercício, alegria e satisfação!

Luís Jesus e Lúcia Dias, os primeiros classificados da Corrida da Festa



Classificações

Chinquilho

- 1.º - Forninho
- 2.º - Os Ídolos da Anunciada
- 3.º - Os Amigos
- 4.º - 5 de Outubro
- 5.º - Brejos

Malha Pequena

- 1.º - Sempre Fixe
- 2.º - Pluricoop Alhos Vedros
- 3.º - União Banheirense
- 4.º - Arroteseense
- 5.º - A. A. Arroteseense
- 6.º - União Pires
- 7.º - Vontade do Povo

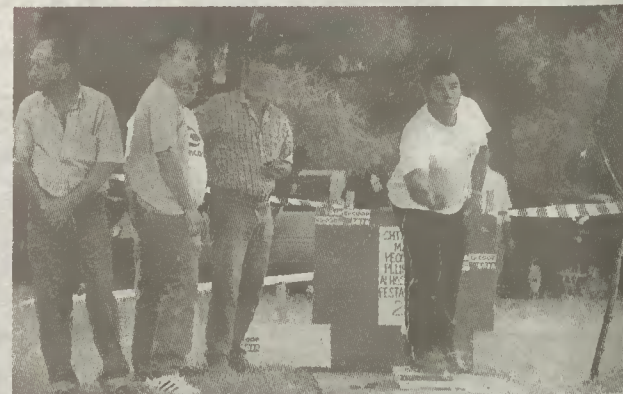
Malha Corrida

(Singular)

- 1.º - José dos Ramos
- 2.º - Henrique
- 3.º - Vasco Rodrigues
- 4.º - Joaquim Maria

(Colectivo)

- 1.º - Equipa Manuel Varelo
- 2.º - Alvalade do Sado
- 3.º - Aldeia dos Chãos
- 4.º - Amigos do Chinquilho de Setúbal



Xadrez muito concorrido

O pavilhão do xadrez esteve sempre particularmente animado. Quem quisesse podia passar por lá com um amigo, sentar-se à frente de um tabuleiro e jogar uma partida, ou assistir ao torneio, que esteve muito concorrido, ou às simultâneas contra Sara Monteiro, vice-campeã nacional de sub-20 e várias vezes campeã distrital, e Ruben Pereira, campeão nacional de sub-12 e, segundo a generalidade dos especialistas, a «grande esperança do xadrez nacio-

nal». As mesas estiveram sempre ocupadas, mesmo nas sessões consagradas ao ensino do xadrez. A este facto não deve ser estranho o grande esforço, que se tem feito nos últimos tempos, orientado para o desenvolvimento do xadrez, muito particularmente nas autarquias da CDU. O Seixal, por exemplo, tem-se notabilizado neste particular.

«Estiveram aqui a jogar xadrez muitas centenas de amantes da modalidade de todos os cantos do País e de todas as idades. Este



ano até apareceram alguns estrangeiros, lembro-me de espanhóis e holandeses»,

disse-nos um dos camaradas responsáveis pelo pavilhão.

Torneio de Tiro ao Alvo com Chumbo

Pistola

(Singular)

- 1.º - Domingos Rodrigues
- 2.º - Francisco Silva
- 3.º - Carlos Pereira
- 4.º - Pedro Faria
- 5.º - José Costa

(Colectivo)

- 1.º - GNR
- 2.º - GDR Unidos da Recosta
- 3.º - PSP

Carabina

(Individual - Juniores)

- 1.º - Filipa Galvão
- 2.º - Ricardo Cândido
- 3.º - Júlio Galvão
- 4.º - Luís Antunes
- 5.º - Igor Pestana

(Colectivo - Juniores)

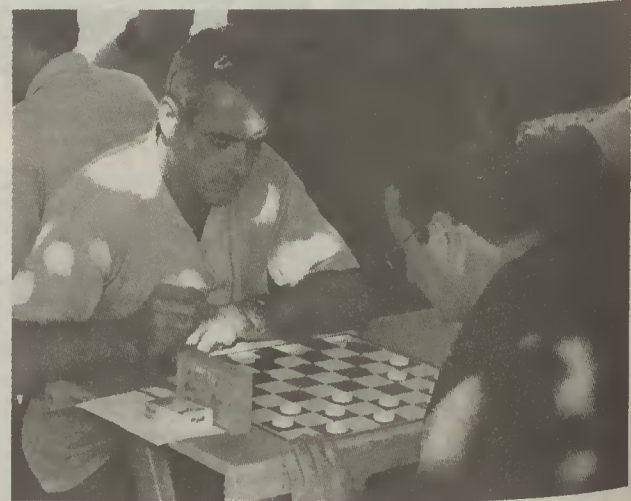
- 1.º - GDR Unidos da Recosta
- 2.º - Clube Lisnave
- 3.º - GDB Faria
- 4.º - Grupo Desportivo R. Portugal

(Individual - Seniores)

- 1.º - Filipe Galvão
- 2.º - Manuel Duarte
- 3.º - Joaquim Colaço
- 4.º - João Tiago Martins
- 5.º - José Cartaxo

(Colectiva - Seniores)

- 1.º - GDR Unidos da Recosta
- 2.º - CRAQS
- 3.º - Clube Lisnave
- 4.º - Associação Pára-quadistas de Setúbal
- 5.º - Brejos de Faria
- 6.º - Desportivo Portugal
- 7.º - Juventude Desportiva Cidade Sol
- 8.º - Estrelas do Feijó

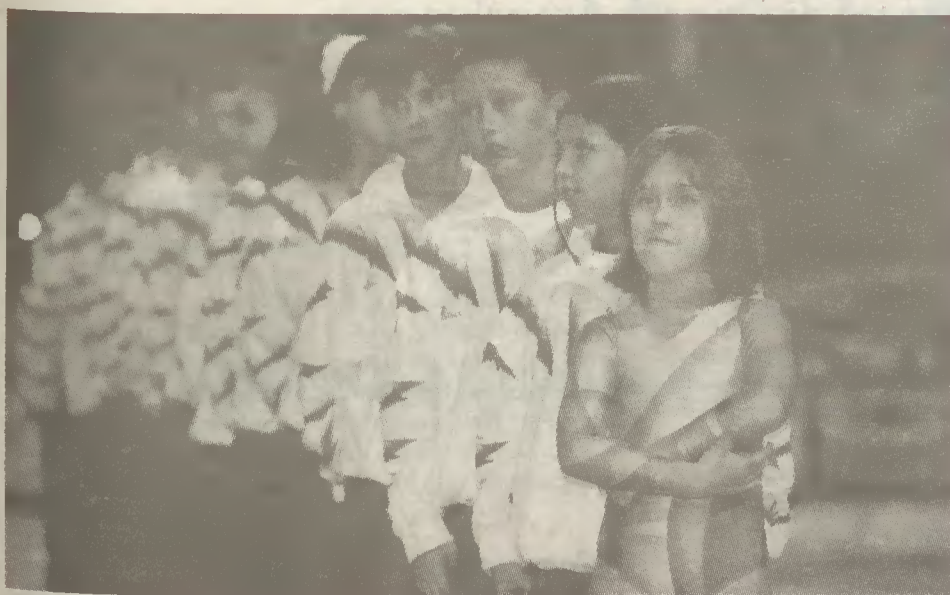


Damas

- 1.º - João Carlos
- 2.º - José Pereira
- 3.º - Daniel Freitas
- 4.º - Tomás Pinto
- 5.º - Artur Gomes
- 6.º - Daniel Machado
- 7.º - João Mendes
- 8.º - Leandro Lopes
- 9.º - Tavares Correia
- 10.º - Bento Soares
- 11.º - Artur Henriques
- 12.º - Carlos Santos
- 13.º - António Borrego
- 14.º - Sebastião Ferreiro
- 15.º - Domingos Fernandes
- 16.º - Manuel Duarte
- 17.º - José Brita

Xadrez

- 1.º - Ruben Pereira
- 2.º - Tiago Silva
- 3.º - Herder Figueiredo
- 4.º - Marinus Luks
- 5.º - Vítor Miguel
- 6.º - Francisco Correia
- 7.º - Gonçalo Dias
- 8.º - Rogério Pires
- 9.º - Sara Monteiro
- 10.º - Ana Veríssimo
- 11.º - Ana Jardim
- 12.º - Helder Pinho
- 13.º - Flávio Sousa
- 14.º - Carlos Santos
- 15.º - Inês Tlemçani
- 16.º - João C. Rodrigues
- 17.º - Tiago Cardoso
- 18.º - Pedro Martins
- 19.º - Javne Taffala
- 20.º - Miguel Gonçalves
- 21.º - Haroun Tlemçani
- 22.º - Yuori Amaro
- 23.º - Guilherme Sallas
- 24.º - João Fonseca
- 25.º - João Rodrigues



Novo espaço na Festa

Jogos para não esquecer

Uma inovação no desporto da Festa: uma área reservada para jogos tradicionais, alguns que, por certo, só os nossos pais ou avós se lembrarão. É uma maneira de, através da nossa Festa, preservarmos práticas desportivas e culturais que, por vias de muitos factores, estão a passar em termos acelerados ao mais completo esquecimento.

Foi curioso ver, sábado e domingo, representantes de todas as gerações experimentando jogos que ou viam pela primeira vez ou haviam pertencido ao mundo da sua meninice. Muitos desses jogos punham em saudável e feliz confronto miúdos e graúdos, pais e filhos ou avós e netos.

E que jogos eram esses? A maior parte deles, bem conhecidos; outros, difíceis de identificar, até porque eram, como se diz em linguística, localismos: ringues, piões, cordas de saltar, físgas, também chamadas fundas, atiradeiras ou esticas, segundo a terra, o mundial jogo do galo e as não menos universais andas, arcos de gancheta, jogo do túnel e jogo do burro, sapos ou rãs, jogo das argolas, jogo dos sapatos, jogo dos esquis, jogo do ratinho ou dos queiji-

nhos, corrida das garrafas e jogo da esfera. Enfim, eram tanto que algum deve ter ficado esquecido.

«Só é pena não termos mais exemplares de cada jogo, pois isto está sempre

cheio. Basta observar» – diz-nos uma das orientadores deste espaço original. A aposta nesta inovação foi ganha. Para o ano lá estaremos, desta vez para experimentar.



Exposição e debate

Luzes escondem negociatas

Na Festa há tempo e oportunidade para tudo, até para pensar em coisas bem sérias, como é o fenómeno desportivo. Perante um público atento, Melo de Carvalho e Carlos Rabaçal encarregaram-se de chamar a atenção para algumas desgraças com que os sucessivos governos castigam o desporto que vamos tendo.

Estes especialistas reafirmaram realidades cruéis, como a do Governo «abrir linhas de crédito bonificado para a construção dos estádios que vão servir o Euro-2004, ao mesmo tempo que corta o crédito bonificado aos jovens».

Depois, estamos a assistir à «construção de equipamento desportivos sem qualquer planificação» – denunciaram. Isto leva «à construção de pavilhões onde não fazem falta, e à inexistência dos mesmos onde são uma necessidade das populações».

Foi também lembrada a «profunda crise que atravessa o futebol a nível mun-

dial», com grandes clubes na iminência de fecharem as portas. «Por trás das luzes do fenómeno desportivo», como é entendido e orientado pelos nossos governantes, há «muita podridão». No nosso país, por exemplo, «há muitas centenas de futebolistas com salários em atraso». Apesar disso, «vamos gastar uns 560 milhões de euros» em estádios. «São estádios demasiado caros, são estádios com lugares em excesso». E foi lembrado que, para essa magalomania futebolística, a UEFA diz não entrar com mais de 40 milhões de euros.

«Muitas vezes, o desporto praticado entre nós nem sequer corresponde ao politicamente correcto» – uma denúncia a reforçar outra: «O habitual é que quase todas as manifestações desportivas firam o formação e o altruísmo – doping, corrupção e outras práticas condenáveis são coisa corrente». Por conseguinte, pergunta-se: «Valerá a

pena um desporto com estas características? Ou queremos um outro desporto?» O que «não podemos é continuar a assistir a uma avalanche de fenómenos negativos, e não só no desporto».

É uma tristeza que assim seja, até porque «estudos científicos demonstram que a prática regular e adequada de actividade física contribui para a elevação da qualidade de vida».

O PCP não se limita a denunciar o que está mal. Perante este panorama confrangedor, ressalta o trabalho que nesta área tem sido desenvolvido pelos comunistas, sob a sigla CDU nas autarquias, desporto para todos!

O que é preciso, como foi realçado nesta enriquecedora troca de opiniões, é «organizar o desenvolvimento desportivo segundo as necessidades das populações». O PCP esforça-se nesse sentido, como o prova a trabalho das autarquias que encabeça e que por todos é reconhecido.



A talhe de foice

• Henrique Custódio

Vergonha

Um escândalo está a receber imensas cautelas e caldos de galinha por parte da quase generalidade dos comentadores, quando não mesmo a pura omissão das evidências mais chocantes.

Falamos do caso Paulo Portas/Universidade Moderna.

Não se sabe porquê, tanto as nunca explicadas como suspeitas relações de Paulo Portas com a Moderna sempre beneficiaram de uma inacreditável benevolência.

Resumamos.

O homem foi apanhado há uns anos a conduzir um carro (porque bateu com ele noutra automóvel, em plena avenida lisboeta) e da confusão que se seguiu ficou-se apenas com a ideia de que o bólido conduzido por Portas afinal não era dele mas «da Universidade Moderna», deixando-se por explicar tanto o insólito de uma faculdade privada ser proprietária de carros de 40 mil contos como, sobretudo, o de os «emprestar» a Paulo Portas para as suas passeatas, ficando na sombra que tipo de relações existiam entre o líder do PP e a instituição em causa.

O tempo foi passando, a gestão da Universidade Moderna deu no escândalo que se sabe e o nome de Paulo Portas transformou-se de associado permanente ao caso em testemunha concreta a depor em tribunal, enquanto o processo continua, num desfiar constante e crescente de crimes vários imputados aos responsáveis da instituição, onde pontificam acusações como branqueamento de capitais, corrupção e tráficos diversos. Como quem escapa por entre os intervalos da chuva, Paulo Portas lá se tem safado de mais averiguações depondo simplesmente por escrito explicações que, até ao momento, estão longe de satisfazer o tribunal e a investigação.

No decorrer do processo, surgem agora novas e graves suspeitas ligando Portas às tráfalhas da Moderna, nomeadamente com a denúncia concreta em tribunal, feita por um perito da Procuradoria-Geral da República, de que esta não apenas financiou obras de 2.500 contos na sede do PP como fez «pagamentos sem justificação» a Paulo Portas na ordem dos 22.500 contos, tal como não dá explicações para 56 mil contos que teriam sido pagos à empresa «Amostra», chefiada por Paulo Portas, mas de que esta não regista qualquer recebimento...

Que faz Paulo Portas, perante tal bola de neve que não pára de enrolar o seu nome num crescente enlameamento?

Explica-se ao País, sem equívocos ou tergiversações, expondo em pormenor as suas ligações à Moderna?

Responde às graves suspeitas, anulando-as através da clarificação dos seus actos?

Demite-se do cargo de ministro da Defesa – como seria de esperar – até que tudo se esclareça?

Nada disso.

Em vez de explicações, esclarecimentos ou demissão ética, Paulo Portas prefere apoiar a sua correligionária, ministra da Justiça, a demitir a magistrada que tutelou, entre outros, o processo da Moderna, ao mesmo tempo que considera uma «condecoração» os protestos e acusações à sua conduta pelos partidos de oposição...

E continua a assobiar para o ar, como sempre fez, acrescentando às pesadas suspeitas do seu envolvimento com o «caso Moderna» este novo acto, não menos suspeito, de utilizar o poder que exerce para influenciar o afastamento de quem, comprovadamente, já demonstrou capacidade e determinação para investigar até ao fim crimes de «colarinho branco».

De que, por acaso, é paradigma este «caso Moderna»...

Entretanto, Durão Barroso já veio afirmar o seu apoio a Portas, mostrando que a falta de vergonha também já alastra pelo Governo.

Antigo inspector da ONU
contradiz norte-americanos

Iraque não é ameaça nuclear

À falta de provas relativas ao desenvolvimento de armas nucleares pelo Iraque, os Estados Unidos procuram justificar um ataque.

«O Iraque não representa uma ameaça para os seus vizinhos e não age de forma a ameaçar ninguém fora das suas fronteiras», afirmou, na passada segunda-feira, Scott Ritter, antigo inspector da ONU responsável pelo desarmamento do Iraque. Segundo a Lusa, Ritter lembrou também que nos anos em que exerceram funções naquele país do Golfo (entre 1991 e 1998), os inspectores da ONU não encontraram provas de que o Iraque possuísse armas de destruição massiva ou que tentasse adquiri-las. Ritter, que foi *marine* dos Estados

As imagens que Bush e Blair usam como prova não revelam nada

Unidos e se demitiu das suas funções de observador em 1998, qualificou os ataques norte-americanos e britânicos ao Iraque, logo após a retirada dos inspectores, como um «erro terrível», que consistia em «bombardear por bombardear».

Também a Agência Internacional de Energia Atómica (AIEA) nega ter quaisquer provas de um alegado desenvolvimento pelo Iraque de armas nucleares. Citado pela Lusa, Mark Gwozdecky, porta-voz da agência, negou em Viena a existência de provas, lembrando que o máximo que a AIEA possui são imagens

que revelam a construção de edifícios em locais anteriormente inspeccionados, o que não «permite conhecer o que se passa no terreno». Lembra-se que estas imagens foram citadas por George W. Bush e Tony Blair como provas de desenvolvimento de armas nucleares pelo Iraque.

Qualquer razão serve

Donald Rumsfeld, secretário da Defesa norte-americano, vai mais longe, confessando ser impossível saber do exterior se o Iraque dispõe, de facto, de armas nucleares. O problema, agora, será o alegado apetite das autoridades iraquianas por este tipo de armas. Já o secretário de Estado, Colin Powell, adiantou que o presidente Bush «conservará toda a sua autoridade para agir de

uma forma apropriada», quaisquer que sejam os apoios que a possível acção militar venha a obter.

Portugal e Espanha, que se afirmam defensores da via da pressão diplomática, já se prontificaram a apoiar outras alternativas, nomeadamente o ataque armado ao país.

O ministro iraquiano do Comércio, Mohammad Mehdi Saleh, reagiu às afirmações dos responsáveis norte-americanos, destacando que o seu país está pronto para fazer face a qualquer ataque militar. «Esperamos evitar esta guerra mas se ela nos for imposta combateremos para defender a nossa terra, a nossa soberania e a nossa independência», afirmou o ministro iraquiano, que se deslocou ao Cairo para participar nas reuniões do Conselho da Liga Árabe.

Sindicatos preparam luta

Tal como tinham por diversas vezes anunciado, os sindicatos filiados na CGTP-IN preparam a luta contra as mais negativas medidas do Governo de direita, como o Código do Trabalho ou a introdução dos disponíveis, chamados supranumerários. Relativamente a esta última medida, os sindicatos mantêm, apesar da promulgação da lei por parte do Presidente da República, na passada

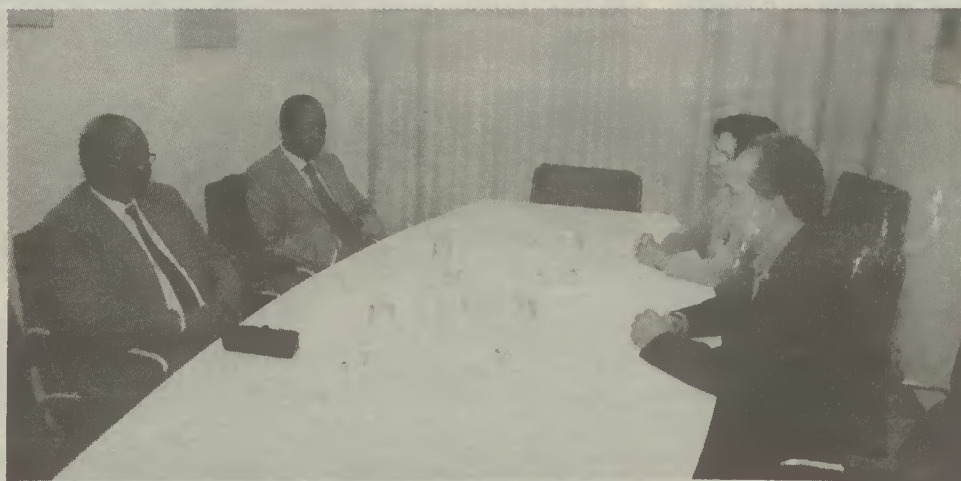
segunda-feira, a sua convicção de que se trata de uma medida inconstitucional, já que, na prática, pode funcionar como um despedimento. Esta lei prevê que os trabalhadores «disponíveis» ou «supranumerários», nomeadamente dos institutos alvo de extinção, reestruturação ou fusão, tenham que aceitar qualquer função que lhes seja proposta. Não sendo colocados perdem progressi-

vamente o seu salário. Os sindicatos consideram a lei inconstitucional e já afirmaram a sua determinação em continuar a luta contra estas medidas.

O Código do Trabalho também foi alvo de discussão no início de Setembro pelos sindicatos. Realiza-se hoje, no Porto, um plenário distrital de dirigentes, delegados e activistas sindicais e membros de comissões de traba-

lhadores para discutir as alterações às leis laborais propostas pelo Governo PSD/PP. Reunião semelhante realizou-se ontem em Lisboa. Em Coimbra, o plenário regional teve lugar anteontem. Todas estas reuniões, às quais outras se seguirão, tinham como objectivos principais a preparação da resposta sindical aos ataques do Governo às leis laborais e à Segurança Social pública e universal.

Encontro com a Frelimo



No dia 9 de Setembro, Carlos Carvalho, Secretário-Geral do PCP, encontrou-se no CT da Soeiro Pereira Gomes, com Armando Guebuza, Secretário-Geral do Partido Frelimo. Foram trocadas informações sobre a situação nos respectivos países e outras questões de interesse comum e confirmadas as relações tradicionais de amizade e cooperação entre o PCP e o Partido Frelimo

Agenda do PCP

Na Moita realiza-se hoje, quinta-feira, a partir das 20 horas, no Centro de Trabalho do PCP, um jantar-convívio de solidariedade com o povo palestino, a que se segue uma visita ao Pavilhão do PCP/JCP nas Festas da Moita. Estará presente Salah El-Qatta, Conselheiro da Palestina em Portugal.

Ainda na Moita e também no Centro de Trabalho do PCP, terá lugar amanhã, sexta-feira, com início às 21 horas, uma Noite de Fados com António Domingos.

Em S. João da Madeira realiza-se amanhã, sexta-feira, às 21 e 30, uma reunião plenária da organização concelhia para tratar questões da situação política e iniciativas próximas do Partido.

PCP bate record na Internet

A página do PCP na Internet bateu mais um record de visitas nos dias que antecederam a Festa do Avante!. O número de pessoas que procurou informação sobre a Festa, na Internet, foi três vezes superior em relação ao ano passado, atingindo o seu máximo na sexta-feira, dia 6 de Setembro, onde se registaram 131.023 páginas vistas (<http://www.pcp.pt/estatisticas/index.html>).

As páginas dedicadas à Festa do Avante! foram as mais procuradas pelos visitantes do site www.pcp.pt, seguindo-se edição electrónica do jornal Avante!.

